



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PAULO CÉSAR DE LIMA ANDRELINO

**RELIGIÃO E MERCADO EM JUAZEIRO DO NORTE:
EXPRESSÃO DO SAGRADO E DO CONSUMO RELIGIOSO
NA TERRA DO MEU “PADIM”**

RECIFE/2013

PAULO CÉSAR DE LIMA ANDRELINO

**RELIGIÃO E MERCADO EM JUAZEIRO DO NORTE:
EXPRESSÃO DO SAGRADO E DO CONSUMO RELIGIOSO
NA TERRA DO MEU “PADIM”**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Linha de Pesquisa: Campo religioso brasileiro, cultura e sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

A555r

Andrelino, Paulo César de Lima.

Religião e Mercado em Juazeiro do Norte: expressão do Sagrado e do consumo religioso na terra do meu “Padim” / por Paulo César de Lima Andrelino – 2013.
111f. il.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral
Cópia de computador (printout)

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Mestrado em Ciências da Religião, Recife, 2013.

1. Romaria 2. Comércio religioso 3. Ciências da Religião.
I. Newton Darwin de Andrade Cabral (Orient.) II. Universidade Católica de Pernambuco – Mestrado em Ciências da Religião. III. Título.

CDD: 261.85

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Rafaelle Gleice dos Santos, CRB 3/1264-Faculdade Paraíso do Ceará.

Para citar este documento:

ANDRELINO, Paulo César de Lima. **Religião e Mercado em Juazeiro do Norte**: expressão do Sagrado e do consumo religioso na terra do meu “Padim”. Recife (PE): UNICAP, 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, 2013.

PAULO CÉSAR DE LIMA ANDRELINO

**RELIGIÃO E MERCADO EM JUAZEIRO DO NORTE:
EXPRESSÃO DO SAGRADO E DO CONSUMO RELIGIOSO
NA TERRA DO MEU “PADIM”**

Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Sylvana Maria Brandão de Aguiar
Avaliadora Externa – UFPE

Prof. Dr. Drance Elias da Silva
Avaliador Interno – UNICAP

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral – UNICAP
Orientador

RECIFE/2013

Dedico a todos os interessados na busca constante do conhecimento sobre o dinamismo que une as dimensões do sagrado (romarias) e do profano (comércio) na terra do Padre Cícero.

AGRADECIMENTOS

Como poderia eu chegar a galgar tamanha alegria se não fosse, primeiramente, Deus, que, em toda a sua misericórdia, usou de amor para com este pequeno instrumento no mundo acadêmico, para, ainda assim, dar sua minúscula contribuição.

Aos meus pais, em memória. Que o bom Deus os levou antes que pudessem comigo celebrar, aqui na terra, a alegria e a certeza de mais um passo conquistado na história da minha vida.

A minha família e a meus amigos. São inúmeros os que contribuíram para que esta dissertação pudesse ser gestada e viesse à luz.

À Diocese do Crato, na pessoa de Dom Fernando Panico – bispo diocesano –, que acreditou no projeto proposto e me estimulou a avançar para águas mais profundas, sempre me encorajando.

Minha gratidão a todos os que ocupam lugar de privilégio em meu coração e caminham comigo, tanto na conclusão deste trabalho quanto em outras atividades as quais me dedico, assim como as irmãs da Glória que estiveram participando de cada passo nesse mestrado, muito obrigado irmãs. Meus agradecimentos aos diretores do Colégio Paraíso e Faculdade Paraíso, que souberam, na minha ausência, compreender tamanha luta para mais uma conquista na vida acadêmica.

Não posso esquecer meu estimado e sábio orientador, o professor Doutor Newton Darwin de Andrade Cabral que, como homem modesto, embora riquíssimo de sapiência, esteve presente em todos os momentos desta caminhada acadêmica, norteando-me e motivando novas reflexões, contribuindo para que surgisse o conteúdo hora apresentado. Muito obrigado professor!

Agradeço, ainda, aos demais docentes do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

“Em cada casa um oratório, em cada quintal uma oficina”
Padre Cícero
(CORDEIRO, 2011, p. 42)

RESUMO

O trabalho se propôs a fazer uma análise crítica acerca do envolvimento direto da pessoa do romeiro com uma realidade de comércio na cidade de Juazeiro do Norte, onde o visitante torna-se significativa moeda de valor. Acima de tudo, é buscado o lucro, o que se permite fazer uma leitura do romeiro não como uma criatura, mas como um referencial de valor monetário, enredado no mercado consumista que se entrelaça entre mercadorias e pessoas que visam apenas as vantagens financeiras. As lojas, hospedarias e todos os demais estabelecimentos comerciais almejam os tão esperados períodos de romaria, na certeza de garantir uma estabilidade econômica até o próximo evento que marca o calendário das idas à terra do Padre Cícero. Embora a fé e o mercado se misturem, o romeiro, devoto de fato, busca o sagrado utilizando-se de variados percursos e ritos para agradecer alguma graça alcançada em tempos precedentes. As igrejas da cidade favorecem os romeiros com celebrações ininterruptas, embora também elas abram seus cofres para que neles se materializem os sentimentos dos romeiros agradecidos. A pompa, muitas vezes presenciada nas missas celebradas com os romeiros, permite que eles percebam ser o templo-igreja o lugar onde de forma mais fácil Deus ouve suas preces e rogos. Por isso, a pesquisa se pautou por refletir tal realidade, analisando com prudência e lógica criteriosa, as posturas dos romeiros, do mercado e da Igreja Católica frente à relação entre o sagrado – manifesto na prática das romarias – e o profano – personificado no consumo dos objetos, sacros ou não, expostos no mercado da “cidade santa”.

Palavras-chave: Romaria; Poder; Modelos eclesiais; Comércio religioso.

ABSTRACT

The work aimed to make a critical analysis of the direct involvement of the person with the pilgrim trade a reality in the city of Juazeiro, where the visitor becomes significant amount of money. Above all, profit is sought, which allows to do a reading of the pilgrim not a creature, but as a benchmark for monetary value, enmeshed in consumerist market that is interwoven between goods and people who seek only the financial benefits. The shops, hostels and all other commercial establishments crave the long-awaited pilgrimage periods, certain guarantee economic stability until the next event that marks the timing of trips to the land of Father Cicero. Though faith and market mix, the pilgrim, devotee of fact, the sacred quest using a variety of routes and rituals to thank some grace achieved in previous times. The churches of the city favor the pilgrims with nonstop celebrations, although they also open their coffers for them to materialize the feelings of grateful pilgrims. The pomp often witnessed in Masses celebrated with the pilgrims allows them to perceive to be the temple-church where more easily God hears your prayers and entreaties. Therefore, the research is guided by reflecting this reality, analyzing prudently and judiciously logic, the attitudes of the pilgrims, the market and the Catholic Church opposite the relationship between the sacred - manifest in the practice of pilgrimages - and profane - personified in the consumption of objects, sacred or not, the market exposed the "holy city".

Keywords: Pilgrimage, Power; Models ecclesiastical, religious Trade

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO	DESCRIÇÃO	Pág.
01	Registro de bens do sacerdote	32
02	Casa museu do Padre Cícero	45
03	Estátua do Padre Cícero no Horto – Juazeiro do Norte	46
04	Comércio informal na praça perto da Igreja do Socorro	50
05	Loja onde são vendidos alguns artigos das romarias	60
06	Ex-votos em forma de agradecimento	66
07	Santuário de São Francisco em Juazeiro do Norte	69
08	Santuário de São Francisco das Chagas (1º de novembro de 2011)	91
09	Museu do Padre Cícero: cama onde dormia o “santo do Nordeste”	93
10	Santuário de Aparecida (SP)	94
11	Cofre em frente à imagem de Nossa Senhora da Piedade	95
12	Acesso principal ao altar da Missa	95
13	Quiosque de venda de água localizado fora do templo	96
14	Baú no Santuário do Sagrado Coração de Jesus – Juazeiro do Norte	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PADRE CÍCERO E JUAZEIRO DO NORTE: aspectos históricos	13
1.1 <i>Homem, simplesmente homem</i>	13
1.2 <i>Trabalho e santidade</i>	16
1.3 <i>Pessoas de fé, desenvolvimento à vista</i>	18
1.4 <i>Um sacerdote e a Igreja</i>	21
1.5 <i>Homem de oração e de vida política</i>	23
1.6 <i>Servir à Igreja ou ao Juazeiro</i>	25
1.7 <i>Uma fortuna para os salesianos</i>	28
1.8 <i>O atual clero do Crato e as memórias de Cícero</i>	33
1.9 <i>Minha defesa quem fará?</i>	36
2 JUAZEIRO DO “MEU PADIM” RUMO AO DESENVOLVIMENTO	41
2.1 <i>Gênese do desenvolvimento</i>	41
2.2 <i>Oração e por que não grandes avanços?</i>	43
2.3 <i>Comércio sacro na “terra do milagre”</i>	48
2.4 <i>Modernização a partir dos novos empreendimentos</i>	51
2.5 <i>Desenvolvimento regional na terra do Padre Cícero</i>	52
2.6 <i>Fé, trabalho e lucratividade: o desenvolvimento do Cariri</i>	56
2.7 <i>O simbólico como patrimônio econômico em Juazeiro do Norte</i>	58
2.8 <i>Comércio e romaria na terra da Mãe de Deus</i>	62
2.9 <i>O fenômeno das romarias e a força ideológica do Padre Cícero</i>	65
3 SAGRADO E PROFANO EM JUAZEIRO DO NORTE	70
3.1 <i>Materialização do sagrado</i>	77
3.2 <i>O espaço como dimensão do sagrado</i>	79
3.3 <i>Romeiros homens e mulheres peregrinos</i>	83
3.4 <i>Romarias à terra do “santo do Nordeste”</i>	85
3.4.1 <i>Romaria de São Francisco</i>	87
3.4.2 <i>Romaria de Nossa Senhora das Dores</i>	89
3.4.3 <i>Romaria de Nossa Senhora das Candeias</i>	90
3.4.4 <i>Romaria de Finados ou da Esperança</i>	90
3.5 <i>Templos e encontros com o sagrado</i>	92
3.6 <i>Templos: lugar convergente de simbologias e estratégias antropológicas</i>	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado traz como tema Religião e Mercado em Juazeiro do Norte: Expressão do Sagrado e do consumo religioso na terra do meu Padim. Obra que foi instigada a ser construída a partir das experiências do autor com o fenômeno romeiro e romarias de modo particular, as romarias de finados que concentram maior quantidade de devotos em Juazeiro do Norte.

As figuras dos romeiros, e seu comportamento, na romaria da Esperança e/ou de Finados chamaram a atenção do pesquisador enquanto pessoas estrangeiras que faziam suas andanças devocionais na cidade em meio a um frenesi econômico surpreendente. É sabido que o comércio de Juazeiro tem uma estrutura de grande porte; ele recebe consumidores dos inúmeros municípios vizinhos, que encontram variados produtos, muitas vezes com um valor mais acessível. Só que aquele comércio parece enlouquecer em período de romarias, especialmente nas romarias da Esperança, ou Finados, quando a população da cidade triplica, haja vista o fato de ela receber mais de meio milhão de visitantes.

O transitar na cidade torna-se uma loucura, uma disputa por vagas para estacionar, calçadas lotadas onde vendedores ambulantes disputam espaço com pessoas. Olhar para o céu é ver claramente uma camada densa de poluição causada pela queima de combustível de tantos veículos dos visitantes, somando-se, ainda, os sons dos carros que disputam com os gritos dos vendedores.

Todo esse cenário construído na cidade de Juazeiro do Norte chama a atenção quando também são vistas lojas de artigos religiosos disputando a presença dos romeiros com gritos de ofertas, promoções, vantagens, chegando-se até a presenciar vendedores tomando os romeiros pelo braço, mais do que convidando-os a adentrarem e comprarem seus objetos. O comércio sacro ganha nova vida, e o brilho dessa vida é certificado pelos romeiros que saem de dentro das lojas carregando em seus braços inúmeras imagens ou outros artigos religiosos.

Se assim é permitido dizer esse “filme” chocou o autor deste trabalho, trazendo inquietações e, ao mesmo tempo, motivações para efetuar-lo, destacando ter percebido que a Igreja Católica, em Juazeiro, criou estruturas de acolhimento nos locais onde os romeiros materializam sua fé em cânticos e preces, mas, também, em ofertas.

A partir dessa visão surgiu esse trabalho intitulado “Religião e mercado em Juazeiro do Norte: expressão do sagrado e do consumo religioso na terra do *meu Padim*”,

no qual recebeu ênfase a romaria da Esperança ou Finados, por ser aquela que mais desperta atenção.

A dissertação foi gestada no município do Juazeiro em meio aos romeiros do Padre Cícero, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um total de vinte romeiros. Também foram feitas algumas fotografias, tanto na cidade de Juazeiro como na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, onde em visita de campo foi averiguada a existência de alguma semelhança com a romaria de Juazeiro do Norte, tanto no que diz respeito ao espaço sagrado, quanto com relação ao do comércio que circunda a referida basílica.

A metodologia usada, portanto, constou de pesquisas de campo, com aplicação de questionários, e leitura de fontes bibliográficas que ora ilustraram os argumentos, ora embasaram a reflexão realizada. A pesquisa foi de base qualitativa e os dados coletados tiveram caráter descritivo, o que exigiu do pesquisador estar atento a todas as situações e acontecimentos em que estavam envolvidos os sujeitos da pesquisa.

O trabalho requereu paciência, reflexão, diálogo e sensibilidade para perceber e não deixar passar nada que alargasse a visão acerca do que se estava buscando descobrir e analisar. Por isso não foi tomado um número maior de romeiros; ao limitá-lo foi intensificada a busca de maior atenção para com as suas experiências. Claro que não se teve como meta esgotar tudo que se possa pensar ou falar sobre os romeiros; visou-se legar à academia mais uma contribuição, ainda que modesta, para que os interessados na temática possam conhecer melhor a dinâmica das romarias e os seus sujeitos.

Por isso, no primeiro capítulo – Padre Cícero e Juazeiro do Norte: aspectos históricos – foi feita uma abordagem sobre a figura do Padre Cícero, com o relato de um pouco da sua história nas seguintes dimensões: o jovem Cícero; o Padre Cícero autoridade eclesiástica; o Padre Cícero autoridade política. No primeiro capítulo o leitor terá informações que lhe ajudarão a, mais na frente, compreender todo o desfecho das romarias.

Foi ao Padre Cícero ou ao político Padre Cícero, Juazeiro deu o seu grande salto na história do Ceará e do mundo. Foi o “coronel” de batina quem, com seus conselhos, fez a roda do desenvolvimento funcionar, levando com o passar do tempo o pequeno vilarejo componente do território da cidade de Crato a se tornar um município autônomo. Esses passos foram primordiais para o desenvolvimento da pequena cidade emancipada. Tamanho foi o desenvolvimento que, hoje, Juazeiro do Norte é conhecida como a metrópole do Cariri, devido ao fato de ela ter uma economia surpreendente, da qual

fazem parte variadas indústrias, instituições de ensino superior, comércios e demais ramos que mantêm viva a cidade conhecida por ser o centro financeiro do Cariri. Dentro dele, destaca-se o comércio religioso com seu contributo para trazer sempre viva a memória do Padre Cícero, o que dá vida às romarias e inflama o contato com a dimensão do sagrado na cidade do “santo do Nordeste”. É esse o conteúdo estudado no segundo capítulo: “Juazeiro do meu padim rumo ao desenvolvimento”.

No terceiro e último capítulos foi examinado mais detidamente o quadro entre *Sagrado x Profano* através de um passeio crítico pelas romarias para perceber se haveria uma ligação, ou afinidades entre elas, que pudessem colaborar com o trabalho. Nesse capítulo investigou-se o que o romeiro entende por sagrado e como o identifica em Juazeiro; o mesmo foi feito em relação à sua compreensão acerca do profano. Foram visitados os espaços reconhecidos pelos romeiros como sagrados: igrejas, cemitério, Horto, Passeio das almas etc., para melhor conhecer todo aquele mundo de significados. Buscou-se estar perto dos padres e bispos, e participar de celebrações para, a partir da observação *in loco*, analisar o que de extraordinário acontece e envolve os romeiros em uma atenção inesperada.

Este é o trabalho que, como todos os realizados no âmbito universitário, exigiu tempo e esforços no intuito de produzir não apenas para acadêmicos, mas, também, para os que se interessam pela vida do Padre Cícero Romão Batista e por tudo o que gravita em sua órbita de influência, como é o caso dos peregrinos e suas andanças em tempos de romarias ao Juazeiro do Norte.

1 PADRE CÍCERO E JUAZEIRO DO NORTE: aspectos históricos

A cidade de Juazeiro do Norte surgiu em um sertão maltratado pela seca e, muitas vezes, olvidado pelos homens. “Castigados e esquecidos”, talvez pudesse ser a ideia dos moradores do vilarejo que labutavam dia após dia pelo pão adquirido com o suor do trabalho no campo. O entendimento desse mundo se dará paulatinamente quando forem aprofundados os tópicos que serão apresentados na dissertação.

1.1 *Homem, simplesmente homem*

Um nome entre todos os nomes, um Cícero ou um Romão. Talvez apenas pela expressão do nome civil, nem todos o conheçam; mas, quando se toma o adjetivo padre e a ele se une o nome Cícero Romão Batista, logo vem à mente a figura de um sacerdote considerado, por grande quantidade de devotos, como santo. Fala-se, aqui, do Padre Cícero, ou do “Padim Ciço”, como também é conhecido. Figura especial de homem que conseguiu atingir, aos olhos do povo, grau de santidade.

Era um nordestino de cabeça “chata”, conforme expressão usada no Ceará para se referir aos próprios cearenses. Nascido aos 24 de março de 1844, na cidade de Crato que, na época, era a de maior porte do interior do Ceará. Conhecida pelas belas serras que a circundam, é o berço famoso que acolheu em seus braços o “santo” do Nordeste.

Filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vivência Romana o Padre Cícero nasceu em uma família de condição média, o que favoreceu a que desse os primeiros passos na condição de jovem que queria ser padre. (LIRA NETO, 2010, p. 24).

Levaria muito tempo para que ele entendesse todo o cenário onde nasceu, cresceu e viveu antes de ir para o seminário. Cenário que o motivou, pois, segundo relatos, desde jovem Cícero apresentava os traços de um homem que se diferenciava das outras pessoas por causa das características bem próprias de um ser voltado para outras dimensões, o que não passava despercebido aos outros.

Desde pequeno, Cícero chamava a atenção dos adultos por seu gosto pela oração: a caminho da escola, entrava na Igreja Matriz para rezar, atrasando-se muitas vezes para aula. Com 4 anos de idade, já conhecia o catecismo e com 8 fez a primeira comunhão. Ainda jovem, sentiu-se atraído pela vocação sacerdotal (COMBLIN, 2011, p. 9).

Difícil imaginar que em uma terra tão sofrida como o Ceará, viesse a surgir um homem que, sendo fruto daquela realidade, depois voltasse sem cogitar que seria o

precursor de uma nova fase para um pequeno lugarejo marcado pelas condições precárias de vida. Juazeiro não passava de uma vila com apenas duas ruas e uma pequena população. Não era visto, portanto, como mais que um povoado da cidade do Crato, que lhe servia de referência.

Em 1862, o pai do Padre Cícero, o senhor Joaquim, foi vitimado pela cólera – a doença do período – que assolou todo o Ceará, em decorrência de fatores como a grande seca e a falta de higienização. Assim, a morte caminhava lado a lado com o povo, e os cemitérios das vítimas da cólera eram inúmeros em todo o Estado. (LIRA NETO, 2010, p. 30).

O jovem Cícero viu, então, seus sonhos de ser padre naufragarem em terras secas, pois a morte de seu pai implicou a obrigação de ele, como único filho homem entre duas irmãs, passar a sustentar a família. Providencialmente, veio uma ajuda da parte de seu padrinho de batismo que não só assumiu a missão de manter o jovem Cícero no seminário da recém-fundada Diocese do Ceará, que foi desmembrada da Diocese de Olinda, bem como a de também garantir o sustento de sua mãe e das suas irmãs. Dessa maneira, o padrinho do Padre Cícero proporcionou ao afilhado a estrutura de vida necessária para concluir os estudos e chegar a ser ordenado sacerdote.

No retorno ao lar, encontrou a mãe às voltas com a tarefa de sustentar as duas outras bocas da família: Maria Angélica, então com vinte anos, e a menina Angélica Vivência, com treze. O falecido Joaquim Romão deixara poucos bens de herança. (...) Representava um valor equivalente a todo o orçamento calculado pelo governo da província do Ceará para a necessária reforma do cemitério de Fortaleza, tornado pequeno diante do número de mortos deixado pela cólera. Feito o inventário, constatou-se a cruel aritmética dos livros caixa: Joaquim Romão morrera falido, completamente quebrado (LIRA NETO, 2010, p. 30-31).

Em sua vida, o Padre Cícero experimentou os mais variados sabores, inclusive durante o exercício do ministério, uma vez que foi suspenso de ordens. Da chegada ao Juazeiro, em 1872, até atingir o ápice, quando prefeito, foram os mais diversos.

Era um jovem padre quando foi para Joazeiro¹. Sua permanência no lugarejo tornou-se transformadora devido ao fato de ser um sacerdote antagônico à cultura momentânea. Andava de batina e, com voz forte anunciava a Palavra de Deus, pregava a conversão de todos e os convidava a uma nova vida, livre dos bares e orgias que, aos poucos, se formavam.

¹ Era assim chamado o povoado que veio a se transformar em uma grande cidade.

A maneira como ele falava, aliava-se ao fato do privilégio para aquele vilarejo poder ter um sacerdote em uma época de escassas vocações². Tal aspecto deu àquele povo renovadas esperanças no trabalho do padre de olhos azuis que induzia a população à oração, ao jejum e à prática de caridade. Juazeiro era um povoado distante da sede do município do Crato, e era na cidade que se encontravam o comércio, uma grande população e padre. Logo, ter um sacerdote em Juazeiro era uma regalia, mais ainda se comparado a outras vilas nas quais o sacerdote aparecia pouquíssimas vezes.

O Pe. Cícero era um homem místico que cultivava uma vida de oração. Fazia leituras contínuas da vida de santos como o Cura d' Ars, São João Maria Vianey, e incutia aqueles exemplos em suas ações. Criou o Apostolado da Oração e motivou a comunidade a abdicar de uma vida então acomodada para preencher parte do tempo com atividades religiosas e sociais, embasadas pelas dinâmicas que aprendera no Seminário Maior da Prainha, em Fortaleza. Abaixo, tópicos da lavra do Monsenhor Murilo de Sá Barreto, ex-pároco da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, matriz pela qual o Pe. Cícero tinha especial carinho.

E o que era o Juazeiro em 1872?
 Um aglomerado de casas de taipa;
 Convergingo para uma Capela dedicada para Nossa Senhora das Dores,
 dona do lugar;
 Erigida pelo primeiro capelão - Padre Pedro Ribeiro de Carvalho;
 Frequentada por pessoas, somente com os "rudimentos da fé" e
 vivenciados aos sábados e domingos, aos sambas e forrós que se
 prolongavam pela noite inteira;
 Atraindo cambiteiros e moradores dos sítios, dependentes da cachaça dos
 alambiques espalhados em toda a região com promiscuidade, até às
 portas da bagaceira moral;
 Formação religiosa fragmentada e reduzida a uma catequese descarnada
 da vida;
 Influência da ingerência política do coronelismo nordestino (BARRETO,
 2002, p. 24).

A análise do que foi relatado pelo monsenhor Murilo permite perceber que era quase impossível, por causa da ausência de uma Igreja e de um conseqüente trabalho pastoral, como também de um trabalho político que pudessem contribuir para a formação de pessoas justas, honestas e tementes a Deus, capazes de, unidos por um ideal comum, fazerem frutificar melhorias para o povo. Mas o Padre Cícero conseguiu, apesar do quadro supracitado, paulatinamente levar o povo a um novo estilo de vida, pautado na fé e na moral cristã.

² Ser padre naquela época exigia que a família fosse detentora de posses. Pois manter um jovem no seminário era oneroso. Isso explica o fato de serem poucos os jovens que adentravam no seminário, sobretudo, porque não era comum a dispensa das despesas que cabiam às famílias.

1.2 Trabalho e santidade

A figura do jovem padre de certa forma chocava a população. Adotando hábito e postura moldados segundo a formação que recebera dos padres lazaristas³, o Padre Cícero logo reformou o dia a dia daquelas pessoas. Aulas de catecismo eram ministradas por ele, o sacramento do batismo era conferido às crianças, zelo e amor ao sacramento da Eucaristia eram defendidos, assim como atos de devoção em relação ao rosário e ao Coração de Jesus. Para uma comunidade antes abandonada, perdida entre os matos e distante da sede do Crato, tudo aquilo significava uma renovação no contexto de pessoas então acostumadas com uma vida largada aos prazeres.

Tudo era desafiador naquele quadro. A paróquia de Nossa Senhora da Penha, sediada em Crato, regia tudo, e o Padre Cícero a ela estava subordinado. Era apenas capelão de *Joazeiro*. Mesmo com jurisdição limitada, lutou e fez o seu trabalho com e pelo povo.

O tempo passava e o padre percebia a necessidade de uma casa digna para a Mãe de Deus e seus devotos. Através de muita labuta, foi construída uma igreja majestosa para o local, capaz de acolher mais fiéis. As mudanças não pararam por aí, pois o Padre Cícero motivava procissões antes inusitadas em um lugar de proporções diminutas. Na medida em que desenvolvia os trabalhos pastorais, ele ganhava prestígio diante do povo junto ao qual desfrutava de boa aceitação, ao ponto de exaltar, e a comunidade ouvir com respeito, os cangaceiros. Os bêbados e as prostitutas temiam o padre e, quando ele se aproximava, não era encontrado nem sinal daquelas pessoas.

Lá vem, seu padre! Era o grito de alarme para os que ainda insistiam em fazer samba em Juazeiro. Ao ouvir a frase, todos batiam em retirada, na mais desabalada carreira. (...) Quando alguém soltou no ar o providencial aviso que o padre vinha chegando, os tocadores e dançadores chisparam do local como um raio. Porém uma prostituta, Francisca Belmira, de tão embriagada, não compreendeu o que estava se passando ao redor.

“Quando eu quero, eu quero; quando eu quero, é já”; continuou ela, cantando e requebrando as ancas. Cícero teria se aproximado e, cajoado em punho, repreendido:

“O que você quer mesmo, mulher?”

³ Uma Ordem fundada por São Vicente de Paulo, sacerdote, e obteve aprovação definitiva no ano de 1624. No ano anterior à sua fundação, o Papa Urbano VIII já havia promulgado as regras. Os sacerdotes da congregação fazem os 3 votos simples monásticos, da pobreza, castidade e obediência. A ordem recebeu a denominação de Lazaristas porque São Vicente em 1624, fixou sua Congregação no antigo leprosário São Lázaro, onde dirigiu retiros espirituais para sacerdotes e leigos. Também era conhecido como amigos das crianças. Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, teve sua formação no Seminário de Mariana, administrado pelos Lazaristas.

Assustada ao perceber a presença assustadora do capelão, Belmira caiu de joelhos, atordoada, pedindo arrego:

“Eu quero é me confessar, *seu padre*” (LIRA NETO, 2010, p. 53-54).

O panorama de Juazeiro, todavia, começaria a mudar. Com todos os acontecimentos naturais da seca que trazia consigo a varíola e demais doenças decorrentes da má higienização do povo, a população adentrava em um ritmo de peregrinação e de intensas orações e vigílias, implorando a misericórdia divina. Até que no dia 1º de março de 1889, na primeira sexta-feira do mês, grande e misterioso sinal mudaria a vida de todos. Em certo momento, quando estavam reunidos os membros do Apostolado da Oração, o padre distribuiu a comunhão às mulheres; entre elas, estava a beata Maria de Araújo que, ao receber a hóstia das mãos do Padre Cícero, teve a hóstia transformada em sangue, fenômeno que ocorreu diversas vezes.

A partir daquela data nem o Juazeiro nem a vida do Padre foram os mesmos. O cenário ganhou novas cores e o desenrolar da história mais conteúdo. O “milagre” da hóstia transformada em sangue levou as pessoas a acreditarem que poderia ser o fim do mundo. O próprio fenômeno chamou a atenção do Padre Cícero que, na hora, ficou perplexo e tentou mantê-lo em sigilo. Porém, o fato se espalhou rapidamente e gerou uma aglomeração de curiosos que começaram a afluir, vindos de todas as localidades. Estava apenas iniciando-se as mudanças da paisagem em Juazeiro, o que acarretaria quase uma inquisição. Foram inúmeras as tentativas para silenciar o povo, mas todas se revelaram infrutíferas.

A Igreja tentava, de todos os modos, desfazer aquele “mal entendido”, ou melhor, fazer o Padre Cícero dizer, no púlpito, às centenas de pessoas, que o “milagre” da hóstia em sangue não passava de uma obra do diabo ou de um mal entendido. Fazia-se necessário, segundo o bispo, desfazer as conversas enquanto ainda era tempo. Dom Joaquim José Vieira⁴, segundo bispo do Ceará, temia que os boatos se espalhassem e tomassem proporções tais que, depois, não se pudesse mais conter a situação. Dom Joaquim escreveu ao Padre Cícero pedindo melhores explicações e ordenando-lhe prudência em relação ao caso. Era preciso ter tudo sob controle para não macular a santa religião, conforme expressão empregada pelo bispo em sua carta:

Sou amigo de Vossa Reverendíssima; confio na sinceridade e na sua ilustração e por isso o julgo incapaz de qualquer embuste. (...) Faça-me com a maior urgência, uma exposição minuciosa de todas as

⁴ Dom Joaquim José Vieira, foi o segundo bispo do Ceará. Nasceu em Itapetinga, São Paulo, em 17 de janeiro de 1836. Foi empossado no dia 24 de fevereiro de 1884, chegando a falecer no dia 8 de julho de 1917.

circunstâncias que precederam, que acompanharam e subseguiram o fato, para que eu possa tomar as providências atinentes ao caso. (...) Enquanto se espera por esse juízo, proíbo expressamente a Vossa Reverendíssima qualquer manifestação a esse respeito. (...) Estou persuadido que Vossa Reverendíssima, ilustrado e piedoso como é, não se escandalizará com esta minha determinação, pois sabe que me incumbe o dever de velar sobre a pureza da doutrina católica. Deixo de fazer mais considerações porque julgo ter explicado bem claramente o meu pensamento (LIRA NETO, 2010, p. 70-71).

A insistência de Dom Joaquim para que houvesse discricção e silêncio objetivava evitar piores vexames, pois temia ultrajes ao nome da Igreja. Todo o seu esforço, entretanto, foi em vão. A forma como Dom Joaquim dava ordens não era aceita pelo Padre Cícero. Enquanto o bispo regia a partir da sua autoridade, inconformado com a situação o Padre Cícero agia segundo sua vontade, pois acreditava que aquela fosse a vontade de Deus. Naquela dinâmica, parecia que Deus “brincava” com a hierarquia da Igreja, ao escolher um padre para ser testemunha de um “milagre”: Padre desobedecendo ao bispo; “milagre” acontecendo diante da beata e do padre, e não do bispo. A ordem dos valores estava sendo invertida.

A desobediência do Padre Cícero à ordem do bispo foi fatal e, ao mesmo tempo, “essencial” para que a história enveredasse pelo rumo que tomou (LIRA NETO, 2010, p. 63). Talvez o silêncio do padre e a expulsão da beata, como era desejo do bispo, fizessem com que o Juazeiro não tivesse se tornado o centro de romaria que é, e, nas mais variadas hipóteses, fosse o Crato, hoje, o maior polo comercial da região do Cariri, dotado de indústria, comércio, faculdades, turismo etc., até por ter sido sede municipal de Juazeiro. Logo, é perceptível que o Padre Cícero foi peça primordial para o desenvolvimento da cidade, levando-se em conta que foi o fenômeno religioso que proporcionou o avanço de Juazeiro.

1.3 Pessoas de fé, desenvolvimento à vista

A repercussão do “milagre” da hóstia que virou sangue, bem como a desobediência do Padre Cícero, conforme considerava Dom Joaquim, geraram celeuma e ocasionaram que novos passos fossem dados na história do Juazeiro e no seu destino político.

Grande quantidade de pessoas chegava ao lugar para ver o “milagre” e ouvir as palavras do padre que confortava o coração do povo sofrido. Esta novidade correu solta pelo sertão. Os sertanejos arrumavam os jumentos, carroças e cavalos, e partiam ao encontro do “santo” e de uma vida em Juazeiro. (LIRA NETO, 2010, p. 66).

A curiosidade das pessoas, aliada aos seus sofrimentos, fazia com que deixassem sua terra natal e procurassem a “terra prometida”, levando os camponeses a arriscar tudo em busca de novos sonhos. Imaginar que “milagres” aconteciam nos portões da vizinhança era considerado bom demais para os nordestinos.

O grande fluxo que se registrava fazia das outras localidades cidades fantasmas; por sua vez, o Juazeiro era a grande casa de acolhida e o Padre Cícero o seu anfitrião.

O Juazeiro aumentou. Não era mais um povoado, mas uma vila crescente. Um grupo grande formava “os filhos da terra”. Quer dizer, carienses dos municípios vizinhos ao Crato, que se mudaram para o Juazeiro; outro grupo também grande formaram os “adventícios”, vindos de outros estados (províncias naquele tempo). (...) Esse tempo 1871-1889, é ponto alto da vida do Padre Cícero: Admirado, procurado e louvado sem contestação de ninguém, trabalhando, realizando e promovendo o lugar e o povo em perfeita paz (FEITOSA, 2011, p. 126).

O fim da monarquia e o início da república assombravam a população; na mesma fase circulavam boatos de que estava chegando o anticristo. A adoção do regime de Padroado chegara ao fim e, em consequência, a Igreja e o Estado deveriam passar a caminhar separadamente (LIRA NETC, 2010, p. 54). Preocupado, Dom Joaquim olhava para a realidade e temia que Juazeiro sofresse algum tipo de retaliação por parte do poder republicano, bem como que a fé católica fosse colocada em descrédito. Eram muitos os boatos de que o “milagre” era real e significava o anúncio de que o fim do mundo estava próximo. Em contrapartida, havia quem afirmasse no que diz respeito ao “milagre” da hóstia, que o padre tinha pulso e orientação divina para sentar com homens de poder e apaziguar as situações difíceis.

Padre Cícero não carregava nos ombros somente o peso da responsabilidade teológica e dos problemas de fé. Ele atuava em diversos campos, inclusive como conciliador entre autoridades políticas e grandes coronéis. Aquele homem de batina, desacreditado pela Igreja institucional, era capaz de ter sua voz ouvida com tamanho peso que ela ecoava em todo o Ceará e fazia os poderosos ouvirem a verbalização do pensamento de um padre que vivia em um lugarejo esquecido e não era compreendido pelo seu próprio bispo.

Ao tomar consciência de que a sua palavra tinha crédito, o Padre Cícero buscou dar novos ares àquele sertão sem lei. Falava aos coronéis pregando a paz e motivando a prática do perdão com relação ao cangaço. Lutou para que todos se sentissem iguais, a ponto de fazer do Juazeiro um lugar desejado, considerado bom e tranquilo para se

morar, apenas a partir do fato de ele estar sob a sua proteção. (LIRA NETO, 2010, p. 331).

Vendo o prestígio que tinha o padre e a autoridade que mantinha sobre os grandes fazendeiros, as pessoas se sentiam tranquilas para abandonarem seu solo natal e saírem em busca da “terra prometida”. Ao chegarem ao Juazeiro, o padre orientava todos a se colocarem a serviço de sua própria morada. Ele os instruíra acerca da necessidade de que cada novo peregrino construísse sua casa, para não viver de favor, nas fazendas, onde muitos eram tratados como escravos. Aquele estilo de vida parecia emanado do exemplo das primeiras comunidades cristãs. Fazia-se o essencial para que cada um tivesse sua ocupação e a garantia de sustento proveniente das próprias habilidades. O padre tinha razão. No começo, foi difícil acabar com as bebedeiras, danças e cabarés, antes passatempo para muitos desocupados. Ele percebia que o lugarejo já não se resumia às pouquíssimas famílias de duas ruas e que já não eram 33 as casas existentes. O número de visitantes que chegavam pedindo conselhos aumentava e o dos que acabavam por se instalar em Juazeiro crescia diariamente. Casas eram levantadas, matos devastados e ruas improvisadas. O Juazeiro crescia e não parava de receber futuros afilhados⁵ do “padim” que vinham em carroças, no lombo de burros, de caminhão e a pé.

O Padre Cícero orientava o seu povo para honestidade e para o trabalho. Ninguém devia ficar desocupado. Quem tinha um pouco de leitura devia abrir uma escola e ensinar os analfabetos a lerem. Todos deviam procurar e praticar uma arte ou uma função: pedreiro, carpinteiro, barbeiro, alfaiate, ferreiro, soldador, pintor (...). Homens e mulheres deveriam ocupar-se. (...) Ele orientava também os coronéis, os potentados e os chefes políticos. O volume de cartas do Padre Cícero mostra quantos políticos eminentes pediam conselhos a ele ou pediam sua intervenção para restabelecimento da paz nas comunidades, desde os chefes de comuna do sul do Ceará, até ao Presidente do Estado do Ceará ou do Pernambuco, ao coronel José Pereira, de Princesa, na Paraíba, ou Augusto Santa Cruz, do Monteiro – PB, ou do chefe político nacional Pinheiro Machado. Não há dúvida que o Padre Cícero figurou com realce, na década de 1920-1930, tanto no progresso material quanto no advento do regionalismo nordestino e do nacionalismo brasileiro, diz o americano Ralph Della Cava (FEITOSA, 2011, p. 20).

Com o fluxo, Juazeiro se expandia em população, o que requeria, em caráter urgente, ser ele dotado de uma estrutura que oferecesse condições de vida àqueles homens, mulheres e crianças que encontravam acolhida na terra do “milagre”. Eram necessárias escolas, farmácias, mercearias, moradias, água, terra para plantar e

⁵ Àqueles que chegavam ao Juazeiro e procuravam o Padre Cícero para receber a benção se autodenominavam afilhados. Por isso a essa forma íntima no linguajar de se referir ao Padre como “Padim”, expressão muito comum entre os romeiros.

segurança. O crescimento, em ritmo acelerado, era acompanhado por alguns vícios, que o sacerdote buscava combater, falando com autoridade à grande massa a quem advertia: “Quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais” (MURILO, 2003, p. 34).

1.4 *Um sacerdote e a Igreja*

Na vida do Padre Cícero a relação com a Igreja foi pautada pelo sofrimento. Havia amor e desconfiança. Nos tempos de Dom Luís⁶, primeiro bispo do Ceará, por quem foi ordenado aos 30 de novembro de 1870, experimentou dificuldades uma vez que a sua ordenação tinha sido aprovada, com reservas, pelos padres formadores. Apesar disso, o jovem sacerdote recebeu atenção de Dom Luís e, até mesmo, certo prestígio. Logo após a ordenação foi enviado para o Juazeiro e, pouco depois (em 1872), foi nomeado capelão da pequena igreja. Estabeleceu bom relacionamento com o clero, que não era vasto, e levava uma vida pacata em ambiente aparentemente calmo. (LIRA NETO, 2010, p. 51).

O tempo passava e o jovem padre gozava de ainda mais prestígio junto ao bispo. Em janeiro de 1875, Dom Luís transferiu, provisoriamente, a sede do bispado para o Crato, a fim de acompanhar a formação dos novos clérigos (dar suporte e apoio pastoral aos padres), e supervisionar a construção do seminário menor, o atual Seminário Diocesano São José, do Crato. Naquela ocasião, ficou hospedado na casa do padrinho do Padre Cícero, que doara o terreno para a edificação. (LIRA NETO, 2010, p. 52).

Os descontentamentos se estabeleceram depois da história da hóstia transmutada em sangue, o que ocasionou dissabores à vida da Igreja, principalmente na Igreja do Ceará. A chegada do novo bispo – Dom Luís fora transferido para a Bahia – pode ter gerado expectativas para alguns que queriam o fim das insurreições geradas pelo Padre Cícero e o milagre da hóstia, claro na capital, pois, as cidades do interior do estado quase não viam a pessoa do bispo, que raramente as visitava. Em 19 de agosto de 1884 Dom Joaquim veio à região, em visita pastoral, sem imaginar que o cenário lhe causaria grandes surpresas, pois a celeuma já estava criada. (LIRA NETO, 2010, p. 59).

A questão mais problemática estava relacionada a todo o contexto criado em torno daquela situação. Os alarmes eram gerados a partir dos comentários que atraíam inúmeras romarias. Cartas, explicações, teimosias, silêncio, tudo fazia parte do mundo que circundava o Padre Cícero. Era complicado para um sacerdote cujo ministério estava

⁶ Dom Luís Antônio dos Santos foi o primeiro bispo do Ceará. Nasceu em Angra dos Reis, Rio de Janeiro no dia 03 de março de 1817. Falecendo no dia 11 de março de 1891.

no início, ver-se obrigado a lidar com algo tão inusitado, mesmo sendo ele um místico, conforme expressara aos amigos. Estava constantemente dividido entre a voz do bispo, que é a voz da Igreja, e os fatos com os quais se confrontava. Ouvir a Igreja ou admitir que uma manifestação do sagrado ocorresse através daquela beata? A situação era angustiante, sobretudo porque ele, na formação ministrada pelos padres lazaristas, aprendera que a obediência à Igreja é a salvação de um homem. Assim, “negar” a obediência significaria pôr no “lixo” a formação recebida. Todavia, não era impossível acontecer tal quebra de valores, uma vez que os fatos moviam-no a acreditar neles, o que conduz à afirmação de que o Padre Cícero vivenciou, muitas vezes, dilemas marcantes para as concepções da época.

Amado e querido pelo povo, o “padim” labutava arduamente. Fazia esforços pela estruturação da cidade do Juazeiro, que acolhia os que lá desejassem fixar morada. O padre recebia amor, carinho, respeito e elogios do povo.

Ao contrário do povo, era tratado por parte significativa do clero com desconfiança, repúdio e certa aversão. Todavia, tal aversão se inibia quando aquele mesmo clero precisava da autoridade e influência que ele dispunha em todas as áreas. Ora era odiado e esquecido, ora lembrado e até amado pelos sacerdotes da sua diocese, sobretudo nos momentos em que era útil para a realização de algo que lhes favorecessem.

Como político, o Padre Cícero gozava de um prestígio sem par, não somente na esfera política cearense, mas na alta cúpula nacional. Era patentemente conhecida a perseguição que lhe movia o clero. Essa perseguição se transformava em amizade, quando esse clero, desejoso de eleger seus candidatos, passava a procurar o Padre Cícero, enviando-lhe cartas e telegramas, solicitando o seu prestígio para mais uma campanha eleitoral (BARBOSA, 2011, p. 25).

Aquele visível jogo de boa vizinhança, assumido pelo clero, causava indignação nos que estavam com o “padim” e não digeriam a trama de interesses e lhe cobravam uma atitude. Porém, fortificado pelo tempo que se faz mestre da experiência diária, ele a todos tratava com mansidão e caridade, mesmo diante de situações injustas.

Seu camarada, respondeu o Padre Cícero, não brigue por minha causa. A paz é a coisa que nós devemos primar mais na vida. A minha defesa quem vai fazer é a própria Igreja. Para tudo tem o seu tempo. – O senhor deve acabar com essa mania de perdão – dizia o Padre Joaquim de Alencar Peixoto. Venha formar ao nosso lado, que a coisa muda do dia pra noite. Esse ódio que o bispo e o resto clero têm com o senhor é infundo. E ódio de padre não se acaba nunca (BARBOSA, 2011, p. 26).

Vemos na citação acima que segundo Barbosa, o Padre Cícero tinha razão quando proferiu aquele discurso. Depois de passados quatro episcopados na Diocese de Crato,

eis que o quinto bispo diocesano, Dom Fernando Panico, um italiano nato, usa de sua autoridade episcopal para fazer esforços e empreender uma luta ferrenha para reabilitar um “padre santo” que a própria Igreja suspendeu de ordens. As palavras do Padre Cícero eram proféticas quando dizia que seria a própria Igreja quem, no tempo oportuno, o defenderia. Fatos e ações da realidade evidenciam que, através de Dom Fernando Panico, chegou para a Igreja o tempo oportuno, o que se visualiza através de sua luta por um homem que tanto fez pela fé da Igreja e não foi compreendido por todo o clero, mas foi, e ainda é amado por grande massa de devotos. (CARTA PASTORAL, 2003, p. 1).

1.5 Homem de oração e de vida política

A criatura homem desempenha, no seu dia a dia, direta e indiretamente, um papel político a partir da condição de membro de uma sociedade que o acolheu desde quando ainda não tinha o uso da razão. Os questionamentos, as mudanças e escolhas feitas ao longo da vida, são reflexos da dimensão política intrínseca ao ser humano.

O Padre Cícero sempre foi, do ponto de vista político, um homem habilidoso mesmo antes de ser padre. Sua mística peculiar fazia dele um jovem convicto do chamado à vida sacerdotal, o que ele administrou bem, sob a zelosa vigilância dos padres lazaristas, então à frente da direção e da formação ministrada no Seminário da Prainha.

Implicitamente se vê uma ação política do Padre Cícero, cujo peso lhe foi favorável no momento de decidir sobre sua ordenação, quando soube seguir o ritmo e as ordens exigidos pelos formadores. A política é a arte do bem viver, e se o homem souber como usá-la, será capaz de transformar o contexto que o cerca, dele tirando proveitos. E isso o jovem padre soube fazer, utilizando-se da política para abrir novos horizontes.

A forma com que ele lidava com as pessoas era bem acolhida no povoado. Até porque ao pregar a moral e os bons costumes, encontrava eco em muitas famílias. Como dito acima, ele foi capaz de fechar as portas dos bares e acabar com a prática dos jogos que viravam a noite toda. Aquelas iniciativas paulatinamente foram sendo mais bem compreendidas.

O seu estilo de vida e o peso de sua retórica ganhavam moradia nos corações, gerando ainda maior credibilidade. Aos poucos crescia a necessidade de ouvir a voz do “padim”, que continha uma fala crítica e, ao mesmo tempo, um tom de paternidade direcionada aos fiéis que, dessa forma, aprendiam lições que o mundo não lhes ensinara. A arte da retórica e uma boa locução eram armas usadas pelo Pe. Cícero para conquistar

sua admiração e respeito. Pouco a pouco se gerava uma cumplicidade entre ele e o povo. A afinidade construída posteriormente lhe seria útil, devido ao fato de o cenário político de Juazeiro não ser o de uma realidade tranquila.

O quadro histórico da época retrata um sertão assombrado pela violência do cangaço, no qual o bacamarte e a peixeira falavam mais alto. A morte se tornava companheira de homens que não temiam matar qualquer um que lhe passasse à frente. Jagunços, criminosos e demais malfeitores, inúmeras vezes sob a proteção dos coronéis, espalhavam medo e insegurança na região.

A política era coisa de gente grande e aquele que não tinha poder dela se distanciava para não perder a cabeça.

Em setembro de 1856, dentro da nave da matriz do Crato, em meio a uma eleição, é assassinado pela força pública, a mando de um delegado político, o eleitor José Gonçalves Landim, pertencente ao quartirão de Juazeiro. Quase é morto à baioneta o chefe político, coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, o Antigo, homem dos melhores da região e de maior influência pública. Era assim, em eleições sangrentas, que se manifestava a soberania popular. Não se respeitava a santidade dos lugares e nem a majestade (PINHEIRO, 2011, p. 31).

Algo precisava mudar para o bem do povo. Dissipar a violência e fazer reinar a paz era um sonho almejado pelo Padre Cícero, que não media esforços para concretizar tamanha façanha. O Presidente do Estado do Ceará (termo então usado) desejava emancipar Juazeiro para que a presença de um prefeito fizesse reinar a paz. Ele também queria ter ali um braço forte na política, para quando necessitasse dos seus préstimos. Percebia, no cenário complicado, que qualquer pessoa não teria forças para enfrentar a desordem existente. Através de informantes políticos conheceu a fama do sacerdote, e ele próprio pediu ao Padre Cícero que aceitasse ser o primeiro prefeito. Claro que havia interesses particulares de ambos os lados, pois os coronéis disputavam quem, dentre eles, seria o novo prefeito. Não chegando a um consenso, o Padre Cícero decidiu que ele mesmo seria o novo prefeito de Juazeiro. Assim, por força de lei, foi erigida oficialmente a cidade de Juazeiro. (LIRA NETO, 2010, p. 330).

Padre Cícero tinha conhecimento de que a missão de dirigir a nova cidade não seria fácil, mas, sim, um peso a mais na cruz que carregava. Contudo, também era consciente de que só assim poderia ajudar a todos a partir de uma força maior: a de prefeito constituído legalmente. Deveria ter sido grande a angústia do padre enquanto não tomava a decisão final. Pela sua sensibilidade e misticismo, certamente o pobre sacerdote

maltratou os joelhos em oração, buscando receber de Deus alguma confirmação, antes de dar uma resposta ao Presidente do Estado.

Aceita sua nova missão, Juazeiro passou a município. O padre tinha maioria e o apoio dos coronéis para governar.

A luta pela emancipação política de Juazeiro do Norte culminou com o objetivo desejado: a criação do município, conforme lei Estadual de nº 1028, de 22 de Julho de 1911. A luta foi acirrada e violenta, principalmente, no setor jornalístico. (...) O cargo de prefeito no novo município, recaiu, como não poderia deixar de ser, na pessoa do Padre Cícero, pois era o homem certo para o lugar certo. O próprio Presidente do Estado exigiu que o Padre fizesse aquele sacrifício em aceitar o cargo (BARBOSA, 2011, p. 34).

Tendo como data oficial 22 de Julho de 1911, a grande festa ocorreu na posse do novo prefeito, o que se deu no dia 04 de outubro de 1911, em uma comemoração como jamais se tinha visto naquele sertão. Era grande a expectativa dos novos munícipes.

1.6 *Servir à Igreja ou ao Juazeiro*

O padre queria o melhor para o Juazeiro e sabia que suas escolhas acarretariam contrariedades ao poder da Igreja no Ceará. Como visto, o “milagre” da hóstia transformada em sangue foi o primeiro passo para serem gerados dissabores entre o padre e o bispo Dom Joaquim⁷, que, incansavelmente, escrevia ao sacerdote pedindo explicações sobre o ocorrido, e prudência em relação aos fatos.

A maneira de o padre agir não agradava a Dom Joaquim; ao contrário, alimentava no representante maior da Igreja local sinais de uma erupção que, mais à frente, faria com que o bispo explodisse. A história era contada nos livros que trazem relatos sobre a vida do Padre Cícero, nos quais são encontrados constantes diálogos de Dom Joaquim com o sacerdote, almejando por um ponto final em toda aquela celeuma. Entretanto, o diálogo entre as duas figuras não chegou a bom termo, assim como também não se conseguiu estabelecer algum consenso entre os dois (LIRA NETO, 2010, p. 202). Todas as tentativas os levaram a trilhar caminhos diferentes. O clero começava a se dividir e a pessoa do padre já não era tão bem quista entre os seus. Alguns sacerdotes que apoiaram o ideal do

⁷ Aos que se interessarem, existe uma obra de Antônio Renato Soares de Casemiro **Padre Cícero Romão Batista e os fatos do Juazeiro. A Questão Religiosa**, que está nas referências bibliográficas deste trabalho, contendo diversas correspondências entre Dom Joaquim e Padre Cícero. A mesma obra contém também outras inúmeras cartas trocadas de personagens importantes no desenrolar da vida do Padre Cícero.

Padre Cícero, depois foram obrigados a recuar por estarem sujeitos às penas que o bispo poderia impor, a partir das sanções de que podia lançar mão. (LIRA NETO, 2010, p. 204).

Medo, angústia e insegurança eram sensações experimentadas pelos sacerdotes divididos entre o Padre Cícero e o bispo Dom Joaquim. Sob pena de excomunhão, os irmãos no ministério sacerdotal começaram, um por um, a abandonar o Padre Cícero que, aos poucos, se via só. O Padre Quintino, que acreditava nos acontecimentos do suposto milagre, mais tarde veio a deserdar temendo ser excomungado por desobediência a Dom Joaquim. Quando bispo, Dom Quintino⁸ esforçou-se para evitar a excomunhão do Padre Cícero, até poupando-lhe a comunicação do teor da carta de Excomunhão (1917)⁹, da qual o padre nunca chegou a tomar conhecimento. Assim também foi com Dom Francisco¹⁰, que sucedeu a Dom Quintino e agiu com prudência e caridade para com o irmão do presbitério.

Dom Quintino foi a favor do Padre Cícero até o depoimento no primeiro inquérito. Mudou de posição sob ameaça de excomunhão por parte de Dom Joaquim José Vieira; portanto, sob pressão. O segundo bispo do

⁸ Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva foi o primeiro bispo diocesano de Crato-CE, nascido na cidade de Quixeramobim aos 31 de outubro de 1863, falecendo no dia 28 de dezembro de 1929. Ficou a frente da diocese de Crato de 1 de janeiro de 1916 até a data de seu falecimento.

⁹ "Ilm^o e Rmo. Senhor,

Por informações desta Nunciatura Apostólica às Sagradas Congregações Consistorial e dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários resulta evidentemente que o famigerado Sacerdote Cícero Romão Baptista de Joaseiro no Estado do Ceará, diocese de Fortaleza, nunca obedeceu, como devia aos repetidos Decretos do S. Ofício a seu respeito; que a sua obstinada permanência em Joaseiro é de gravíssimo dano para as almas; e que gravíssimas conseqüências se havia de deplorar se o mesmo, que já é bastante avançado nos anos, viesse a morrer naquele lugar.

Tendo sido tudo isto referido na Congregação de FERIA IV, 21 de junho p.p., os Emos. Senhores Cardeais Inquisidores Gerais, meus Colegas, ordenaram que nos lugares da mencionada Diocese nos quais forem necessários e no modo que V. S. julgar mais oportuno seja emanada uma pública declaração com a qual resumidos os Decretos de 4 de abril de 1894, com os quais se declaravam falsos os pretensos milagres de Joaseiro e se condenava a protagonista da indigna comédia e os seus fautores, entre os quais especialmente o Cícero; o outro do dia 10 de fevereiro de 1897, com o qual se impunha ao Cícero afastar-se de Joaseiro *sub poena excommunicationis latae sententiae Romano Pontifici reservatae*; e finalmente o de 17 de agosto de 1898, com o qual se confirmaram as precedentes disposições e se acrescentaram outras; faça-se claramente entender aos fiéis que a S. Sé, confirmando tudo que foi até agora estabelecido reprova decididamente e condena a conduta do Cícero, declara-o incorrido na excomunhão reservada ao Sumo Pontífice, e exorta calorosamente todos os fiéis a não se deixar enganar pelas suas falácias e tergiversações.

Neste ínterim, tenho o cuidado de participar-lhe que queira providenciar a sua plena e pronta execução e lhe desejo todo bem de Deus.

De V. S. Ilma. e Rma. Devmo. Servidor verdadeiro

R. Card. Merry del Val."[1]

[1] Carta do Cardeal Merry del Val ao Núncio Dom Aversa, 27 de julho de 1916, BR CEDHDPG_401_002_125 (Tradução de Mons. Francisco de Assis Pereira)

¹⁰ Dom Francisco de Assis Pires foi o segundo bispo diocesano de Crato-CE. Natural de São Salvador na Bahia. Nasceu no dia 4 de outubro de 1880. Tomou posse na diocese no dia 10 de janeiro de 1932, falecendo no dia 10 de fevereiro de 1960.

Crato, Dom Francisco de Assis Pires, manteve-se com muita prudência em face do Padre Cícero que ele conheceu vivo, e em face das manifestações populares. Por ocasião da morte do Patriarca, o bispo estava em Assaré e mandou representar-se por seu Vigário Geral, Mons. Vicente Sóter (FEITOSA, 2011, p. 91).

A vida não estava fácil para um padre que, por estar suspenso de ordens, não podia exercer seu ministério. Já tendo sido sentenciado pelo Santo Ofício e por Dom Joaquim, o padre levava sua vida conforme suas convicções. A obediência lhe fazia não celebrar, mas a pregação era, para ele, algo essencial que era feito na janela da sua casa. A sua viagem a Roma¹¹, em 1898, e os desgastes de outras tantas viagens faziam o sacerdote definhar paulatinamente. Tinha consciência de que depois de tantos esforços, nada mais podia fazer, a não ser deixar as coisas seguirem o seu “rumo natural”. (CASIMIRO, 2012, p. 651).

Era frustrante, tanto para o povo quanto para o Padre Cícero, ver regredir um desenvolvimento que o sacerdote, junto com a comunidade, construía. A escassez de sacerdotes íntegros, cujo testemunho pudesse reparar as feridas geradas por outros cujas vidas eram antagônicas aos caminhos da moral, era um grande obstáculo.

A pessoa do Padre Cícero tornava-se um referencial e presença real de uma Igreja que se aproximava do povo. Segundo a professora Maria Paula Jacinto Cordeiro (2011, p. 126), muito antes de os padres assumirem um compromisso mais direto com a população, devido à pequena quantidade de sacerdotes disponíveis, a fé era apenas o fruto de ação e motivação geradas pelas beatas, beatos e missionários. Eles se imbuíam do compromisso de manter viva a fé de um povo que vivia esquecido no meio do sertão, às margens de um catolicismo degradado que servia apenas para ditar leis e diretrizes de como as pessoas deveriam viver a fé, mas que não saíam para ter contato direto com a massa de maioria pobre.

Embora marcados pela presença de um catolicismo oficial, decadente, que não atendia às demandas dos pobres, nem se preocupava em arrebanhá-los, como em todo o Nordeste, os habitantes do Cariri tinham com a Igreja, enquanto instituição, uma relação superficial, limitada a festas de dias de santos e a recorrência de serviços de sacramentos de batismo e casamento. A religião viva, caracterizada por práticas piedosas, novenas, procissões, romarias, festas e muita reza, que colocavam os fiéis em contato com os santos e protetores, era mobilizada por agentes populares

¹¹ Na obra de Antônio Renato Soares de Casimiro (2012, p. 760), citada nas referências bibliográficas, encontra-se cartas que atestam a estadia do Padre Cícero em Roma, para onde tinha sido convocado. Entre elas encontra-se uma correspondência do Padre Cícero ao Cardeal Jerônimo Maria Gotti, atestando não poder demorar mais tempo na capital italiana por causa de sua pobreza e da frágil saúde da sua mãe que ficara no Brasil.

Crato, Dom Francisco de Assis Pires, manteve-se com muita prudência em face do Padre Cícero que ele conheceu vivo, e em face das manifestações populares. Por ocasião da morte do Patriarca, o bispo estava em Assaré e mandou representar-se por seu Vigário Geral, Mons. Vicente Sóter (FEITOSA, 2011, p. 91).

A vida não estava fácil para um padre que, por estar suspenso de ordens, não podia exercer seu ministério. Já tendo sido sentenciado pelo Santo Ofício e por Dom Joaquim, o padre levava sua vida conforme suas convicções. A obediência lhe fazia não celebrar, mas a pregação era, para ele, algo essencial que era feito na janela da sua casa. A sua viagem a Roma¹¹, em 1898, e os desgastes de outras tantas viagens faziam o sacerdote definhar paulatinamente. Tinha consciência de que depois de tantos esforços, nada mais podia fazer, a não ser deixar as coisas seguirem o seu “rumo natural”. (CASIMIRO, 2012, p. 651).

Era frustrante, tanto para o povo quanto para o Padre Cícero, ver regredir um desenvolvimento que o sacerdote, junto com a comunidade, construía. A escassez de sacerdotes íntegros, cujo testemunho pudesse reparar as feridas geradas por outros cujas vidas eram antagônicas aos caminhos da moral, era um grande obstáculo.

A pessoa do Padre Cícero tornava-se um referencial e presença real de uma Igreja que se aproximava do povo. Segundo a professora Maria Paula Jacinto Cordeiro (2011, p. 126), muito antes de os padres assumirem um compromisso mais direto com a população, devido à pequena quantidade de sacerdotes disponíveis, a fé era apenas o fruto de ação e motivação geradas pelas beatas, beatos e missionários. Eles se imbuíam do compromisso de manter viva a fé de um povo que vivia esquecido no meio do sertão, às margens de um catolicismo degradado que servia apenas para ditar leis e diretrizes de como as pessoas deveriam viver a fé, mas que não saíam para ter contato direto com a massa de maioria pobre.

Embora marcados pela presença de um catolicismo oficial, decadente, que não atendia às demandas dos pobres, nem se preocupava em arrebanhá-los, como em todo o Nordeste, os habitantes do Cariri tinham com a Igreja, enquanto instituição, uma relação superficial, limitada a festas de dias de santos e a recorrência de serviços de sacramentos de batismo e casamento. A religião viva, caracterizada por práticas piedosas, novenas, procissões, romarias, festas e muita reza, que colocavam os fiéis em contato com os santos e protetores, era mobilizada por agentes populares

¹¹ Na obra de Antônio Renato Soares de Casimiro (2012, p. 760), citada nas referências bibliográficas, encontra-se cartas que atestam a estadia do Padre Cícero em Roma, para onde tinha sido convocado. Entre elas encontra-se uma correspondência do Padre Cícero ao Cardeal Jerônimo Maria Gotti, atestando não poder demorar mais tempo na capital italiana por causa de sua pobreza e da frágil saúde da sua mãe que ficara no Brasil.

envolvidos em irmandades leigas, beatas e beatos (CORDEIRO, 2011, p. 126).

O alto escalão da hierarquia da Igreja vivia à margem dos pobres. A figura do bispo era mais acessível aos padres que, por fazerem parte do clero, tinham a possibilidade de contato direto. Ver e conversar com o chefe da Igreja local era uma possibilidade de poucos.

Diferente era a figura do Padre Cícero que, em visitas diárias, se sentava e proseava com todos, sem distinção. Era inusitada a presença de um bispo que descansasse em uma aldeia de pessoas simples. Por ocasião das visitas oficiais eles ficavam hospedados nas grandes fazendas dos coronéis que detinham o poder e o prestígio. Porém, o ministério do serviço da Igreja ao povo tem sua ação plena quando o sacerdote está em contato direto com as pessoas e lhes transmite a presença real de Jesus. O Padre Cícero foi um homem capaz de, estando suspenso de ordem, sem autorização para exercer o seu múnus, manter-se em Juazeiro, sem abandonar os romeiros, enquanto ele mesmo era abandonado pela Igreja. (CASIMIRO, 2012, p. 723).

1.7 Uma fortuna para os salesianos

Os janeiros passavam e, com eles, a vitalidade física, assim como a acuidade da visão, que também começara a exigir descanso. O tempo não respeitava sequer o “vigário” do sertão nordestino, que se consumia por uma causa chamada Juazeiro da Mãe das Dores. A sua vida, marcada pelas exigências decorrentes de sua opção e ideal, já não tinha a mesma garra do padre recém-chegado de Fortaleza, cheio de vida e sedento de povo. O Padre Cícero já experimentava inquietações com relação a sua própria morte, pois não sabia que rumos tomaria o município recém-emancipado. Ele tinha o Juazeiro como um filho¹², por isso era grande o seu devotamento. Temia pelos romeiros, sofria ao pensar em deixá-los. Tal verdade é atestada pelo fato de o Bispo, Dom Joaquim e o Santo¹³ Ofício terem exigido a saída do Padre Cícero da terra da Mãe das Dores, e ele

¹² Não era segredo o tipo de relacionamento e afeto que o Padre Cícero tinha por Juazeiro, chegando até inúmeras vezes expressar a cidade de Juazeiro como seu filho. Podemos conferir esse relato no endereço eletrônico: <http://blogdocrato.blogspot.com.br/2011/05/padre-cicero-o-filho-mais-ilustre-do.html>. Acessado em 12 de março de 2013 às 15hs e 07 minutos.

¹³ O Tribunal do Santo Ofício era uma instituição eclesiástica de caráter “judicial”, que tinha por principal objetivo “inquirir heresias” - daí também ser conhecido como Inquisição. De origem na idade média, era temido por gozar de autoridade dada pelo Papa da época, com a função de extinguir tudo que fosse contra a matéria da fé da Igreja. Formados principalmente por padres e algumas autoridades civis, eram conhecidos por inquisidores. O Padre Cícero foi umas das quais a história guarda lembrança de sua presença após ter sido convocado para dar explicações quanto ao caso do Juazeiro. Foi o Santo Ofício que

não ter acatado o “convite”. Como afastar um pai do filho recém-nascido? Para ele, era impossível e impensável, embora tivesse consciência de que a permanência entre os seus não era eterna, e que era preciso ainda resolver certos pormenores. (CASIMIRO, 2012, p. 685).

Os anos que vivera lhe renderam inúmeros títulos, como os de vice- governador do Estado do Ceará, prefeito de Juazeiro e deputado federal. O exercício de tais funções propiciou que galgasse um patrimônio significativo, favorecido tanto pelos cargos quanto pelos romeiros que, vindos de todos os lugares, faziam questão de ofertar-lhe os mais variados presentes.

Passava-se o tempo e o seu patrimônio aumentava aceleradamente. Esmolas, galinhas, bois, pedaços de terra e demais presentes constituíram um patrimônio invejado por muitos, principalmente pela Igreja. O Padre Cícero tinha convicção da necessidade de direcionar seu patrimônio, o quanto antes, para que não caísse em mãos erradas. Segundo o escritor Lira Neto (2010, p. 446), não lhe foi fácil dar um direcionamento aos seus bens. Por vezes mudou seu testamento, alterando o nome dos beneficiários. O tabelião era chamado a cada mudança que resolvia fazer. Inúmeros eram os bens que a Igreja almejava para si e, também ela, temia que caíssem em mãos inapropriadas. De quem seriam as fazendas com suas cabeças de criação? Quem seria apto a administrar coerentemente tamanho patrimônio? E sua fortuna em contos de réis, onde estava e com quem ficaria?

O Padre Cícero Romão Batista dispunha de apenas uma irmã viva – Angélica –, porque os demais familiares mais próximos já haviam falecido. A Igreja Católica na Diocese do Crato proclamava o direito de ser a única e legítima beneficiária do testamento do padre, que continha a relação discriminada de todos os seus bens. Preocupação com o sacerdote parece não ter havido, pois os relatos sequer informam visitas dos colegas padres da diocese para lhe conferir algum apoio no momento em que já estava às portas da morte. A preocupação que havia era com o destino de seus bens.

Ainda quando no uso da razão, mesmo curvado pelo peso da idade, o Padre Cícero fez uma versão inicial do testamento no qual deixava tudo para a Santa Sé. Posteriormente julgou necessário fazer alterações no testamento e tirar todos os bens que deixaria, após sua morte, para a Santa Sé, e destiná-los para outros grupos da mesma Igreja, porém, sem monopolizar em um só beneficiário.

Duas semanas antes de completar 78 anos, Cícero mandara chamar novamente em casa o tabelião da cidade. Queria tornar sem efeito o primeiro testamento. Desejava redigir uma nova versão. No lugar de nomear a Santa Sé como única legatária de sua herança, mandou constar que, depois de sua morte os bens que acumulara ao longo da vida à

custa de várias partes distintas. A revisão do documento passava a fatia mais gorda da herança, que constava de uma lista de casas, prédios, sítios e fazendas, a duas ordens religiosas – a dos monges trapistas e a dos cônegos premonstratenses – sob a condição de que ambos fundassem representações e estabelecimentos educacionais no Juazeiro. Aos cofres da igreja de Nossa Senhora das Dores e da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (...), também caberia uma parcela de imóveis, embora mais modesta. Ao dar nova redação ao testamento, Cícero resolveu deixar parentes e agregados igualmente amparados (LIRA NETO, 2010, p. 446).

Não se tem certeza de que a Igreja tenha tomado conhecimento da mudança do testamento e que a Santa Sé tinha sido excluída da lista dos beneficiários. O certo é que algo fizera mudar a concepção do padre ao ponto de fazer modificações.

Não levaria muito tempo e o tabelião seria chamado novamente para mais modificações. Alguma coisa, mais uma vez, levara o Padre Cícero a querer novas alterações. Abaixo, a íntegra, o testamento refeito segundo a pesquisa efetuada por Lira Neto:

Ainda não seria aquela última vez que Cícero mandaria chamar o representante do cartório. Dali a cerca de um ano e meio, em 4 de outubro de 1923, o doutor Luiz Teófilo Machado, tabelião de notas da comarca, ouviu as novas e definitivas disposições do padre em relação ao testamento. Os beneficiários continuariam praticamente os mesmos da segunda versão do documento, à exceção de duas alterações dignas de nota. Na primeira delas, o nome de Angélica não mais constaria como herdeira, já que ela acabara de falecer, aos 75 anos de idade. Mas a segunda alteração era ainda mais significativa. Cícero resolveu modificar também o destino do item correspondente à maior parcela dos seus bens. Em vez dos trapistas e dos premonstratenses, seria dali por diante a Pia Sociedade de São Francisco de Sales, a ordem dos chamados salesianos de Dom Bosco, a sua principal herdeira. (...)

A citação nominal das propriedades abarcadas pelo testamento confirmava tudo o que se dizia a respeito da fortuna pessoal do padre. Cícero era, de fato, um homem rico. Em resumo, a lista de seus herdeiros, com os respectivos quinhões que cabiam a cada um, era impressionante (LIRA NETO, 2010, p. 446-447).

Segue, ainda mais detalhada, a descrição da distribuição de bens do testamento do Padre Cícero deixado em cartório como publicado pelo escritor Lira Neto (2010, p. 447-449):

Para a ordem dos salesianos:

- a) Fazenda Juiz, em Aurora;
- b) Fazendas Letras, Caldeirão e Monte Alto;
- c) Prédio em construção, junto à casa da beata Mocinha;
- d) Prédio onde funciona o açougue público de Juazeiro;
- e) Prédio onde funciona o orfanato e terreno contíguo;
- f) Prédios contíguos à casa da beata Mocinha;
- g) Prédios e capela em construção, no Horto, com todas as benfeitorias;
- h) Quarteirão de prédios na Rua São Pedro;
- i) Sítio Conceição, na serra do Araripe;
- j) Sítio Periperi, no pé da serra de São Pedro;
- k) Sítio Rangel, em Santana do Cariri;
- l) Sítios Faustino, Paul e Baixa Dantas, Fernandes, Santa Rosa e Taboca, no Crato;
- m) Sítios Logradouro, Salgadinho, Mochila, Carás e Pau Seco;
- n) Terrenos diversos na serra do Araripe, incluindo o sítio Brejinho;
- o) Todas as outras propriedades que não constem da lista, bem como todas as cabeças de gado existentes nelas.

Para a igreja de Nossa Senhora das Dores:

- a) Prédio onde funciona a cadeia pública e contíguos;
- b) Prédio onde funciona o colégio do professor Manuel Diniz;
- c) Prédio onde funcionou a redação de *O Rebate*;
- d) Prédio onde mora a beata Soledade e o terreno murado contíguo;
- e) Prédio onde morou a beata Isabel da Luz;
- f) Sítio Palmeira, em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte;
- g) Sítios Pititinga e Saco, em Touros, Rio Grande do Norte;
- h) Sobrado e prédio na Rua Padre Cícero.

Para a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

Sítio Porteiras.

Para as beatas:

Prédio na Rua Padre Cícero;

Sítio Barro Branco.

Para a capela de São Miguel, no cemitério dos variolosos:

Terreno cercado, antes reservado ao seminário do Juazeiro, que não foi construído.

Para Adolfo van den Brule:

Sítio Veados.

Para a capela de Nossa Senhora do Rosário, no cemitério antigo:

Sítio São José.

Para as filhas do amigo Belmiro Maia:

Casa à Rua Padre Cícero;

Sítio Carité.

Para o amigo José Inácio Cordeiro:

Sítio Arraial, em Missão Velha.

Para a casa de caridade do Crato:

O sobrado que pertenceu a José Marrocos.

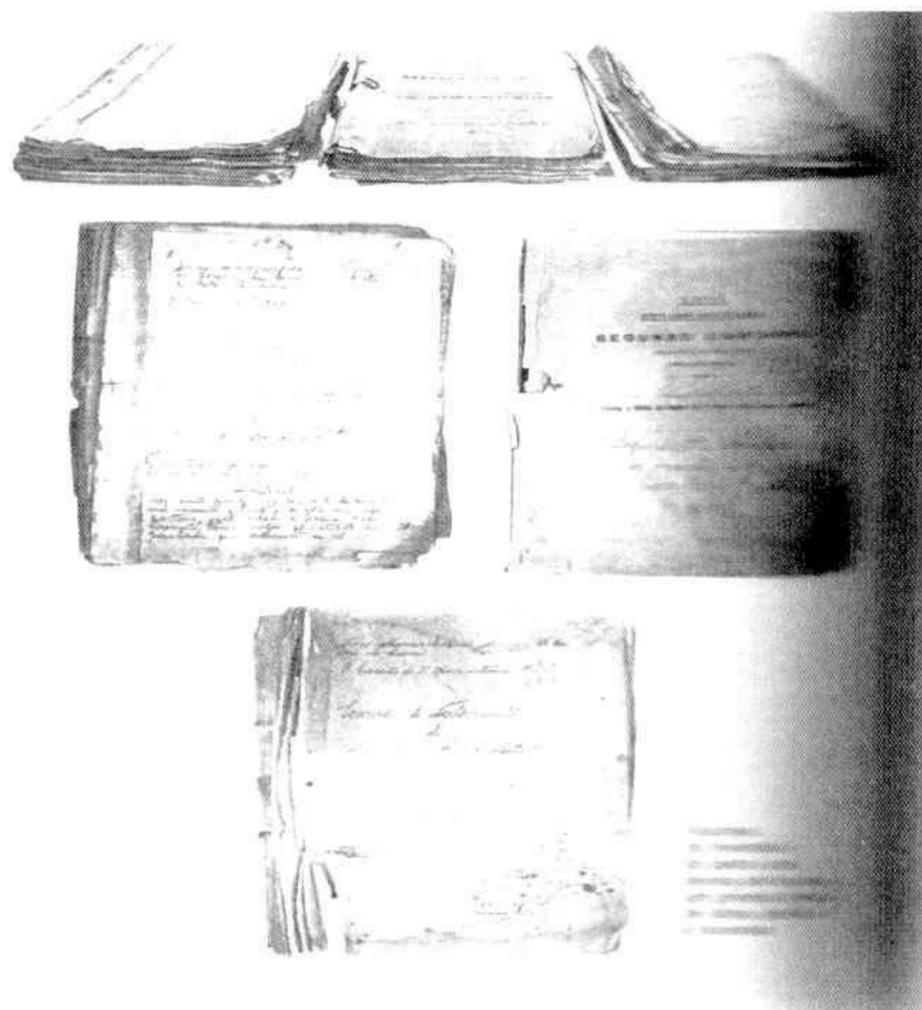
Para pagamento de possíveis dívidas, custos com velório e sepultamento, além de espórtulas para missas e demais despesas eventuais:

Fazenda Coxá.

Para Floro Bartolomeu (testamenteiro legal):

10% do valor monetário líquido de toda a herança.

Foto 01
Registro dos bens do sacerdote



A visão panorâmica do patrimônio permite constatar que não tinha como a Igreja deixar tantos bens a vagar, pois, embora com o registro da desobediência, o Padre Cícero Romão Batista pertencia ao clero do Crato e, para a Igreja, nada mais justo que seu patrimônio ficasse para ela. Houve discussões acerca de como fazer para convencer o padre a deixar todos os seus bens para a Igreja do Crato.

Antes da sua morte, a Igreja lutou para garantir a posse de sua riqueza, o que pode tê-lo feito deixar parte de sua herança para a Igreja do Crato. E fê-lo enquanto estava lúcido, talvez pensando que a Igreja olharia com clemência para o sacerdote moribundo, o que não ocorreu. As trocas de cartas entre o clero do Crato e a Santa Sé eram constantes, pois o Santo Ofício queria que toda a fortuna do padre ficasse no Crato, e não com os salesianos, como Cícero desejava. Diante de inúmeras tentativas do bispo diocesano (LIRA NETO, 2010, p. 507), o Padre Cícero fez, então, as tão desejadas alterações no testamento, aos 17 de janeiro de 1934, antes de fechar os olhos na terra.

Em 17 de janeiro de 1934, cerca de dois meses antes do nonagésimo aniversário, Cícero enviou um procurador ao cartório do Juazeiro e mandou lavrar uma escritura pública de doação à diocese do Crato. Passou ao bispado algumas das propriedades mais valiosas que constavam de seu patrimônio: os sítios Maroto, Faustino, Fernando, Baixa Grande, São Gonçalo e São Lourenço, além de uma fazenda e um conjunto de casas geminadas em Juazeiro, em um total avaliado em 340 contos de réis, o que fazia do clero cratense, oponente histórico de Cícero, o principal beneficiário de sua herança. (...)

Cícero contava como líquido e certo que um gesto tão generoso resultasse na sua imediata reconciliação com a Igreja. Não foi o que aconteceu. Cícero Romão Batista caminhou para a morte sem nunca deixar de ser um proscrito. Não receberia nada em troca, a não ser protocolares cartas de agradecimento (LIRA NETO, 2010, p. 509).

Morreu o Padre Cícero Romão Batista no dia 20 de julho de 1934, em Juazeiro, sem ter recebido do Santo Ofício o uso de ordens. Deixou uma cidade, ainda criança, cujo crescimento se daria de forma tão rápida que ninguém imaginaria viesse a se tornar o que é hoje: uma metrópole fincada nas terras do Cariri, gleba de grandes indústrias, comércio, instituições de ensino etc.

1.8 O atual clero do Crato e as memórias de Cícero

Décadas já se passaram e a memória do Padre Cícero ainda continua viva. O tempo leva e traz novas vocações; porém, não são esquecidos os traços da história de um jovem padre cujo punho era árduo e que sabia tomar decisões acertadas. Os

seminaristas eram formados e disciplinados para entenderem que a obediência à Igreja era algo primordial para futuros padres, e que o exemplo do Padre Cícero não deveria ser imitado, devido ao fato de a sua vida ter sido pautada na desobediência. Gerava-se medo e tensão nos jovens que temiam portar quaisquer trações e que pudessem ser interpretados como revolucionários.

Dom Francisco¹⁴, bispo do Crato no final da vida do Padre Cícero, era cauteloso quanto ao seu caso, até por tê-lo conhecido (FEITOSA, 2011, p. 91). Tinha por ele um apreço mesmo sabendo que o padre segundo suas convicções estava errado. Com a morte do Padre Cícero foi necessário uma maior atenção no sentido de buscar evitar que o seu estilo de vida fosse um modelo a ser imitado pelos sacerdotes que viessem a atuar na diocese, sobretudo na paróquia do Juazeiro. Se na época do jovem Cícero a formação era rígida, a rigidez sofreu, depois, uma maior acentuação. Todo cuidado era pouco para que os futuros padres crescessem nas rédeas da obediência. (FEITOSA, 2011, p. 137).

A fortuna¹⁵ deixada pelo Padre Cícero como herança para a diocese de Crato (Lira Neto, 2010, p. 509), fez com que ela respirasse tranquilamente e colocou-a, na época, entre as dioceses mais bem estruturadas financeiramente.

A creditava-se que o tempo seria o melhor remédio para curar as recordações deixadas pelo Padre Cícero. Porém, foi vão qualquer esforço objetivando apagar forçosamente suas lembranças; nada impediu que os percursos da sua vida fizessem permanecer viva, a todo instante, a imagem indestrutível de um homem que, por muitos, era considerado santo.

Novas paróquias foram criadas e outros sacerdotes receberam a ordenação com a missão de assumir o pastoreio e zelar pelas almas que lhes eram confiadas¹⁶. Com um clero ainda pequeno, a missão pastoral desafiava uma diocese que, embora considerada criança, contava com inúmeros projetos pastorais voltados para o povo. Em termos de expansão geográfica, a diocese do Crato era grande, abrangia, inclusive, todo o território que hoje forma a diocese de Iguatu¹⁷.

¹⁴ Dom Francisco de Assis Pires foi o segundo bispo diocesano de Crato-Ce. Nasceu aos 04 de outubro de 1880 em São Salvador na Bahia. Tomou posse como bispo diocesano 10 de janeiro de 1932, governando a diocese até 11 de julho de 1959. Veio a falecer no dia 10 de fevereiro de 1960.

¹⁵ Viu-se, na página anterior, citação que afirma ter o Padre Cícero deixado 340 contos de réis, mais um patrimônio a base de prédios, casas, sítios e uma fazenda de grande valor, deixando a diocese de Crato em condições financeira bem melhores que as demais.

¹⁶ Os termos "Zelar" ou "Confiadas", são muito usados na linguagem da Igreja Católica. São termos designados para expressar missão, amor e ao mesmo tempo responsabilidade para com os paroquianos confiados.

¹⁷ A Diocese de Iguatu passou a existir no dia 25 de março de 1961, quando o Papa João XXIII lavrou o decreto da criação da diocese, desmembrando-a da Arquidiocese de Fortaleza e da diocese de Crato. Seu

À medida que os governos episcopais se sucederam, com eles vieram outros impulsos e novas vocações; aos poucos, o clero aumentou significativamente. Mesmo assim era grande o cuidado para evitar que outro Cícero Romão Batista surgisse em algum sacerdote das paróquias que formam a diocese do Crato. (FEITOSA, 2011, p. 137).

O mais interessante é que, mesmo com a morte do Padre Cícero, os romeiros continuaram indo ao Juazeiro, agora com um objetivo maior: o de não apenas visitar a Igreja da Mãe das Dores, onde está o túmulo do Padre Cícero, mas, também, o de deixar seus pedidos aos pés daquele que era segundo os romeiros íntimos de Deus, e fazer suas preces e rogos na certeza de que o “padim” será um intermediário deles junto a Deus. (FEITOSA, 2011, p. 26).

As idas e vindas ao Juazeiro do Norte ganharam uma proporção significativa, e os padres tinham uma missão a mais, a de lidar com um aglomerado de romeiros que, a cada dia, aumenta na terra do Padre Cícero. Tudo era novidade para os novos padres, para os quais era perceptível ser a grande massa de romeiros impulsionadora de uma maior circulação no comércio da pequena cidade, que passou a contar com um diferencial, em sua estrutura econômica, se comparada com as outras. Até então, na cidade do Crato era mantida uma feira que assistia às demais. Depois, ela foi ultrapassada pelo Juazeiro, que passou a suprir suas necessidades sem ter que buscar sustento nos braços daquela que antes recebia os próprios moradores do vilarejo do Juazeiro e lhes fornecia tudo nas suas tradicionais e famosas feiras. Talvez não passasse por nenhuma mente que, hoje, seria o de Juazeiro do Norte o nome forte para se falar do Cariri e que se teria como referência o “santo” do Nordeste, que empreendeu esforços e labutas de homem convicto de que aquele seria um lugar bom para se morar e constituir família. (Feitosa, 2011, p. 152)

Atualmente, sob o governo de Dom Fernando Panico, a diocese do Crato tem outra visão acerca do Padre Cícero. Deve-se isso à luta incessante implementada pelo bispo que buscou esclarecimentos acerca de quem foi o Padre Cícero e sobre o porquê de ele ter sido tão firme em suas decisões. Essa postura de Dom Fernando, e o empenho em fazer visível e aceitável a memória do Padre Cícero, ainda hoje divide o clero do Crato. Existem padres que não veem com bons olhos as atitudes e a desobediência do Padre Cícero. Tal concepção ainda é fruto da compreensão difundida em um tempo no qual os

sacerdotes eram formados em uma linha de maior rigidez (CARTA PASTORAL, 2003, p. 6).

Os dissabores são reais da parte de alguns. Todavia também há, no atual clero do Crato, sacerdotes que aprenderam a perceber o Padre Cícero com um olhar diferente. Hoje já se fala nele sem tanto ressentimento. Aos poucos o impasse se desfaz, talvez porque a compreensão do passado ganhe novas interpretações e a devoção popular geradas estejam influenciando os sacerdotes, ou talvez eles sejam movidos apenas pelas conveniências. (CARTA PASTORAL, 2003, p. 7).

Entre as dioceses do Regional Nordeste I¹⁸, a do Crato goza de prestígio por causa de seu marco histórico e também pelo seu clero¹⁹ numeroso, que conta com padres qualificados em diversos campos da formação acadêmica entre doutores, mestres e especialistas. É também referência na formação de futuros sacerdotes, acolhendo entre os seus, seminaristas de outras dioceses e estados, implicando estarem todos sujeitos, direta ou indiretamente, a viver sob os ares de intensa devoção popular e à sombra da figura histórica do sacerdote Cícero Romão Batista.

1.9 *Minha defesa quem fará?*

Talvez fosse difícil imaginar que a mesma Itália, no caso Roma, que um dia julgou e suspendeu o Padre Cícero de ordem, daria à diocese do Crato, encravada no sertão nordestino, um bispo gerado na comuna italiana da região da Puglia, província de Lecce, como defensor de uma mudança na forma de interpretar o contexto da vida do sacerdote suspenso.

Torna-se curioso porque os bispos anteriores jamais demonstraram interesse pelo caso. Isso é verídico até porque Juazeiro do Norte só era lembrada, às vezes, em alguma missa de final de romarias, ou quando tinha que ser conferido o sacramento da crisma ao seu povo. Momentos como os citados faziam o pastor diocesano dirigir-se à cidade. A memória do Padre Cícero era como que apagada pelos bispos. Não se tinha interesse em reacendê-la porque não havia motivos que o justificassem. Era melhor não tocar no assunto, até porque nos períodos dos bispos anteriores havia os padres mais

¹⁸ Formado pela Arquidiocese de Fortaleza e pelas dioceses de Crateús, Crato, Iguatu, Itapipoca, Limoeiro do Norte, Quixadá, Sobral e Tianguá, o Regional Nordeste I, da CNBB, tem sua sede na cidade de Fortaleza.

¹⁹ Segundo a Cúria Romana da diocese de Crato, hoje a diocese é composta por 113 padres, distribuídos em 54 paróquias, como também em hospital, escolas, faculdades e demais ocupações.

conservadores para os quais a simples menção ao nome de Cícero Romão Batista causava a impressão de que se estava fazendo referência a uma pessoa não grata (FEITOSA, 2011, p. 89). Entretanto, o tempo dava sua contribuição à memória do sacerdote suspenso e a morte se encarregava de fazer esquecidos os bispos, quanto os sacerdotes avessos à questão e, com eles, os mais fortes impasses da rejeição. Tempos novos surgiram e trouxeram consigo novos personagens, como Dom Newton Holanda Gurgel e Dom Fernando Panico, que se mostraram abertos e alavancaram a caminhada dos jovens sacerdotes de forma a que se abrissem ao fenômeno Padre Cícero e aos romeiros do Juazeiro, bem como ao processo de reabilitação do Padre Cícero. (FEITOSA, 2011, p. 101).

O Padre Cícero, assim como a diocese do Crato, tiveram novos rumos com a chegada de Dom Fernando Panico, missionário do Sagrado Coração de Jesus. Ele nasceu em Tricase (Itália), em 1º de janeiro de 1946 e foi ordenado bispo aos 14 de agosto de 1993, para assumir a diocese de Oeiras, no Piauí; porém, transcorrido não muito tempo, em 29 de maio de 2001, foi empossado como 5º Bispo Diocesano do Crato.

Uma nova página da história começou a ser escrita. Um bispo italiano conseguiu notar que a Igreja deixou passar despercebida uma interpretação mais apurada sobre todos os acontecimentos que marcaram a vida do Padre Cícero. Questionamento foi o que motivou Dom Fernando a reabrir feridas na Igreja, ao buscar a reabilitação do sacerdote esquecido pela mesma Igreja.

Como pastor diocesano, convido a todos a estarem abertos aos impulsos e inspirações que o Espírito, por meio da realidade de nossa Igreja Particular, suscita entre nós. Ao aprofundarmos o conhecimento da história e obra do padre Cícero, a Diocese de Crato está tomando consciência de que, em sua missão pastoral, há de se reconciliar com o testemunho de vida do homem e sacerdote Cícero Romão Batista que, como Jesus e seus discípulos foi, é e será sempre sinal de contradição (Lc 2, 34). (CARTA PASTORAL, 2003, p. 04).

A vontade que o bispo tem de reabilitar o Padre Cícero reacende a esperança de milhares de romeiros que desejam ver o nome do Padre Cícero 'limpo' na própria Igreja para, assim, também poder estar a sua estátua dentro dos templos, como é o caso dos demais santos.

A postura assumida por Dom Fernando fez a Igreja do Crato acordar e se sentir sacudida. Ela estava como que adormecida e parecia lhe fazer bem viver no mundo do esquecimento. Tal situação perdurou até que um membro do episcopado percebesse a grandeza e a importância da figura do Padre Cícero.

Para mim, bispo diocesano de Crato, em nenhum momento a reconciliação significa um juízo ou um julgamento precipitado dos fatos ocorridos nesta nossa diocese. Inspirados no Vaticano II, a exemplo do Papa Paulo VI, queremos com alegria e fidelidade a Cristo em tudo que há de mais importante, estar comprometidos com a plena disposição de “corrigir os erros eventuais provenientes da fraqueza humana” (CARTA PASTORAL, 2003, p. 06).

A partir da cidade do Crato, sede episcopal, Dom Fernando governa a diocese e também administra o desenrolar da história do Juazeiro. Sua presença naquela cidade tornou-se algo natural, como se sua sede episcopal tivesse sido transferida. Fez-se pessoa grata na cidade dos romeiros e passou a se dedicar, com ênfase, aos momentos festivos da cidade, apoiando a memória da figura do Padre Cícero e utilizando-se da fé devocional dos romeiros para evangelizar o povo de Deus. O tempo dos bispos que mal pisavam em Juazeiro do Norte passou (FEITOSA, 2011, p. 367). De tanto ser presença na terra do “Padim”, foram levantados rumores de que Dom Fernando iria levar a sede episcopal do Crato para Juazeiro, devido a grande ênfase que demonstra nas celebrações, entrevistas e palestras, ou seja, em todos os compromissos da sua agenda que ali acontecem.

O papel atuante de Dom Fernando Panico em Juazeiro do Norte tem tido o efeito de uma injeção de ânimo. Os romeiros passaram a perceber a presença do bispo nas missas e procissões. O contato direto com os romeiros tornou-se algo real, pois Dom Fernando não se mantém distante dos peregrinos; ao contrário, se deixa envolver no contato próximo, uma vez que os fiéis retribuem com gestos e expressões afetivas. O estabelecimento desta relação recíproca fez com que o bispo do Crato já consiga reter em sua memória os traços faciais daqueles que se mantêm assíduos às romarias. Tal postura do pastor fez com que os romeiros se sentissem bem quistos em Juazeiro e motivados a voltar mais vezes. (CARTA PASTORAL, 2003, p. 03).

A iniciativa de Dom Fernando de formar uma comissão e ir à Roma no intuito de levar à Santa Sé relatos, documentos e assinaturas, através dos quais o povo pede à Igreja a reabilitação do Padre Cícero, fez aumentar o ânimo dos juazeirenses e dos diversos romeiros para com o bispo que frisou como uma das metas refazer uma nova compreensão da figura do Padre Cícero tão mal interpretada pela mesma, inicialmente o reabilitando ao uso de ordens e em seguida buscando sua canonização e o levando aos altares.

Ao mesmo tempo, apraz-me apresentar a Vossa Santidade o resultado dos trabalhos realizados por uma Comissão especial de estudiosos que, durante quase cinco (5) anos, pesquisaram toda a documentação referente

ao caso Padre Cícero Romão Batista, no Arquivo Diocesano de Crato e no Vaticano. Há quase trinta (30) anos, estes pesquisadores já estudavam os documentos de outros Arquivos no Brasil. Com as pesquisas no Arquivo Diocesano de Crato, foram compulsados documentos para as decisões tomadas, desfavoráveis ao Padre Cícero Romão Batista (Petição Oficial, 2006).

Na Igreja se afirma, há muito tempo, que “Roma é eterna”. Tudo bem que a eternidade de Roma seja acolhida pelos cristãos católicos, mas o bispo do Crato, atualmente empenhado no processo de reabilitação do Padre Cícero, não é eterno. O fato de ele já não gozar de boa saúde, é um fator que faz Dom Fernando correr contra seu arqui-inimigo: o tempo. Ignorar uma oportunidade como essa, seria voltar no tempo e reviver as memórias dos bispos que enterraram a história do padre e tentaram apagá-la da memória do povo. Também se poderia pensar que, em caso de nomeação de um sucessor, talvez o novo bispo não demonstre a mesma boa vontade e interesse.

Vendo urgência em todo processo, foi formada, pelo bispo diocesano, uma comissão para, juntos, trabalharem na causa e irem a Roma, levando em mãos os documentos necessários para dar início aos trâmites legais. Através da comissão, um grupo de pessoas levou uma gama de documentos que foram apresentados ao Papa. Com eles, a Igreja do Crato pede ao Sumo-Pontífice da Igreja Universal²⁰ que acolha o pedido dos devotos e demais católicos que almejam ver o sacerdote ao menos reabilitado. Junto ao processo foi uma suma de tudo aquilo que se tem nos arquivos da diocese. Todos os documentos foram avaliados minuciosamente pela referida comissão, presidida pelo bispo diocesano. O relatório do processo foi protocolado em Roma e o seu conteúdo tornou-se livre e acessível ao público. Ele se encontra na cúria diocesana do Crato, no seu devido setor. (PETIÇÃO OFICIAL, 2006).

No processo, Dom Fernando se dirige diretamente ao Papa Bento XVI, solicitando que reabilite o Padre Cícero às ordens do ministério sacerdotal, pois ele morreu sem poder delas fazer uso. Inicialmente a Igreja do Crato não pede muito. Após tantas verificações que atestam ter sido o Padre Cícero um bom sacerdote, roga ao Papa que aquele membro do clero cratense seja agraciado com esse ato de justiça e caridade.

Foi Vossa Santidade que, no ano de 2001, indagou o Bispo de Crato sobre a conveniência pastoral de reabrir os Arquivos da nossa Diocese, para novas pesquisas documentais sobre a questão do Padre Cícero Romão

²⁰ O termo Sumo-Pontífice é um dos títulos usados pelo Papa, como os demais reconhecidos por todos os católicos que professam sua fé. Vejamos outros títulos Atribuídos ao Papa: Bispo de Roma; Primaz da Itália; Patriarca do Ocidente; Vigário de Jesus Cristo; Servo dos servos de Deus; Sumo-Pontífice da Igreja Universal; Sucessor do Príncipe dos Apóstolos; Soberano do Estado da Cidade do Vaticano; Arcebispo e Metropolita da Província Romana.

Baptista. Obrigado, Santidade, por nos ter ajudado a realizar um trabalho que, em boa hora, vem fortalecer a esperança de quase dois milhões e meio de peregrinos. (...) Estas romarias a Juazeiro do Norte continuam sendo fruto do zelo pastoral do Padre Cícero Romão Baptista, do seu ensinamento e do seu testemunho de vida, fiel até a morte à causa do Reino de Deus. (PETIÇÃO OFICIAL, 2006).

Quando Joseph Ratzinger ainda era cardeal, ele tinha sugerido ao bispo do Crato, Dom Fernando, que levasse todo o processo à Congregação da Fé²¹, para análise. Assim foi feito. Hoje se aguarda uma resposta sobre o caso Padre Cícero Romão Batista. Todavia, enquanto o veredicto não vem de Roma, a Igreja do Crato continua seus trabalhos, levando adiante as romarias.

No próximo capítulo será abordada a realidade do Juazeiro do Norte, sede metropolitana da região do Cariri, que hoje ostenta uma estrutura de capital devido à figura do Padre Cícero, através de quem a cidade deu os passos iniciais para o seu desenvolvimento.

²¹ A Congregação para Doutrina da Fé é a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos mais antigos da Santa Sé. Ela hoje substitui a antiga Congregação do Santo Ofício, que, anteriormente, chamava-se Suprema e Sacra Congregação da Inquisição Universal.

2 JUAZEIRO DO “MEU PADIM” RUMO AO DESENVOLVIMENTO

2.1 *Gênese do desenvolvimento*

Juazeiro do Norte, cidade situada no sertão do Cariri, no sul do Ceará, cresceu demograficamente e desenvolveu sua economia sob a custódia do Padre Cícero. O povo peregrino que migra para a terra do “Padim” chega ao referido solo marcado pela fé, desejoso de ali conquistar vida próspera, avinda também da bênção do patriarca, visto que ela sacramenta a fé do povo que busca melhores condições de vida.

O povo de Juazeiro do Norte é um povo cosmopolita, haja vista que na cidade fixou residência gente de diversas regiões do Brasil, sobretudo do “rincão” nordestino marcado pela privação das chuvas. Ali, a força do Padre Cícero é proeminente e, de certa forma, sinônimo de desenvolvimento regional, pois o Cariri adquiriu renome a partir do vigor de seu ministério sacerdotal.

No princípio eram uns juazeiros, e, ao redor deles, uma feira. No princípio, também, era principalmente um padre, o padre Cícero e, para os que estavam em volta dele, em número crescente, o conselho: “cada casa uma oficina, cada oficina um oratório”. Daí a feira transforma-se num grande centro comercial, onde fervilham micro e pequenos negócios, com área de atuação que extravasa as fronteiras do Ceará. (LIMA, Claudio Ferreira. In: Revista especial: Centenário de Juazeiro. Juazeiro do Norte: Capital da fé e do trabalho. N. Ano XV; nº 103 – julho 2011).

A figura do Padre Cícero, tanto como conselheiro do povo sofrido do nordeste, como alguém capaz de solucionar problemas sociais ligados à seca e miséria do povo, tornou a região atrativa para o sertanejo itinerante. O povo cultivava a religião católica que vê no sofrimento o alicerce para os pecados serem expiados e as privações suportadas, uma vez que se prega que tudo é desígnio de Deus. Sabendo que a graça de Deus não falha, o sacerdote carece da atividade do pecador para que os tempos escassos sejam superados. O Padre Cícero não dispersava o peregrino sofrido que chegava à região, mas indicava um ofício para cada família, de acordo com as habilidades existentes no grupo.

Juazeiro do Norte em 1827 um pequeno aglomerado urbano com poucas casinhas ao lado da primeira capela erigida em honra de Nossa Senhora

das Dores, Padroeira do lugar... A cidade de Juazeiro do Norte está localizada no extremo sul do Estado do Ceará no chamado Vale do Cariri, distante cerca de 560 km de Fortaleza, pela BR 116. É a maior cidade do interior cearense, mais a área do município é de apenas 249 km². (LIMA, Claudio Ferreira. In: Revista especial: Centenário de Juazeiro. Juazeiro do Norte: Capital da fé e do trabalho. N. Ano XV; nº 103 – julho 2011).

Com o lugarejo crescendo em população e adquirindo *status* de cidade, a economia do Cariri e adjacências começou, gradativamente, a recorrer a Juazeiro do Norte que se tornou hegemônica, não somente no parâmetro religioso, mas, sobretudo, no econômico. O sertanejo que recorre a Juazeiro do Norte compra artefatos para satisfazer sua faina diária em virtude da variedade e pluralidade do comércio local. Juazeiro emancipa-se gradualmente das grandes metrópoles, torna-se autossustentável e ressalta a habilidade de seus munícipes empreendedores, pois eles investem em um comércio emergente que ganha repercussão positiva, atraindo gente de todo nordeste e de diversas classes. Isso se faz visível, sobretudo na época de romarias, que é o período de maior renda proveniente da incursão de recursos na estrutura comercial da região.

As ruas da cidade em qualquer época do ano exalam clima de vendas e negócios; nelas são comercializados desde objetos rudimentares até utensílios sofisticados. A economia ganhou corpo e solidez, fruto da diversidade de produtos e de uma localização geográfica estratégica, uma vez que está no triângulo CRAJUBAR²² - entre regiões.

A localização geográfica de Juazeiro do Norte é um dos motivos naturais que a tornam centro de convergência de consumo não somente para o Cariri, mas para inúmeras cidades dos Estados vizinhos. A Região Metropolitana do Cariri tem uma população superior a 540.000 mil habitantes. Dados do IBGE mostram Juazeiro do Norte com uma população de 250.000 habitantes (Disponível em http://www.juazeiro.ce.gov.br/secretaria/seplad/perfil_socioeconomico). Acesso: 26 jun. 2011).

O panorama evolutivo da cidade confirma a eminência da religiosidade exposta nos pontos estratégicos do município, como a Colina do Horto, por exemplo, que recebe vasto número de fiéis, que a cognomina como lugar de intrépida santidade. A estátua do Padre Cícero, erigida no alto da colina, retrata o ícone da sua presença espiritual, como se a abençoar todo o povo que chega e o romeiro que se despede, pois está de retorno para sua região de origem. Paralelo ao aspecto da religiosidade, a cidade investe na atmosfera industrial, conseqüentemente, econômica. Basta ver, quando na alta estação da romaria, o quanto os preços dos artefatos são alterados, uma vez que na existência de demanda, o preço acrescido implica maior rentabilidade para o lugar. Nas festas de

²² Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

grande porte, como aniversário do Padre Cícero, festa de Nossa Senhora das Dores, Finados e outras, a cidade recebe uma multidão de romeiros que usufrui dos produtos locais, o que aquece deveras a economia, ratificando a cidade como perímetro comercial do Estado. (ARAÚJO, 2011, p. 63).

Tanto o comércio secular como o religioso têm lucros significativos visto que a religião tem seus artifícios. Ela expõe a figura do Padre Cícero como relicário para atrair ofertas. Nos tempos atuais a vinda do romeiro ao Cariri se tornou ainda mais forte. É comum a existência da imagem do padre Cícero em todo estabelecimento comercial, pois ele é o alicerce simbólico de toda a história regional. A expansão industrial tem relevo no território do Cariri e, no caso do Juazeiro do Norte, sua visibilidade se torna referência, atraindo investimentos para a região. É notório que, em Juazeiro, todo e qualquer movimento econômico tem vínculo, direta ou indiretamente, com a religiosidade.

O desenvolvimento regional está agregado ao culto ao sagrado, tornando a região um misto devoção e negócio, pois o peregrino expõe sua fé a partir da permuta de favores contraída favor divino lhe concedido, por isso existe a “prestação de contas” a partir do cumprimento da promessa. O poder público investe na estrutura física da cidade com o intuito de reverter o investimento feito em recursos para a região. Investir em maior visibilidade dos monumentos e dos lugares sagrados, por exemplo, de forma a serem favorecidos o requinte e o aconchego para o romeiro, torna a cidade atrativa, uma espécie de reduto que cativa o visitante e nele desperta o interesse de regresso.

Os romeiros que chegam a Juazeiro do Norte nos tempos festivos não vêm desprovidos de finanças; ao contrário, eles injetam somas consideráveis no comércio local. Há intensa dinâmica nas vendas, desde as realizadas em feiras livres, ou através de camelôs e ambulantes, até os lugares sofisticados, como os *shoppings*, que investem em *glamour* para atrair os visitantes. Nos autofalantes das ruas é comum e audível a execução de músicas sacras que têm como tema a romaria e trazem exortações aos romeiros e ditos do Padre Cícero. Tudo isso faz surgir um misto de religião e negócios: através de uma sintonia entre fé e capital, vendas e religiosidade se entrelaçam e superlotam a Igreja e o mercado. (CAVALCANTE, 2011, p. 38).

2.2 Oração e por que não grandes avanços?

A cidade de Juazeiro do Norte, também denominada “Terra da Mãe de Deus” ou “Meca do Cariri”, inspira religiosidade. A vinda de romeiros é constante, independente de

haver romaria ou não, pois o que importa é o contato real com a centralidade maior da peregrinação.

Para alcançar esse centro os romeiros se colocam a caminho, e, como se trata de uma busca do sagrado a jornada é vivida como um ritual de purificação e aproximação. Na escolástica tomista, esta perspectiva ganhou uma formulação teológica, na medida em que estabeleceu uma esfera intermediária entre a eternidade, espaço da existência de Deus, e o tempo, criado por Deus, e no qual atua sua vontade. [...] Ao mesmo tempo que o sagrado está em todos os lugares, também está localizado naqueles lugares e coisas, como relíquias, imagens, a cruz e os centros de peregrinação. (STEIL, 1996, p. 104).

É comum a demanda de gente das cidades adjacentes que, comumente, vem ao comércio local, tornando a cidade referência para todo o polo caririense, sem contar regiões de estados fronteiriços, como Pernambuco e Paraíba. O desenvolvimento regional nasceu da presença do Padre Cícero. A difusão de seus feitos vai arrebanhando fiéis por todos os lugares do Nordeste. É comum, em épocas de romarias, chegarem à região do Cariri inúmeros veículos, grande variedade de ônibus e grande número de caminhões que ainda preservam o estilo conhecido como “pau de arara”.

Nas romarias, a oração é frequente, crivada pela tradição das rezas e benditos ensinados pelas beatas. Os hinos e jaculatórias são cantados no interior dos veículos, onde são feitos numerosos pedidos de graças, uma vez que o Padre Cícero se tornou, para muitos romeiros, um intercessor capaz, inclusive, segundo a crença popular, de praticar milagres e curas físicas e espirituais. Nos locais estratégicos dos santuários e locais sagrados, é comum a existência de cofres à espera de ofertas; na colina do Horto existe a casa dos milagres. Milagre implica gratidão, e esta, materializada em finanças, auxilia a manutenção das atividades eclesiais. É bastante visível a fé do povo manifestada nos ex-votos que são depositados no túmulo do Padre Cícero, na Igreja do Socorro, na casa dos milagres e também no Horto.

Foto 02
Casa museu do Padre Cícero



Fonte: acervo do autor

A aura que circunda a cidade de Juazeiro do Norte não é subtraída mesmo com a evolução dos tempos. No caso do romeiro, genuflexo perante a estátua do sacerdote pouco importa se a sua atitude revela idolatria ou veneração; ele apenas acredita que sua súplica será ouvida, ou mesmo serve para reconhecer a graça conquistada através de pedido anteriormente formulado. A romaria se endereça para lugares sagrados, no caso de Juazeiro do norte, converge para espaços geográficos onde conota a presença do Padre Cícero, por isso, são efetivados os rituais que marcam a religiosidade do povo.

A romaria enquanto ritual também pode ser classificado como ato performativo. – isto é, que produz resultados em virtude de ser realizado. Talvez se possa pensar na própria viagem como um ato que se realiza como uma performance, através de um mecanismo análogo ao que sustenta a eficácia simbólica, onde, “trata-se de suscitar uma experiência e, na medida em que essa experiência se organiza, mecanismos situados fora do controle do sujeito se ajustam espontaneamente para a chegar a um funcionamento ordenado” (STEIL, 1996, p. 109).

O divino se torna íntimo em virtude do cumprimento da promessa ou da oferta depositada no santuário ou lugar sagrado. Ele simplesmente acredita, pouco importa se há alguma subversão da doutrina eclesiástica no seu jeito leigo de render louvores.

Foto 03
Estátua do Pe. Cícero no Horto – Juazeiro do Norte



Fonte: acervo do autor

O Padre Cícero, quando vivo, soube expor para seus fiéis à sintonia produtiva entre fé e trabalho.

Os devotos ou alternavam reza e trabalho, ou associavam a labuta à oração, cantando hinos e louvores ao “santo” de sua adoração. As empreitadas do ‘sagrado’ foram encerrados com a morte do Padre Cícero, em 1934; no entanto, a produção artesanal, as fabriquetas de bens simbólicos, a comercialização das lembranças da cidade sagrada experimentaram um novo dinamismo a partir da esperança imaginária do retorno do ‘padim’. Simultaneamente as romarias e o movimento migratório formado por devotos e comerciantes em busca de melhoria de vida na ‘terra da Promissão’ continuaram em escala ascendente, contrariando as

'elites' que viam neles uma fonte de fanatismo, e, portanto elemento arcaico, ou antimoderno (ARAÚJO, 2001, p. 90).

Em termos econômicos, a região se resumia àquilo que lhe era permitido enquanto ambiente rural dotado de terrenos ricos em água e com variadas fontes de águas térmicas. No caso do Cariri, o Pe. Cícero incentivou a criação de gado e a plantação de legumes típicos dali. Tinha, sobretudo, visão futurista; aliás, a cidade foi se constituindo baseada em seu firme planejamento de visionário: Desenvolveu o Juazeiro ensinando a fazer chapéu, esteira, baladeira, cachimbo, pilão, panela de barro e candeeiro.

Na atualidade, não é possível dissociar Juazeiro do Norte e Padre Cícero. Mesmo as pessoas céticas, ou agnósticas, quando estão envolvidas em atividades comerciais tendem a preservar o que lhes é útil, no caso, a representação da figura do taumaturgo posta na vitrine de seu ponto comercial, pois ela tende a atrair clientes. O capitalista se volta para a religião e a abraça, principalmente quando projeta lucros.

Uma questão relevante nessa discussão está em aspectos relativos ao turismo religioso predominante no município. As romarias sazonais a Juazeiro, motivadas pela figura do Padre Cícero fazem do lugar um nicho no mercado sem concorrentes próximos e alimentados por uma demanda que se mantém relativamente constante ao longo dos anos, apesar dos problemas estruturais do município. Contemplando esse panorama, o foco da análise a seguir está no fluxo já consolidado das romarias, refletindo as possibilidades estratégicas para a modalidade de turismo religioso existente. (DIAZ, In: Cadernos de Ciências da Universidade Regional do Cariri; TENDÊNCIAS; 95 2004.)

O comércio que movimenta a economia e lhe dá vigor, tem a religião como base, estrutura sacralizada que é capaz de sustentar a demanda do romeiro peregrino, ano após ano. Por trás de cada romaria existe, ainda que rudimentar, uma indústria de *marketing* que se revela eficiente, capaz de interferir na motivação e necessidade da clientela. A fusão entre a vontade de vender e a criação de necessidades está associada, e a romaria serve de plataforma para variados negócios, desde os mais tênues aos mais sofisticados.

Nos meios de comunicação da região, a religião católica é proeminente. É impressionante observar a demanda quanto às missas, inclusive no Santuário de São Francisco, dos frades Capuchinhos, onde toda quarta-feira existe a Hora da Graça. A celebração tem início às 19h; porém, desde às 18h o Santuário já está lotado. Pessoas se dirigem ao templo com banquinhos, pois não se encontra mais espaço no interior da Igreja. A religiosidade transcende o tempo, mas a mensagem do Padre Cícero continua e perpetuar-se na posteridade. Cada pessoa que participa da celebração eucarística

deposita suas ofertas. Com o entusiasmo do celebrante, até aquela relativamente mais apática se desvencilha de alguma quantia.

A peregrinação a Juazeiro do Norte deu-se através da evolução do fenômeno Padre Cícero. Com efeito, uma significativa parte da expressividade da peregrinação existente nessa localidade está condicionada a representatividade da imagem do Padre Cícero, enquanto fenômeno de adoração o de significado religioso, que os peregrinos construíram e vem construindo o propósito destes acontecimentos. Pode-se assim admitir, através do pensamento de Fortuna (1999, p. 89), que os elementos discursivos dos peregrinos e suas formas religiosas de fazer peregrinação estão ligadas às expressões verbais de pedir, rezar ou agradecer. Vistos por este aspecto, os peregrinos do Padre Cícero o veneram e o adoram por meio do ato de peregrinar, seja através da pregação, do sacrifício, da adoração ou promessa. O turismo em Juazeiro tem sido um notável sucesso e tem representado um importante papel no desenvolvimento da riqueza da cidade de Juazeiro e da região do Cariri (CORDEIRO, In: Cadernos de Ciências da Universidade Regional do Cariri; TENDÊNCIAS; 95 2004.)

Nas Igrejas de Juazeiro são comuns os brados de “viva” no desfecho da celebração; naquele momento, é de praxe fazer menção aos santos mais conhecidos, e, entre todos, o mais aplaudido talvez seja o Padre Cícero. A missa do dia 20 de cada mês é celebrada e transmitida pelas rádios (AM/FM) do Cariri, inclusive pela televisão, principalmente por contar, costumeiramente, com a presença do bispo diocesano.

Com a era digital, a irrupção do mercado tecnológico tem proporcionado melhores condições de vida na região, inclusive nos processos de industrialização; todavia, a busca pelo sagrado é um fato que não arrefece. O homem sente falta da religião, pois é necessitado de sentido para o que faz. Assim, ele vê nas manifestações do sagrado a solução para os problemas, sobretudo os existenciais.

2.3 *Comércio sacro na “terra do milagre”*

O fato mais destacável, que o projetou como “santo” para seus seguidores, foi a transformação da hóstia em sangue na boca da beata, quando de uma celebração eucarística por ele presidida, conforme já visto. A notícia da suposta intervenção divina rompeu as fronteiras do povoado e tiraram o padre do anonimato. Ele passou a ser ressaltado como base para a epifania²³ de sinais divinos. Aquele “feito” tornou a região

²³ Epifania significa aparição, manifestação e vem do grego “epiphanéia.” No sentido religioso, no calendário litúrgico da Igreja Católica, significa uma manifestação divina, por exemplo, quando houve a apresentação de Jesus Cristo ao mundo, através da chegada dos Reis Magos trazendo seus presentes. Epifania também

ponto de peregrinação. Cada vez que o episódio era divulgado, curiosos e crédulos se sentiam atraídos pela figura, considerada taumaturga, do vigário local.

Apesar da reprovação do bispo do Ceará, o povo acorria a Juazeiro, que, gradualmente, foi-se tornando populoso. Mesmo no período posterior à morte do seu fundador, continuou adquirindo porte de metrópole, o que é comprovado pela estrutura contemporânea do município. A religião se tornara o alicerce para a edificação arquitetônica da cidade onde teria ocorrido o maior “milagre” do supracitado clérigo. A Igreja oficial não via com simpatia a alusão de santidade remetida ao padre pelos romeiros que chegavam. A romaria evoluiu sem pausa. Ainda que a ótica eclesiástica fosse reticente, ela era aceita sem reservas pelo povo do nordeste. (BARBOSA, 2011, p. 40).

Com a irrupção da romaria, o comércio se tornou próspero e passou a oferecer desde artefatos seculares a artigos religiosos. A venda de terços e imagens de santos, por exemplo, constitui significativa fonte de renda para os artesãos e escultores da região. Outro fator importante e que requer certa reflexão acontece na época da romaria, quando se evidencia a questão do alojamento para os romeiros²⁴. Grande quantidade de peregrinos não se hospeda em hotéis ou pousadas; preferem locar casas de famílias a preços bem menores, pois em uma residência pode ser alojado entre dez a quinze pessoas sem grandes arroubos, o que resulta uma renda fértil para os proprietários. A romaria é crivada pelo comércio utilitário, visto que para onde o romeiro se encaminha lhe são oferecidos artefatos, sendo visível a mistura entre profano e sagrado que são mantidos entrelaçados.

O movimento criado pelas romarias denota lucro para a região. A cidade explora a clientela externa e expande a renda local. Desde que o Padre Cícero fez surgir uma

pode ser conceituada no sentido filosófico, significando uma sensação profunda de realização no sentido de compreender a essência das coisas, tudo que pode estar no âmago das coisas ou das pessoas, isto é, poder considerar que a partir de agora sente como solucionado, completado, aquilo que estava tão difícil de conseguir. Epifania pode ser um pensamento iluminado, uma inspiração que parece ser coisa de Deus, como que somente ele seria capaz de pensar tal coisa. Os ingleses costumam utilizar muito este termo dizendo: “I just had an epiphany” como eu tive um pensamento indescritível, único. Muitos religiosos, filósofos, místicos, escritores, cientistas confirmam através de relatos históricos que passaram por algumas experiências epifânicas, como Buda, Moisés que conta as aparições de Deus na Bíblia, Maomé, James Joyce entre outros. <http://www.significados.com.br/epifania/>

²⁴ Para atender aos seus visitantes, Juazeiro possui razoável estrutura hospedeira, contando com alguns hotéis dentro dos padrões exigidos pela EMBRATUR para classificação: Panorama Hotel e San Felipe (três estrelas); Municipal, Juá Palace e Viana Palace (duas estrelas). Como opção existem ainda o Verdes Vales Hotel (quatro estrelas, a classificar) e Cicerópolis (duas estrelas, a classificar), cerca de 30 hotéis e pousadas, dezenas de pensões, mais de 300 ranchos cadastrados e uma quantidade razoável de equipamentos sociais e serviços autônomos (CORDEIRO, 2002, p. 81).

pequena vila, depois de um século de existência se pode ver a importância de uma economia diversificada que atinge o camelô, o lojista, o ambulante, o feirante, a hotelaria, o empresário. Este caleidoscópio de negócios aquece a economia e desperta o interesse de empreendedores de outras regiões do Brasil. (CAVALCANTE, 2011, p. 40).

O crescimento desta cidade tem sido o principal foco dos novos investidores. A "meca" dos nordestinos jamais experimentou em sua história, nos quase 100 anos de existência, tanta especulação imobiliária. O comércio emprega como nunca. Os setores de serviços dão uma nova cara a cidade. A construção civil avança, sendo colocada como reflexo e propulsora desse novo horizonte. A cidade se tornou referência em desenvolvimento e com características peculiares. A religiosidade e o trabalho são marcas contínuas, apregoadas pelo Padre Cícero, o grande mentor desse processo (Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1002358>. Acesso em 26.06.2011).

Foto 04

Comércio informal na praça perto da Igreja do Socorro



Fonte: acervo do autor

Consumidores da macrorregião infestam as ruas da cidade que o tempo transformou no polo econômico mais próspero do interior cearense. A cidade é alvo de

investimentos imobiliários e comerciais, o que é atestado pela instituição, na região, de grandes empreendimentos, como o *shopping* que recentemente passou por ampliação e passou a agregar lojas renomadas em outras regiões do país. O Hiperbompreço, o Carrefour (Atacadão) e muitas indústrias estabelecidas criaram variados empregos para o povo da região²⁵.

2.4 Modernizações a partir dos novos empreendimentos

O crescimento da região metropolitana do Cariri tem se mostrado um espaço fértil para o investimento empreendedor. A partir desta ótica leva-se a cabo um crescimento populacional não em nível de pobreza, não macrocefalia, mas uma evolução econômica planejada, que passa pela diversidade de fábricas e, principalmente, pela instituição de vários cursos técnicos e múltiplas instituições de ensino superior, com diversas competências.

Para o presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio (Sindilojas), Francisco Alberto Bezerra, essa nova realidade vem acompanhada de um importante requisito para consolidar esse processo, que é o polo educacional, com universidades públicas e particulares. São mais de cinquenta cursos, inclusive voltados para o aperfeiçoamento de profissionais do comércio. (Disponível em <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1002358>.> Acesso: 26. jun. 2011).

Entre 2004 e 2008 a cidade de Juazeiro do Norte se tornou o polo desenvolvimentista mais iminente de todo o interior cearense. Cidades mais próximas da capital do Estado, como Sobral e Caucaia, não têm conquistado tanto espaço como Juazeiro, pois como foi dito, grandes investimentos foram remetidos ao Cariri, sobretudo no Triângulo Crajubar. A cada ano, grande número de universitários conclui cursos,

²⁵ Foi uma lição prática de que o desenvolvimento não se cria em laboratório e que não há ajuda governamental capaz de induzir a economia se faltarem condições mínimas para que ela floresça. Curiosamente, Juazeiro do Norte é hoje palco de uma transformação ainda mais radical do que a sonhada pelo professor Asimow, morto em 1981. Com uma população de 250.000 habitantes e outras quase 300.000 pessoas que moram nas cidades do entorno, atualmente Juazeiro virou um grande polo varejista e encontra-se em plena ebulição. Uma das evidências desse novo tempo está ligada à experiência dos anos 60. Em um dos prédios que hospedaram uma antiga fábrica do projeto de Asimow foi instalada, no ano passado, uma unidade do Hiper Bompreço, rede de supermercados pertencente ao grupo americano Walmart. A loja foi montada mirando no potencial de consumo da cidade, hoje em 570 milhões de reais por ano. Estima-se que esse valor quase quadruplicará até o fim da década. Com base numa pesquisa exclusiva da consultoria americana McKinsey, complementada por dados da empresa de geomarketing Escopo. EXAME traçou o mapa do consumo no Brasil em 2020 — e ele deixa claro que o exemplo de Juazeiro do Norte é tudo menos um caso isolado. Será replicado em todo o país. (Disponível em <http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=833779>>. Acesso: 24 jun. 2013).

significando a presença de recursos humanos qualificados que, ao encontrar espaço para desenvolver suas habilidades no Cariri, permanece na região sem precisar migrar para outras metrópoles.

Naquela época ele já defendia uma educação profissionalizante, que ensinasse o homem a sobreviver dos recursos que a terra pudesse prover, não somente ensinasse a ler, escrever e contar, mas que subsidiasse os meios e condições para viver em seu habitat. Em 1909, quando ainda era um povoado pertencente ao Crato, foi o sacerdote que introduziu a borracha no Cariri, na primeira década do século XX. E, graças ao seu empenho, o algodão, cuja cultura havia sido quase dizimada, reapareceu entre 1908 e 1911. Realmente, os conselhos de Padre Cícero foram ouvidos. Passados 77 anos da morte de Padre Cícero, a díade prosperou, sendo hoje o maior polo calçadista do Norte e Nordeste e o terceiro do país, possuímos dezenas de empresas na área têxtil, várias joalherias produzindo joias e semijoias de alta qualidade, muitos artesãos que comercializam seus produtos para o exterior, além do que, os seus produtos (refrigerantes e água mineral) são bastante apreciados na região Nordeste. A cidade é hoje também um polo universitário, com 11 instituições de ensino superior, públicas e particulares, oferecendo 67 cursos (graduação e pós-graduação), sendo ainda um centro produtor de literatura de cordel e xilogravura (REVISTA ESPECIAL: Centenário de Juazeiro. Juazeiro do Norte: Capital da fé e do trabalho. N. Ano XV; nº 103 – julho 2011).

Juazeiro do Norte foi constituído tendo como alicerce a personalidade do Padre Cícero, pois sua força ideológica sustentou a crescente evolução político-econômica da cidade. Existe estreita ligação entre o desenvolvimento regional e a práxis religiosa do Padre Cícero. Tudo converge para a perpetuação da religião que sustenta a peregrinação do romeiro a Juazeiro do Norte e o avanço econômico da própria região. Existe, de fato, uma interdependência, pois os sacerdotes se tornam angulares para a efetivação do comércio e atração para os peregrinos que ingressam na terra do Padre Cícero.

2.5 Desenvolvimentos regionais na terra do Padre Cícero.

O setor industrial tem evoluído no triângulo CRAJUBAR²⁶, todavia Juazeiro do Norte é o grande incentivador, pois o crescimento regional não se fixou na periferia, mas na junção das três cidades, o que atraiu investidores para a região do Cariri. O comércio de Juazeiro não é flutuante, pois já tem raízes, é uma veia de negócios que não cessa, ou obedece a períodos no curso do ano. Nas romarias existe sensível reviravolta nas vendas, pois a população é acrescida com a chegada do contingente de romeiros que inflam a economia local. Juazeiro já é símbolo de negócios e vantagens financeiras, e o

²⁶ Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

incentivo à evolução pode ser visto nas instituições de ensino superior que oferecem diversos cursos, como Direito, Medicina, Biotecnologia, Enfermagem, Administração de empresas etc. Além dos cursos técnicos oferecidos pelo CEFET, CETEC, SENAI, e diversos outros que graduam profissionais para gerirem recursos para a região.

A visibilidade de Juazeiro se acentua na sua evolução do município que, de pequeno vilarejo ruralizado, ganhou proporções urbanas de porte metropolitano. Em tal contexto, o padre ainda impõe sua tradição, sua marca, mesmo em um tempo moderno, no qual a tecnologia se tornou a solução para diversos problemas humanos. Na Terra do Padre Cícero a religiosidade não perdeu sua firmeza. Por isso, nela, modernidade e fé não se apresentam como díspares; ao contrário, entrelaçadas, elas sintetizam desenvolvimento econômico da macrorregião do Cariri:

Os elementos trabalho e fé se constituem em eixos integrantes da cultura local, refletidos na concepção de desenvolvimento do lugar Juazeiro do Norte. Ali, trabalho, fé e religiosidade estão interligados e marcam a representação social, cultural e econômica do espaço construído e do espaço vivido. O referido espaço social reflete também o papel de 'conselheiro' exercido por Padre Cícero, através do qual o mesmo incentivava o 'povo' ao trabalho e à religiosidade de maneira ativa, participativa. O mencionado fazer político se contrapõe aos dogmas da igreja católica oficial que em geral aconselha os pobres a esperarem pelo reino dos céus. Padre Cícero incentivava a aquisição de melhores condições de vida para a população e pela população, representando uma 'nova esperança de vida' (ARAÚJO, 2011, p. 90).

A admoestação do Padre Cícero quanto ao trabalho cotidiano para se sobreviver de forma digna tornou-se concreta na constituição da cidade. O comércio se tornou o fator mais importante no solo juazeirense, e sua demanda ultrapassa as fronteiras do Cariri. A macrorregião do Cariri lucra com a efervescência do seu comércio e, principalmente, com a criação de micro e médias empresas que são erigidas e favorecendo o emprego de mão de obra local. É comum a presença cotidiana de pessoas que moram nas cidades vizinhas, sobretudo no Crato e em Barbalha, e trabalham em Juazeiro do Norte.

Na época das romarias, que acontecem quatro vezes por ano, o comércio associado à religiosidade, ganha proporções lucrativas consideráveis. A economia aquecida com a visita dos romeiros favorece o surgimento de empregos temporários, e deixa rastros positivos na infraestrutura da região.

Em Juazeiro, a expansão econômica pós-30 surgiu a partir da modernização decorrente do trabalho, e simultaneamente, através da tradição da fé e religiosidade característica da cultura, geografia e história econômica da cidade presente até a atualidade. Segundo Regis Lopes, entre a década de 20 e meados da década de 70, Juazeiro caracterizava-se como a cidade dos ourives, inserida no circuito nacional da

comercialização de bijuterias, joias e folheados a ouro. (ARAÚJO, 2011, p. 92).

O sonho projetado pelo Padre Cícero se concretizou nas taxas de crescimento econômico aferidas pela cidade. A visibilidade regional se fundamenta no “milagre econômico”, cuja base é a religiosidade que atrai turistas e romeiros de todo o país e tem como consequência a evolução. A cidade é um centro comercial que se tornou “metrópole”; seu crescimento e desenvoltura urbana superaram as cidades adjacentes e da circunvizinhança. Sua população é capaz de reinventar a arte de viver, mesmo em tempos de crises.

A consolidação das riquezas na cidade do Padre Cícero é conhecida em todo Brasil por suas romarias e apresenta maior dinamismo econômico e contingente populacional que os registrados pela cidade da qual se emancipou. A consolidação das riquezas na cidade do Padre Cícero ocorreu, também, através da população ‘adventícia’ que ali se instalou para fazer negócios. Formou-se um grande contingente de ‘novos ricos’ voltados para o trabalho, com objeto de consolidar fortunas, imbuídos pelo ideário da propriedade presente no imaginário da cultura econômica da ‘terra da promessa’. (ARAÚJO, 2011, p. 94).

A partir do impulso das romarias, a cidade se tornou referência no interior do Estado em virtude do dinamismo empreendedor. O comércio intensifica-se a cada dia, e novas empresas fincam suas bases no sertão do Cariri. As manifestações religiosas continuam sendo base para o recorrente desenvolvimento. A vinda de romeiros não se limita às festas oficiais: durante todo o ano turistas e romeiros vêm a Juazeiro. O povo da região usufrui da religiosidade através dos empregos sazonais, do comércio informal ou de qualquer outra função no mercado flutuante ou duradouro.

O desenvolvimento da economia do Cariri teve, e ainda recebe, influxo direto do culto ao Padre Cícero, que é combustível acelerado do desenvolvimento de Juazeiro do Norte. Houve avanços significativos em todos os setores da sociedade local, pois a inserção de empresas na região equacionou a questão dos empregos formais, que, por sua vez, estancou o êxodo da população jovem para outras regiões do Brasil.

A chegada da Região Metropolitana do Cariri (RMC), mostra uma realidade que marca uma década de grande desenvolvimento econômico e social da região. Vários setores são reflexo dessa nova dimensionalidade que ganha o Cariri com os investimentos na indústria, comércio, turismo, construção civil, educação e a implantação de dezenas de faculdades, públicas e particulares. É a região dando o que falar. E esse reconhecimento é visto por empresários e lojistas, que mostram um pouco desse caminho trilhado. A perspectiva é de um futuro mais promissor ainda nos municípios da região (Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=785572>>. Acesso: 26 jun. 2012).

A variedade do mercado impõe a autonomia da região em relação à zona metropolitana de Fortaleza, para a qual, em tempos remotos, o povo do Cariri convergia de forma recorrente, a fim de resolver problemas que não podiam ser solucionados na região. Na atualidade, já não se recorre tão frequentemente à capital, uma vez que na macrorregião do Cariri, marcas famosas e sofisticadas grifes satisfazem a vaidade pessoal dos seus habitantes. No âmbito da saúde há distinção qualitativa no Triângulo Crajubar; na questão, é Barbalha a referência, embora se deva destacar que, em um rápido processo de conurbação²⁷, aquela cidade, outrora separada, já se entrelaça com Juazeiro do Norte.

Em matéria publicada pelo Diário do Nordeste foi realçada a visibilidade que Juazeiro do Norte pouco a pouco tem conquistado, em nível nacional, como o polo econômico que mais cresce no país.

Somente no município juazeirense, segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil, estão atuando com carteiras assinadas e informalmente cerca de 9 mil pessoas. Nas obras há carência de profissionais qualificados. Esse processo tem contribuído para a verticalização da cidade. Tanto é que empresas têm investido milhões na construção dos novos prédios. É a modernidade das grandes cidades chegando ao Cariri (Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=785572>>. Acesso: 15 maio 2010).

A região se tornou uniforme; já foram subtraídas as fronteiras geográficas entre as três principais cidades: Juazeiro, Crato e Barbalha. A ereção do polo industrial inflacionou a economia no ramo imobiliário, pois o preço dos imóveis foi supervalorizado, fazendo com que, na região, as classes A e B fossem mais destacadas.

Todos estes aspectos da economia da macrorregião do Cariri evoluíram com a interferência da religiosidade popular, tendo como aporte a figura do Padre Cícero que, de forma direta ou indireta, impulsiona o desenvolvimento regional.

²⁷ A conurbação é um fenômeno urbano que ocorre quando duas ou mais cidades se desenvolvem uma ao lado da outra, de tal forma que acabam se unindo como se fosse apenas uma. Um exemplo clássico de conurbação é aquele que aconteceu entre a cidade de São Paulo e os municípios vizinhos (Santo André, São Caetano, São Bernardo, Diadema e Guarulhos). Neste caso, a cidade de São Paulo cresceu tanto que acabou “encostando” nos municípios vizinhos, formando um aglomerado urbano conhecido como Grande São Paulo. A conurbação pode apresentar efeitos negativos caso não ocorra um eficiente planejamento urbano, pois os problemas de uma cidade podem ser transferidos para as vizinhas. http://www.suapesquisa.com/o_que_e/conurbacao.htm

2.6 Fé, trabalho e lucratividade: o desenvolvimento do Cariri.

Padre Cícero na sua práxis pastoral ensinou aos seus fiéis que a fé se manifesta no trabalho cotidiano que dignifica o sertanejo. A fé sem obras tornava o fiel um conformado que creditava a Deus sua vida sofrida e fatídica, e culpava a divindade por sua desdita. O Padre exercia influência sobre o povo, sabia convencer seus seguidores a não esperar que a impiedosa escassez de pão pairasse sobre o vilarejo; ao contrário, ele os incentiva a cultivar a arte do trabalho, cada um com seus dons. As oficinas de fundo de quintal surgiram e, entrelaçadas pela fé, resultaram a síntese de uma cultura dinâmica e empreendedora. Nas salas de visita das casas do Juazeiro, e de todo o Cariri, ainda se pode perceber símbolos dos ensinamentos do Padre Cícero. É comum a existência da sala do santo, com mesa ornamentada de flores, e, no umbral da parede, a estampa do Coração de Jesus e Maria entronizados.

Padre Cícero teria dito baseado na máxima beneditina – trabalho e fé – que cada casa do Juazeiro, cidade que ele fundara deveria ser uma oficina e ter um altar. A ordem foi cumprida, grande parte das casas da cidade tem suas paredes votivas. São altares que dizem do exagero da fé, incondicional feitos por pessoas que não querem manter a privacidade de sua ligação com o sagrado e escancaram o que creem. Assim as paredes votivas são altares. Mas que isso, manifestos de uma tradição barroca, apropriada pelo povo, que se manifestam nas molduras com estampas, outras protegidas pelos caixilhos de madeiras e miniaturas de oratórios. Gravuras de santos, anjos, cenas bíblicas e o Divino, em meio às flores de tecido, compradas na rua santa Luzia, fitas de cetim e flores de plástico. Com o brilho das luzes, o lume das velas, cruzes de madeira com o Cristo ou de palha de carnaúba, distribuídas no Domingo de ramos (CARVALHO, In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL. E QUEM É ELE? - 2004).

No relato supracitado se visibiliza a relação intrínseca estabelecida entre fé e trabalho, e, principalmente, a ligação estreita com a arte do povo, manifesta nos artefatos artesanais que enfeitam as casas da região. O Juazeiro do Padre Cícero se tornou modelo de uma cultura atrelada à fé. Modelo moldado no passado, cuja tradição perdura na era modernizada. O povo ornamenta a “sala do santo” com utensílios construídos e comercializados no mercado informal. Tais utensílios evidenciam a criatividade popular advinda das admoestações do sacerdote que, em seus sermões, não prescrevia a conformidade com os tempos de privação. As pequenas oficinas que, a partir da intervenção do padre, surgiram com o objetivo de resolver questões econômicas, embora fossem previstas para suprir as necessidades familiares aos poucos se tornaram

elementos garantidores de uma sobrevivência social ao proporcionarem emprego para inúmeras pessoas e dinamizarem o comércio informal da cidade.

Em torno da informalidade das oficinas de quintais incide a inexistência de dados estatísticos; elas se constituem uma forma de reduzir o custo fixo de instalação proveniente do não pagamento de aluguéis e, ao mesmo tempo, redução ou inexistência de tributação sobre a produção. Por serem informais as oficinas não estavam submetidas às normas e regras das instituições econômicas do mercado formal, mas assim as necessidades, possibilidades e conveniências do cotidiano. Mais uma vez, na cidade do Padre Cícero o cotidiano se contrapõe a norma e a regra a partir da arte do fazer. (ARAÚJO, 2011, p. 95).

As romarias se tornaram movimentos pontuais que davam vigor ao comércio sazonal, e como o período era propício para a expansão da arte popular, todo artefato construído era vendido nas ruas e casas e se transformava em lucro. O Juazeiro do Padre Cícero se tornou símbolo de fé, conotando santidade e conquista de favores divinos. Por extensão, qualquer artefato advindo da cidade de alguma forma se tornava santo, pois o espírito genuíno do clérigo de alguma forma se fazia presente também nas mercadorias. Neste caso, o comércio, mesmo tendo finalidade econômica, retinha uma subliminar aura de sacralidade: na terra de Juazeiro do Padre Cícero, o profano se tornava sagrado.

A comercialização de bens simbólicos de Juazeiro se expandia predominantemente nos períodos de romarias – prática presente até a contemporaneidade. Segundo Lopes, fazer compras em Juazeiro se constituiu parte da devoção ao santo da casa, e os romeiros querem levar um pedacinho da cidade santa para suas residências como símbolo de proteção. Segundo ele, citando Geraldo Barbosa, os noivos detentores de maior poder aquisitivo encomendavam as suas alianças de ouro em Juazeiro, por considerá-las abençoadas pelo Padre Cícero. (ARAÚJO, 2011, p. 95).

A presença do Padre se torna concreta em cada canto da cidade de Juazeiro do Norte. O maior capital simbólico da cidade é o seu fundador, pois seu nome é expressão da grandiosidade estabelecida na região a qual, por sua vez, é oriunda da eminência de sua ubiquidade. Alguns julgavam que a morte do clérigo traria quietude em relação à fama que ele conquistara; todavia, o inesperado se fez fato: sua popularidade se disseminou pelo Nordeste, e as peregrinações se tornaram pontuais e acrescidas com sua morte.

Os escultores trataram de logo fabricar imagens do reverendo, a ponto de se tornar corriqueiro encontrá-las nas casas, dividindo o mesmo espaço com os santos canonizados. É comum a venda de imagens em Juazeiro do Norte, onde existem oficinas que se mantêm exclusivamente da arte de fabricá-las. Os peregrinos que vêm à cidade adquirem-nas, principalmente a imagem do padre que com sua típica batina preta, chapéu

e cajado, se posta na figura de pastor irretocável do seu rebanho. Além disso, em muitos recantos do Cariri e de outras regiões, monumentos foram erigidos como a simbolizar a presença física do Padre que abençoa o povo.

Cidade do Padre de Bronze, cidade das bordas, cidade do padrinho de gesso e de estampas coloridas, cidade do sangue derramado, cidade dos romeiros, cidade dos beatos, beatas e penitentes, cidade dos comerciantes, cidade condenada pela igreja, cidade dos artesãos, cidade de 'imaginários'... Cidade de poetas de cordel... Cidade 'São Paulo do Cariri', cidade do progresso, cidade das contradições, tudo isso faz a urdidura de uma cidade que tem o nome da árvore mais resistente do sertão: Juazeiro. (LOPES, In: ARAÚJO, 2011, p. 97).

A cidade é lugar propício à acolhida do empreendimento que move a região. Ainda que o seu fundador não tenha sido oficialmente constituído santo pela Igreja de Roma, é assim que o povo o considera. Ele foi sacralizado pelos inúmeros milagres supostamente concretizados pela sua intercessão. O Padre Cícero é o símbolo da prosperidade do Cariri, e sua figura é âncora para todo tipo de 'negócio', de cunho espiritual ou temporal.

2.7 *O simbólico como patrimônio econômico em Juazeiro do Norte*

Em cada peregrinação realizada a Juazeiro do Norte, seja em caminhão do tipo "pau-de-arara" ou em confortáveis ônibus, ou até mesmo por via aérea, a referência é a pessoa do Padre Cícero. A simbologia que se gerou em redor de sua pessoa, transcendeu o tempo, e ficou mais viva a partir de sua morte. A cidade se posta como maior polo desenvolvimentista do Estado do Ceará, atraindo a atenção de multinacionais e empresas até então afixadas nas grandes metrópoles brasileiras. Todo este encanto evolutivo foi surgindo a partir da atividade visionária do seu fundador.

A expansão comercial surgiu com as oficinas, negócios pequenos estabelecidos nas ruas e bairros de Juazeiro, incitando a descoberta de artistas, competentes artesãos e portadores de outros dons. Instigados pela confluência de pessoas, vendiam seus artefatos aos peregrinos que vinham em virtude das romarias. Juazeiro se tornava um caleidoscópio de negócios que se traduzia em lucro e misturava cultura, religião e comércio. Sintetizados, a presença dos três elementos se tornava rentável para os templos locais, negociantes avulsos e para o próprio comércio formal.

O reforço à imagem do Padre Cícero como taumaturgo é efetuado pelos meios de comunicação em virtude da propagação de seus feitos, que são difundidos com certo folclore, embora visando a enfatizar sua atividade sobrenatural. A odisseia do Padre Cícero em Juazeiro é expressa em linguagem popular, principalmente na literatura de

cordel, que mesmo com a irrupção das tecnologias visuais, como televisão e internet, se mantém viva, nos típicos livretos e na oratória dos repentistas que exaltam, sem reservas, a figura angular do Padre Cícero e seus feitos célebres.

Após a morte do Padre Cícero, expandiu-se a produção de cordel e almanaques para difundir os preceitos do patriarca de Juazeiro. A referida produção de bens materiais diretamente vinculadas ao sagrado contribuiu significativamente para manter viva a devoção ao santo. E conseqüentemente, incentivar e promover o consumo de novas práticas sagradas, novos rituais, além de grande magnitude de produção e consumo de bens simbólicos. Eternizado nos versos de Luiz Gonzaga, o Padre Cícero habita a cidade em seu ponto mais elevado: a Colina do Horto, 'Olha lá, no alto do Horto, ele tá vivo Padim não tá morto' (ARAÚJO, 2011, p. 98).

É importante caracterizar a religiosidade que circula em Juazeiro do Norte e se torna suporte para a vida do povo: tudo que converge para a expansão e valorização da cidade está a ela atrelada. Os santuários e Igrejas lucram com ofertas, vendas de terços, de livros com cantos sacros utilizados para que os peregrinos acompanhem os rituais litúrgicos etc. A cada romaria são confeccionados folhetos com novas gravuras e mais terços são vendidos. Mesmo fazendo parte do ritual das liturgias, tais artefatos levam o crivo da atividade comercial que tem por objetivo ampliar o faturamento. A cada gesto do romeiro uma oferta é feita; se há alguma relutância, logo o vendedor que mostra o artefato faz a apologia de sua eficiência e praticidade. Terá tanto maiores chances quanto mais elevadas forem as possibilidades de relacioná-lo às dimensões do sagrado.

O barulho do mercado público na época de romarias se torna habitualmente avassalador, pois nas transações do mercado informal, a economia ganha envergadura, trazendo lucro para os pequenos empreendedores. O folclore da região também encontra espaço para enfatizar a cultura tradicional, como é o caso dos penitentes, reisados e lapinhas que se apresentam, em via pública, sob o olhar dos visitantes, que, extasiados, se emocionam com o patrimônio imaterial regional.

Nas ruas em que o comércio é mais intenso, são audíveis cantos que tematizam a pastoral em torno do Padre Cícero, principalmente seus ditos e preceitos. A literatura de cordel se tornou significativa, pois expõe os feitos do Padre Cícero, que, sendo cultivados, ajudam a propagar seu protagonismo sacro, radicando no imaginário popular a sua figura como a de um autêntico taumaturgo do nordeste brasileiro.

Foto 05
Loja onde são vendidos alguns artigos das romarias



Fonte: acervo do autor

A pessoa do Padre Cícero, apesar de impressa em imagem, reverenciada pelo povo, não conquistou a honra dos altares católicos, por não ser canonizado; embora a Igreja lucre com a devoção popular dos que a ele prestam culto. O comércio se torna profano, segundo a lógica católica, pois credencia ao Padre Cícero o *status* de Santo, fazendo pouco caso da impugnação da Igreja à proclamação do santo sertanejo. As igrejas de Juazeiro do Norte recebem numeroso contingente de peregrinos que, devotos do 'Padim Ciço', vivem sua fé crendo na possibilidade de intervenções sobrenaturais serem intermediadas pela ação de quem constantemente zela pelos seus romeiros.

O culto ao padre Cícero e particularmente as romarias atraem à cidade um grande contingente de indivíduos que oram e consomem, incrementando as vendas e aumentando o lucro no comércio, setor mais dinâmico de economia do município representando 70% do PIB²⁸ local. Sobre as romarias, o jornal o povo publicou: multidão nas ruas, de dia e de noite. Comercio fervendo, com diversidade de produtos, preços, conversas, opiniões... (ARAÚJO, 2011, p. 107).

²⁸ O PIB de Juazeiro do Norte subiu 157%, entre 2004 e 2008. Saltou de R\$ 770 milhões para R\$ 1,986 bilhão. Foi o segundo maior crescimento entre os municípios do Estado no período, o que lhe propiciou duas colocações acima no ranking cearense, ultrapassando Caucaia (R\$ 1,952 bilhão) e Sobral (R\$ 1,702 bilhão). Em 2º lugar, atrás apenas de Fortaleza, continuou Maracanaú, com R\$ 3,121 bilhões de bens produzidos. (Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=900234>>. Acesso: 03 junho 2013).

Desde as oficinas impulsionadas pelo Padre Cícero, a religiosidade difundida pelo seu ministério pastoral ainda se impõe, na atualidade, no comércio contemporâneo que cultiva a permanente presença do padre por meio de imagens erigidas em frente às lojas e fábricas, ou em altares preparados no interior dos recintos comerciais. A proliferação do sacro se efetua em cada recanto da vida dos juazeirenses e da cidade, que já foi cognominada de cidade comercial.

Diferentes estabelecimentos comerciais em Juazeiro utilizam o nome, a estatua ou a imagem do Padre Cícero, dentre as quais destacamos: empresa de turismo, parque de eventos, hotéis e pousadas, lava-jatos, concessionárias, oficina mecânica, loja de autopeças, posto de gasolina, sucataria, borracharia, gráfica, papelaria, escola, joalheria, sapataria, salão de beleza, lojas de móveis, associação dos artesãos, farmácias, lojas de confecções, centro de artesanato e cultura popular (ARAÚJO, 2011, p. 105).

O comércio se utiliza da força do nome do Padre Cícero para atrair clientes. A cidade, incluída no rol das mais desenvolvidas no Ceará, deve a sua qualificação ao fator religioso fixado na figura do taumaturgo que interpela o fiel. A interferência do Padre Cícero também é patente na atmosfera política da região. Na época de romarias é comum a participação ativa de políticos nas celebrações com o intuito de adequar religião e política de forma a alçar sua popularidade e conquistar o eleitorado. Nas romarias a Igreja se enche de romeiros, lugar ideal para a presença de políticos que agem com o intuito de adquirir popularidade. No caso de Juazeiro do Norte políticos estão presentes, sobretudo nos eventos festivos, pois não raros são reservados lugares nobres para as autoridades que acompanham os cortejos processionais, por exemplo, muitas vezes sequiosas por conquistar o beneplácito do público que de forma piedosa acompanha os andores.

Por isso, segundo Araújo (2011), em 1999, a Folha de São Paulo assim se manifestou sobre o que acontece em torno de Cícero Romão Batista:

Tudo o que se refere ao Padre é consagrado, os mais empedernidos dos materialistas não deixam de se comover com as demonstrações de fé. Cícero é um santo do povo, não da hierarquia da Igreja. A comunicação de sua simbologia, com o imaginário popular é direta (p. 108).

Em cada movimento do comércio de Juazeiro do Norte a religiosidade se manifesta atrelada ao sucesso das vendas, ao progresso econômico e social. A vida urbana necessita da aura que o Padre Cícero impele ao cotidiano mercadológico da região, todo ele perpassado pela cultura religiosa ali fomentada. A Igreja Católica, mesmo não tendo reabilitado o Padre Cícero, se ancora em sua fisionomia para angariar finanças, pois percebeu que as romarias se tornam período de fartos lucros, posto que movimentam o

comércio religioso e os cofres dos santuários e paróquias da região. O lucro é visível, haja vista as celebrações serem repletas de romeiros que depositam quantias significativas nos cofres existentes em lugares estratégicos dos templos, sob a responsabilidade dos padres que deles cuidam. Além do que coloca nos cofres, o romeiro que participa das celebrações já tem a quantia destinada para depósito na cesta dos acólitos que vagam, cuidadosamente, para recolher o fluxo de ofertas que surgem no momento dos atos litúrgicos.

O comércio está impresso, às vezes de forma sutil, em cada gesto que compõe a vida da cidade. Religião, comércio e povo simples aspiram propósitos vários que, em Juazeiro do Norte, podem se tornar reais. As graças alcançadas pelos romeiros implicam prestação de contas com o sagrado, o que se dá no ato da peregrinação que, por sua vez, colabora com o desenvolvimento regional. A economia que o romeiro fez durante o ano, é investida, com gratuidade, na terra do Padre Cícero; assim, o comércio se torna próspero e a região desenvolvida.

2.8 *Comércio e romaria na terra da Mãe de Deus*

O pequeno vilarejo viu, em 1872, nele fixar residência o recém-ordenado sacerdote; se tornaria referência de prosperidade para todo o Cariri. Ele soube cativar o sertanejo, não somente por ministrar os sacramentos, ofício habitual de todo clérigo católico. Porém, antes de ser pastor de almas, ele se tornou transformador de vidas e com o intuito de amenizar os sofrimentos do povo simples da região, não permaneceu focado apenas na dimensão espiritual.

A sintonia popular com a pessoa do Padre Cícero é de uma relação íntima, de proximidade afetiva e efetiva, pois sua presença é concreta e seu culto não precisa ser importado de terras longínquas. Os objetos por ele utilizados se tornaram relíquias e servem de alento para o peregrino que chega a terra do “meu padim” e sente a inspiração de sua presença em cada canto da cidade.

Juazeiro tem esta singularidade em face dos demais centros de visitação religiosa do Brasil, onde os peregrinos os procuram por estarem associados aos símbolos criados pela hierarquia da Igreja. Pois, o padre Cícero seria um “santo” produzido no local, forjado no fogo das crenças das populações mais pobres do Nordeste. Por isso, descrever Juazeiro é reportar-se ao Padre Cícero, confundo a trajetória de ambos por representarem singularidades pertinentes ao tempo e ao espaço na história do Ceará e do Cariri. (CAVALCANTE, 2011, p. 40).

A vinda ao Juazeiro é um ritual, e ele se traduz em lucro para o povo do Cariri. Antes de chegar à cidade o romeiro avista a estátua no píncaro da serra do Horto. Ela evoca sacralidade e se torna a mais sincera recepção para o peregrino que vem em busca do sagrado como romeiro, e não como turista. O mistério atrai a curiosidade do povo, principalmente quando ele remete para o sobrenatural. Foi isso o que aconteceu no já referido momento da celebração da Missa, quando o sangue advindo da hóstia na boca da beata conferiu ao Padre Cícero a condição de santo por parte da população romeira. A controvérsia estabelecida acerca do fato se tornou o cerne de uma polêmica que segregou o padre da ortodoxia católica, embora para parcelas consideráveis de nordestinos tenha sido um sinal divino a partir do qual a cidade foi transformada em local de romaria.

A população começou acreditar que se tratava do sangue de Jesus, sendo, portanto, um milagre. As toalhas com as quais limpavam a boca da beata ficavam sujas de sangue e rapidamente passaram a ser objeto da curiosidade do povo. As hóstias não consumidas e os panos com o que seria sangue de Cristo foram depositados numa urna de vidro, exposta no altar da capela de Nossa Senhora das Dores. A urna se tornou objeto de veneração dos romeiros, exercendo maior atração que as práticas litúrgicas oficiais (DELA CAVA In: CAVALCANTE, 2011, p. 44).

Os fiéis romeiros superlotam a cidade na época de romarias, principalmente os recantos mais sagrados, como é o caso do horto onde o Padre descansava e se tornou o mais apreciado.

Por ocasião das festas romeiras a cidade fica repleta de gente de todo o Nordeste; junto aos peregrinos, os turistas que chegam movidos por simples curiosidade se defrontam com rituais religiosos que suscitam reflexões. O estudioso afeito à ótica científica não encontra explicação empírica para a evolução das romarias e a demanda de gente que acorre a Juazeiro ano após ano. O município de Juazeiro do Norte, situado no sul do estado, dista 533 km da capital, Fortaleza. Sua área é de 248,558 km², localizada a uma altitude média de 377,3 metros. O município se tornou mais urbano do que rural em virtude do crescimento da população e do dinamismo do comércio regional.

O município converge para a cidade, visto ser o perímetro urbano a fonte de renda da região. O comércio ocupa as principais ruas, marcadas pela tradição de negócios formais e informais, e atrai clientela assídua das cidades circunvizinhas e de outras dos estados fronteiriços. Se no cotidiano de Juazeiro do Norte as vias comerciais têm movimentação frequente, na época das romarias a atividade ganha proporções inimagináveis. Na Rua São Pedro, por exemplo, que é o principal perímetro de vendas, o

espaço se torna diminuto em virtude da quantidade incontável de transeuntes em busca das melhores ofertas.

Uma cidade onde não se fala mais de um comércio pequeno, mas de grandes redes que se instalam e até chegam a virar “case” nacional, pelo destaque nas vendas. Isso ocorreu há alguns anos, com a instalação das Lojas Americanas, no Cariri Shopping. Atualmente, são duas lojas da rede na cidade, mais uma instalada no comércio do Crato. Outro grande destaque veio depois. Há cerca de dois anos, a rede Carrefour decidiu investir na rede Atacadão, que atua com vendas à vista e no varejo, com preços diferenciados. Um mercadão popular que atrai um público de várias cidades da região do Cariri e Estados vizinhos. Mais um destaque de vendas entre mais de 50 lojas com a mesma filosofia. Agora, a perspectiva de mais um empreendimento de varejo, o Max, vem como concorrente. Do grupo Walmart, os investidores entram com força para se instalar na cidade com o Hiperbompreço, âncora de uma galeria de lojas, o Open Mall, num dos pontos estratégicos da cidade, a Rua Padre Cícero. (Disponível em <<http://www.caririnoticia.com.br/2011/05/juazeiro-do-norte-ce-economia-em-expansao-grandes-empreendimentos-compoem-o-comercio-local.html>> Acesso: 26 set. 2012).

O comércio se impõe. Todavia, sua perspectiva milenar, presente em todas as grandes cidades do velho e novo mundo, em Juazeiro do Norte não sufoca a religiosidade. A religião católica tem proeminência, por meio das igrejas e santuários que fazem parte do roteiro da fé dos romeiros. A religiosidade ocupa espaço vistoso, posto que o Padre Cícero é o ícone da romaria e, assim, de cada gesto ou ação praticada pelo fiel. Sua imagem está presente em todos os espaços do comércio e na mente dos peregrinos que é direcionada para seus ditos e conselhos. O padre é “santo”, pois sustenta a cidade do ponto de vista cultural e econômico, e nenhum setor social, seja político, econômico ou religioso fica indiferente a sua personalidade.

A proximidade do padre com seu povo cravou na região uma mística religiosa distinta daquela efetivada pela ortodoxia cristã, pois o povo sentia a presença de Deus personificada na práxis pastoral do “padrinho”, ou “padim”, que sabia solucionar problemas espirituais e temporais. O catolicismo popular se difundiu por intermédio da atividade do Padre Cícero, que pôs a Igreja a serviço dos frágeis sertanejos que procuravam alento para as agruras do semiárido nordestino.

O catolicismo popular está crivado de crenças e rituais que fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas flageladas pelo sofrimento de doenças no corpo e na alma, gente que luta pela conversão de uma vida melhor. Pessoas, na sua maioria das classes subalternas, que buscam com afincamento a cura para os seus males na religião (SOUSA, 2008, p. 13).

O lugar é cognominado de “terra da Mãe de Deus” e esta forma popular de referência de certa forma consolidou-se em memória ao Padre Cícero. Nada do que se fez e faz em Juazeiro do Norte prescinde da “rubrica” de suas afirmações proféticas.

A religiosidade infundida e estimulada pelo Padre Cícero Romão Batista, fundador do município e guia espiritual de seu povo, tem crescido ano a ano, tendo inclusive repercussão internacional. A explicação para o crescimento do fenômeno está na fé sustentada de forma simples, menos intelectualizada e mais gestual. O povo nordestino encontra identificação nas manifestações religiosas e na utopia do Padre Cícero de construir a vida moldada pelo trabalho e pela fé. Visitar a cidade do Padre Cícero, rezar e pagar promessas são os motivos principais para as romarias que trazem atualmente milhões de dólares anuais para revitalizar a economia local. Esses visitantes representam uma fonte certa de recursos, pois suas compras e despesas aquecem o comércio juazeirense (CORDEIRO, 2002, p. 69).

A situação econômica de Juazeiro se relaciona diretamente com o fenômeno religioso que o sustenta, em que o sagrado e o profano se entrelaça sem repulsa. A cada ano seu nome atrai mais gente: romeiros e turistas que aquecem a economia e interferem no padrão de vida social da região.

2.9 O fenômeno das romarias e a força ideológica do Padre Cícero

Juazeiro do Norte não é portador de lugares paradisíacos, não contém atrativos turísticos²⁹ como balneários e fontes térmicas, por exemplo. Contudo, a religiosidade se apresenta como atrativo singular que atende às necessidades do peregrino que ali chega. No seu itinerário pela cidade o povo mistura a fé como paliativo para solucionar problemas físicos e satisfação para acalentar a alma; tal acalanto se efetiva no contato com a terra onde ocorreram as hierofanias. No Horto, a manifestação de graças alcançadas e a visibilidade do fenômeno Padre Cícero estão presentes também nos ex-votos, que expressam a ardente fé dos romeiros nas curas físicas alcançadas.

Os ex-votos são uma forma de manifestação imagética que consiste numa série de artefatos confeccionados com o intuito de expressar a gratidão do devoto para com o santo de devoção. É a maneira de exprimir em ato de fé, gratidão pela intercessão do santo por ter concedido a cura dos seus males e pela obtenção da graça. São centenas de objetos oferecidos aos

²⁹ É entendido como atrativo turístico todo elemento do produto turístico local que determina a escolha do turista em deslocar-se para um local específico, em vez de outro (LAGE e MILONE, 2000, p. 32). No caso específico do município de Juazeiro do Norte por possuir um espaço muito pequeno de área rural, sua atratividade turística enfatiza-se através do patrimônio cultural e histórico enriquecido pelo culto ao Padre Cícero e o crescimento das romarias (CORDEIRO, 2002, p. 70).

santos que exprimem a persistência na crença do milagre. Entre estes podemos citar: fios de cabelos, esculturas que são verdadeiras réplicas caracterizando o corpo humano, caras, cadeiras de rodas, entre outros artefatos que estão espalhados pelos santuários e igrejas, representando a religiosidade, a fé e a esperança de um povo que encontra na religião e no sagrado a resolução para os problemas que afligem o seu cotidiano (SOUSA, 2008, p. 14).

Foto 06
Ex-votos em forma de agradecimento



Fonte: acervo do autor

A Casa dos Milagres e o Museu Vivo são depositários de ex-votos que fazem parte do roteiro dos turistas e romeiros que não se privam de observar os inúmeros artefatos ali expostos. Os pretensos milagres simbolizados naqueles objetos causam curiosidades aos turistas e crescem a fé na intervenção divina por parte dos devotos. A vinda do romeiro a Juazeiro é um percurso que caracteriza sua fé na intervenção do sagrado – que se concretiza através da figura do Padre Cícero – ele mesmo difusor da graça de Deus e auxiliar do romeiro cumpridor da peregrinação pelos templos, santuários e lugares considerados sacros.

Turismo é sinônimo de negócios. Lucros que dinamizam o comércio formal e informal de uma cidade. O turismo realizado na cidade de Juazeiro remete à personalidade do Padre Cícero, pois seu nome está vinculado à crença em outros santos, embora seja conservada sua superioridade simbólica, haja vista as visitas frequentes dos romeiros ao Santuário de São Francisco que, mesmo sendo um santo popular, em Juazeiro do Norte se constitui como mais um romeiro do Padre Cícero.

Lugares sagrados se tornam atrativos destacáveis para os romeiros, e, simultaneamente, ponto de negócios para os vendedores que se valem da piedade popular para vender mercadorias a preços convencionais ou abusivos. O sagrado é utilizado pelos vendedores como meio de produzir lucro, visto que pretensamente têm finalidade apenas devocional quando ofertam objetos religiosos, como santos feitos de madeiras, terços construídos artesanalmente, estampas de santos populares e quadros do Padre Cícero, sem contar chaveiros, colares e tantos outros artefatos abundantes nas ruas e lugares turísticos.

É no patrimônio histórico e cultural que está concentrada toda a riqueza de atrativos turísticos da cidade. Tudo, ou quase no município relaciona-se de alguma forma com sua história e o catolicismo popular. Neste sentido, é para os monumentos, edificações e igrejas que converge a maior parte do fluxo turístico local, mesmo os visitantes que se deslocam para o município por outros motivos, que não aqueles de cunho religioso, interessam-se em visitar locais cuja atratividade relaciona-se de alguma forma com a história do Padre Cícero (CORDEIRO, in TENDÊNCIAS; 2002, p. 72).

Os locais mais visitados podem ser enumerados de acordo com a ligação afetiva do Padre Cícero com eles, ou pelo fato de simbolizarem a presença viva do clérigo no seu recinto. Caso significativo foi a construção do Museu Vivo do Padre Cícero, localizado no Horto, cuja estrutura, utilizada pelo Padre Cícero para retiro espiritual ou descanso, foi erigida em 1907. É um lugar de visitação constante, não ficando restrito à estação das romarias. Turistas, estudiosos e curiosos vão ao lugar e, embora o façam com pretensões variadas, não ficam indiferentes aos ex-votos e às imagens em tamanho natural, ali fixadas, que retratam cenas cotidianas do Padre Cícero.

Localizado no casarão do horto e inaugurado em 1999, o Museu vivo representa cenas do cotidiano do Padre Cícero através de imagens em tamanho natural confeccionadas em resina de poliéster pelo artista pernambucano Mozart Guerra e sua equipe. Destaca-se a cena do Padre em sala de jantar acompanhado do Dr. Floro Bartolomeu, da Beata Mocinha, de sua criada Tereza e de um romeiro. Possui ainda um rico acervo de ex-votos cuidadosamente arrumados em expositores de madeira, protegidos por vidro e com iluminação que valoriza as peças (CORDEIRO. In: TENDÊNCIAS, p. 73).

São lugares reservados para a visitação de fiéis e turistas, e que compõem o cenário sagrado que beneficia a população a partir do fluxo frequente de peregrinos e curiosos de outras regiões do país. A cada festa, ou estação romeira, o lucro é vultoso, pois em derredor destes lugares se fixaram restaurantes, tendas com livros, folhetos, bijuterias, cordéis, artefatos religiosos de toda espécie e vendedores ambulantes que transitam em virtude de negócios avulsos estrategicamente localizados nos lugares de

maior fluxo de pessoas. Além dos lugares supracitados, outros merecem são também bastante visitados, como a via sacra do Horto, o Santo Sepulcro, a Muralha da Guerra de 1914, o Memorial Padre Cícero, o Cemitério do Socorro, o Museu Padre Cícero e a Casa dos milagres.

Nestes lugares é observada a presença de peregrinos em grande quantidade, visto ser visível que a religiosidade propagada pelo Padre Cícero se tornou o principal centro das atrações de Juazeiro do Norte. As celebrações de maior demanda de peregrinos se fazem notar no entorno da Praça dos Romeiros, no Santuário de Nossa Senhora das Dores³⁰ e na capela do Socorro, lugar onde está sepultado o Padre Cícero Romão Batista. A capela citada comporta visitas frequentes nas romarias, pois tem significativa simbologia para o peregrino: no túmulo do Padre Cícero são depositados ex-votos, carteiras de trabalho, alianças e objetos de variados tipos e formatos, com o propósito de conquistar o beneplácito do clérigo, ou agradecer alguma graça alcançada. A missa do dia 20 de cada mês é celebrada no pátio da Igreja do Socorro, e costumeiramente recebe vultosa multidão; nelas, em reverência ao padre, inúmeros fiéis usam vestimentas pretas.

Outro lugar a que os romeiros dão uma dimensão de sacralidade e, por isso mesmo, alcança significativa expressão religiosa é o Santuário de São Francisco, cuja responsabilidade é da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

Considerado o maior santuário do Norte e Nordeste, possui espaço para cerca de 35 mil pessoas. Localizado nas imediações da antiga estação de trens, a igreja possui arcadas que circundam um pátio interno, o maior destaque está para uma grande estátua de São Francisco, no centro do pátio, de origem italiana. As arcadas, em sua parte superior, formam uma passarela denominada "Passeio das almas", bastante apreciada pelo público visitante. Internamente a arquitetura de origem barroca é bastante rica, com vários altares laterais. Existe ainda um Jardim no interior da igreja, com destaque para uma gruta com imagens de santos e ex-votos (CORDEIRO. In: TENDÊNCIAS, p. 80).

³⁰ Construída em 1827, a primeira capela do município tornou-se Igreja após a reforma empreendida pelo Padre Cícero, em 1872. Destaca-se por ter sido nela que ocorreu o milagre da hóstia. As muitas reformas descaracterizaram quase totalmente o estilo original. Possui três altares, o principal destaca a Imagem de Nossa Senhora das Dores – padroeira do município – com rica decoração que é modificada praticamente todos os anos no período das festividades em sua homenagem (mês de setembro); à esquerda do altar-mor, o altar da Imaculada Conceição e à direita, o altar do Sagrado Coração de Jesus. À frente da Igreja foi construído um altar para missa campal, com abóbada e colunas circundantes em estilo romano, com espaço para cerca de 20 mil pessoas (CORDEIRO. In: TENDÊNCIAS, p. 80).

Foto 07
Santuário de São Francisco em Juazeiro do Norte



Fonte: acervo do autor

Estes lugares já são cultivados pela tradição peregrina dos romeiros. Eles se mantêm através das visitas frequentes, sempre acompanhadas de ofertas depositadas nos cofres postos nos altares laterais e em outros lugares pré-estabelecidos. O romeiro sustenta Juazeiro do Norte com sua vinda à cidade e com o investimento financeiro que faz no comércio local. Igrejas e comércio formal e informal são beneficiados de maneira direta pela ocorrência anual das romarias. A religião e a economia se entrelaçam, tendo a emblemática figura do Padre Cícero como paradigma de desenvolvimento regional.

3 SAGRADO E PROFANO EM JUAZEIRO DO NORTE

A criatura homem é um sujeito que se realiza no mundo. O homem não vive o acaso, ele se constrói na linha do tempo e está sujeito às ideias e construções do mundo idealizado por outros; tais idealizações repercutem no seu mundo devido ao fato de ele estar sujeito ao convívio com a sociedade.

O entrelaçar diário e a busca de realizações, ou felicidade, servem como alimento de estímulo para que o homem desvele o novo e/ou o inusitado. Essa relação, que é inclusive de respeito, abre os olhos a novos horizontes e possibilita uma percepção maior do que não é natural, ou como diria Mircea Eliade, das hierofanias³¹

As hierofanias estão ligadas, direta ou indiretamente, ao homem, pois é a partir dele, e para ele, que o sagrado ganha importância e atua na sua história. As hierofanias não encontrariam sua razão de existir se não estivessem voltadas para o ser humano que, na experiência do incomum, desperta para algo “diferente”.

O sagrado é composto por uma riqueza de ideias e significados, difíceis de conceituar e de dar por acabado o seu sentido, uma vez que ele é reinterpretado pelos que participam de sua ação envolvente e diversa.

É riquíssimo o pensamento de Mircea Eliade quando se reporta ao conceito de sagrado:

De fato, se quisermos delimitar e definir o sagrado, ser-nos-á necessário dispor de uma quantidade conveniente de “sacralidades”, isto é, de fatos sagrados. Esta heterogeneidade dos “fatos sagrados” começa por ser perturbante e acaba, pouco a pouco, por se tornar paralisante, pois se trata de ritos, mitos, de formas divinas, de objetos sagrados e venerados, de símbolos, de cosmologias, de teologúmenos, de homens consagrados, de animais, de plantas, de lugares sagrados. E cada categoria possui a sua própria morfologia, de riqueza luxuriante e frondosa (2010a, p. 8).

O contato, e quem sabe se possa dizer a afinidade de Eliade para com o sagrado, lhe fez emitir uma fala tão acabada que envolve as vastas experiências de outras culturas.

As hierofanias acordam o homem para que o encanto do diferente o leve a perceber que se cria outro mundo. Um mundo onde o sujeito percebe a diversidade que foge à esfera do cotidiano e do natural.

O sagrado não está tão distante do convívio do homem e nem tão transcendente ao mundo dos deuses; ele flui e ganha forças diariamente com as respostas dadas a partir das experiências encetadas com ele mesmo.

³¹ Hierofania é o termo usado por Mircea Eliade para se referir às manifestações do sagrado.

A sua conceituação, ainda nos dias atuais, é complexa. Sabe-se da sua existência, sente-se a sua presença, mas defini-lo torna-se desafio para qualquer um. Rudolf Otto, na obra *O sagrado*, remete à compreensão de que “detectar e reconhecer algo como sendo ‘sagrado’ é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso” (2007, p. 37).

Percebendo o que diz o referido teólogo, o sagrado e sua manifestação se dão em um contexto religioso e é nesse contexto religioso que ele também ganha a sua importância e interpretação. A esfera sagrada irá sempre remeter o homem a uma consciência de algo além do comum, de algo inusitado. Logo, a dimensão do sagrado desperta no sujeito que tem ou vive em contato com ele, uma abertura, ou aceitação, para com o divino. Até porque as hierofanias geram o assombro, rompem a serenidade do natural e deixam o ser humano aberto ao misterioso.

Isso porque o assombro não é medo comum, natural, mas já é a primeira excitação e pressentimento do misterioso, ainda que inicialmente na forma bruta do “inquietantemente misterioso”, uma primeira valoração segundo uma categoria fora dos âmbitos naturais costumeiros e que não desemboca no natural (OTTO, 2007, p. 47).

O sagrado suscita uma resposta por parte do homem religioso que o percebe e se incomoda. Para o homem “indiferente”, a visão do sagrado é como que natural, devido ao fato de ele não ser sensível a uma reflexão transcendente sobre o que o cerca. Logo, o sagrado ou as hierofanias passam como que despercebidas por aquele que não tem um espírito religioso, embora, dependendo das hierofanias, até aquele que não acredita participa dos assombros por elas suscitados. A condição humana de partícipe do sentimento religioso envolve o ser e sua postura de criatura o faz sensível ao numinoso³²: “o sentimento religioso seria então diretamente e em primeiro lugar uma autopercepção, ou seja, uma sensação sobre minha própria condição peculiar, qual seja, minha dependência” (OTTO, 2007, p. 42).

O sentimento religioso no homem o predispõe a estar aberto às realidades hierofânicas, o que, para o não-crente, não acontece de forma tão clara. A percepção das hierofanias exige do homem um desarmar-se para compreender o que o sagrado deseja revelar, até porque, segundo Eliade, “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades *naturais*” (2010c, p. 16). Isso faz refletir sobre o fato de o sagrado estar ligado a forças divinas, como afirma Otto, que considera essas

³² Numinoso é uma expressão usada por Rudolf Otto para se referir à experiência do sagrado, no qual se confundem, simultaneamente, a fascinação e o terror.

experiências numinosas (do latim *numem*, 'deus'), "porque elas são provocadas pela revelação de um aspecto do poder divino" (ELIADE *apud* OTTO, 2007, p. 16).

A sua compreensão torna-se enigmática e suscita os mais variados mitos sobre a questão. Mitos originados no seu mundo particular, sem a menor interação com o concreto. Assim, eles também são provenientes da falta de conhecimento e da própria cultura que contribui para a sua gênese.

Na linguagem corrente do século XIX, o mito significava tudo o que se opunha à realidade da criação de Adão ao homem invisível, tal como a história do mundo contada pelos Zulus ou Teogonia de Hesíodo, eram mitos. Como muitos outros lugares comuns do Iluminismo e do Positivismo, este também era de estrutura e origem cristã; porque para o cristianismo primitivo, tudo aquilo que não tinha justificação num ou noutro dos dois Testamentos era falso: era uma fábula. (ELIADE, 2000d, p. 15).

Os mitos ganharam forças com as aberturas que o homem favoreceu a partir de sua própria cultura que os empregava enquanto ele os absorvia em sua formação de sujeito aberto às realidades construídas em seu mundo. Mundo enquanto natureza, mundo enquanto *habitat*. Segundo Eliade, é sempre no mundo que há a manifestação do sagrado que o funda ontologicamente. (2010c, p. 26).

O sagrado e o mito sempre foram parceiros na revelação das hierarquias, eles incutem respeito e medo para que os povos percebam sua importância e seu poder. Enquanto isso, o sagrado atribui ao mito sua importância e seu poder, imaginário ou não.

O mito ganha forças impressionantes que partem do imaginário humano. Quanto ao Pe. Cícero, inúmeras narrativas fantasiosas surgiram em torno de sua figura. Um exemplo é a afirmação de que quando chegava à sua casa, colocava o chapéu na parede e ele ficava lá, preso, sem que nada o segurasse. Assim, o mundo encantado da imaginação contribui para que se gere um mistério em volta da pessoa do Padre Cícero.

Milagres, mistérios e mitos encontram forças na terra do Padre Cícero. Tal amálgama dificulta uma percepção conceitual mais específica acerca do que é o sagrado. Nas entrevistas efetuadas, através dos 20 romeiros abordados que consentiram participar, foi possível ver que o vocábulo sagrado ainda não é bem entendido pelos romeiros que vão ao Juazeiro do Norte. Cita-se, aqui, no corpo do texto, respostas proferidas pelos romeiros para duas perguntas formuladas. Veja-se, editada, a fala de cada um.

As perguntas foram: o que você entende por sagrado e por profano? Você poderia dar um exemplo de algo sagrado e algo profano que você presenciou durante suas romarias?

Por sagrado eu entendo que é a santa missa, e o mais que as pessoas têm que ter.

O profano só Deus que sabe, eu mesma não sei de nada.

Nesse ponto eu não olho muito a vida de ninguém, porque quando a gente olha bem, a gente vê umas falhas, e nós não podemos dizer quais são elas.

(Maria Madalena de Lima, 72 anos, residente em Sanharó, PE)

O sagrado é tudo que nos leva a Deus. O profano é tudo aquilo que nos afasta de Deus.

(Rozineide Brás Batista, 46 anos, residente em Aracaju, SE)

Sagrados são meu pai e minha mãe.

(Tereza dos Santos, 84 anos, residente em Toledo, AL)

Para mim é uma coisa muito simples: sagrado é o que é santo para a gente. E sobre profano, eu não entendo isso aí, não.

(Luzinete de Almeida Silva, 37 anos, residente em Capoeira, PE)

Eu não sei o que é sagrado e também não sei o que é profano.

(José Ponciano Filho, 37 anos, residente em Conceição, PB)

Deus é o bom, pai maravilhoso e sagrado. Profano é a mentira. Quanto a exemplos, a romaria é uma coisa sagrada. Já a festa de rua, é profana.

(Maria das Neves Benvenuto, 64 anos, residente em Jeremoabo, BA, já foi 28 vezes à cidade do Padre Cícero)

Sagrado é tudo de bom, e profano é tudo de ruim. Para mim o exemplo de uma coisa sagrada é Deus; e profana, eu não sei.

– A senhora já presenciou alguma coisa profana, aqui, na romaria?

– Os mendigos, que eu acho muito triste.

(Marlene Coelho Cavalcante, 59 anos, residente em Paulista, PE)

Sagrado para mim é o batizado, o casamento, nossa religião católica, nós irmos à missa, na igreja, confessarmos, comungarmos e levarmos nossos filhos a serem católicos como a gente. Eu sou uma pessoa sem conhecimentos, meu estudo é muito pouco e não sei responder muita coisa. Não entendo o que é o profano.

(Custódia Sabino da Silva, 63 anos, residente em Santana dos Garrotes, PB)

Sagrado é tudo que é de Deus, a fé de cada um; profano, são aquelas pessoas de má índole, que vêm só para dizer que vêm [à romaria].

(Ieda Mendes, 53 anos, residente no Recife, PE)

O que é sagrado para mim são as pessoas entenderem o poder de Deus, e fazerem as coisas com reverência a Deus, porque ele foi santo e disse: “seja santo como eu fui santo”. Então é difícil minha gente deixar as coisas para servir a Deus verdadeiramente, mas não é impossível. Quanto ao profano, são coisas que escandalizam, que não agradam, porque o que não agrada o próximo, também não agrada a Deus.

Com relação a exemplos, sagrado é ter muitos milagres. Já profano,

são coisas de família, que nos deixam tão horrorizadas que a gente fica decepcionada. Mas, com a fé em Deus, Deus nos levanta, pois com a nossa fé tudo passa.

(Elza Maria Alves da Silva, 53 anos, residente em Jaboatão, PE. É uma romeira evangélica)

Sagrado é muita coisa boa, muita paz... Já alcancei muita graça, sou devota do meu padrinho Cícero, o que me traz muita felicidade. Exemplo de uma coisa que é sagrada, para mim, é o meu padrinho Cícero do Juazeiro.

– E o que é profano para a senhora?

– Meu padrinho Cícero de Juazeiro.

(Maria Helena Barbosa, 64 anos, natural de Afogados da Ingazeira, PE, reside em Campinas, SP)

Não entendo o que é sagrado e o que é profano. Exemplo? Para mim, o meu Padre Cícero é sagrado.

– A senhora poderia dar um exemplo de algo profano que presenciou durante a romaria?

– Não.

(Anailde Maria da Silva, 70 anos, residente em José Bonifácio, SP)

Sagrado é vir aqui para Juazeiro, pois aqui eu me sinto feliz. Não sei o que é profano e não consigo dar exemplos.

(Edvaldo João Alves, 46 anos, residente em Lajedo, PE, já foi mais de 11 vezes a Juazeiro)

Não sei responder o que é sagrado e o que é profano, nem sei dar exemplos.

(Maria de Fátima da Silva, 51 anos, residente em Buique, PE, já foi oito vezes ao Juazeiro)

Sagrado para mim é Deus.

– E para a senhora, o que é profano?

– Não sei, mas me diga o que é: são os devotos?

(Regina Maria da Conceição, 34 anos, residente em Parambu, CE, já participou de 46 romarias)

Sagrado é a pessoa ser romeiro do padre Cícero.

– E o que é profano para a senhora?

– É a fé da gente?

– A senhora poderia dar um exemplo de algo sagrado que presenciou na romaria?

– Sagrado é a mesma coisa que bondade? O bom é vir para cá. Eu venho com meu esposo, que já tem 84 anos, e essa é a nossa felicidade.

– Dê-me um exemplo de uma coisa profana presenciada na romaria.

– Aqui é só bondade, é o que eu acho.

(Antônia Gomes de Oliveira, 75 anos, residente em Parambu, CE, já fez mais de 10 romarias para Juazeiro do Norte)

Sagrado eu acho que é o romeiro que vem de coração para agradecer, para pedir, fazer verdadeiramente a vontade de Deus. E profano é quem

vem apenas para se divertir - eu sei que tem lugares para ir fazer compras e visitar - mas em primeiro lugar está Jesus Cristo, e a gente veio a Juazeiro ver a terra santa. Eu acredito que isso seja o verdadeiro sentido. Um exemplo de sagrado eu vejo nos romeiros: essa devoção, essa fé, é bonito isso. Profano a gente vê nas pessoas que não dão a mínima, mas eles são poucos. Eu até acredito que a maioria reza por essas pessoas que, de um modo ou de outro, se desviam um pouco de Deus. Mas a maioria são pessoas de fé, são cristãos de verdade.
(Reginaldo Vieira Cordeiro, 36 anos, residente em Lagoa dos Gatos, PE)

Sagrado pra mim é o respeito por Jesus. E profano é meu dia a dia, mesmo que ele seja interligado com Deus. Para mim Jesus é exemplo de sagrado; de profano, o exemplo é a correria do dia a dia.
(Maria do Socorro Rodrigues da Silva, 53 anos, residente em Bonito, PE)

Sagrado para mim é Deus, primeiramente, e segundo, o padre Cícero. Mas, para mim, sagrado é Deus.
Eu não entendo muito a palavra profano. Exemplo de sagrado é Deus, e de profano, não sei.
(Maria José da Silva, 52 anos, residente em São Caetano, PE)

Sagrado é, primeiramente, Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo, a palavra de Deus. A gente está aqui a refém de Nosso senhor Jesus Cristo e do Padre Cícero. O que é profano? Eu não entendo e não sei dar exemplo. Já exemplo de sagrado é Deus. .
(Josefa Oliva Barbosa, 62 anos, residente em Lajedo, PE, já foi a sete romarias no Juazeiro)

As entrevistas evidenciaram que os romeiros não têm um conceito sistematizado do sagrado; porém, boa parte deles tem a compreensão de que seja algo bom. Não sabem explicar bem, mas direcionam para alguma coisa boa, até porque a palavra sagrado é muito usada nas missas, festas de santos, cânticos, sermões etc., não ficou difícil associá-la ao “mundo das coisas de Deus”. Dos romeiros entrevistados, poucos foram aqueles que souberam responder o que é profano, e muitos limitaram-se a dizer *não sei*. A palavra *profano* é pouco conhecida entre os romeiros, por ser raramente usada no meio em que vivem. Ela é mais pronunciada em ambientes intelectualizados, o que não implica se estar afirmando a inexistência de romeiros que a conheçam.

É compreensível a dificuldade de formar um conceito a respeito do sagrado, até porque quando se faz referência a ele, tem-se, simultaneamente, a perspectiva do profano. Francisco Bazan, em *Aspectos incomuns do sagrado*, afirma “a simples menção das palavras ‘religião’ e ‘sagrado’ provoca imediatamente a presença dos outros dois termos que lhes são associados e opostos: o ‘profano’ e a ‘dessacralização’ ” (2002, p. 42).

É recorrente a possibilidade de, ao se pensar algo, associá-lo ao seu antagônico. Quando a capacidade intelectual permite uma fala a respeito do sagrado, muitas vezes logo vem algo que significa a sua contrapartida; é como pensar, por exemplo, em Deus e também vir, ainda que distante, a concepção do diabo. Para algumas pessoas que não têm esclarecimentos acerca do sagrado, seria preciso dar-lhes uma noção para logo desencadearem um jogo de associações que brote espontaneamente. Segundo Eliade, o homem não tardará a se dar conta de que sagrado e profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história (2010c, p. 20). Tanto o sagrado como o profano caminham muito próximos. Segundo Francisco Garcia Bazan, “embora devamos observar que no mundo bíblico os conceitos de sagrado e profano tendem a desenvolver-se paralelamente com os de puro e impuro e que, entendidas religiosamente, as ideias de santo e puro se apresentam como atributos divinos” (2002, p. 56).

A fala sobre sagrado e profano muitas vezes remete a uma compreensão do divino e do pecado, pois algumas pessoas, quando emitem juízos de valor, veem o sagrado como algo que vem de Deus e o profano como algo que é contrário a Deus e à sua autoridade. O profano ganha, então, a conotação de algo negativo. O próprio Eliade apresenta o sagrado totalmente diferente do profano em sua obra *Tratado de Histórias das Religiões*:

O sagrado é qualitativamente diferente do profano, embora se possa manifestar de qualquer modo e em qualquer lugar no mundo profano, e tem a capacidade de transformar todo objeto cósmico em paradoxo por intermédio da hierofania “no sentido de que o objeto deixa de ser ele próprio, como objeto cósmico, permanecendo aparentemente inalterado”. (2010a, p. 34).

No mundo atual se tem um conceito formulado que é capaz de, ao menos, oferecer argumentos suficientes para se dizer que o sagrado é algo associado ao bem, cuja origem visa a expressar ou comunicar alguma coisa boa. Antagonicamente, o vocábulo profano suscita a ideia de que é algo do mal, nocivo ao homem e aos que o rodeiam. Para alguns, profano é macular algo que é sagrado.

Tal percepção não difere muito da vigente nos tempos primitivos, segundo Eliade. Ele relata que qualquer fato extraordinário aos olhos dos homens pode ser considerado uma hierofania, uma manifestação do divino para os homens que podem ter ofendido ao ser superior que, então, manifesta seu poder impondo-lhes medo e respeito (2010a, p. 32).

3.1 *Materialização do sagrado*

Na cidade de Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero, uma atmosfera religiosa é respirada no dia a dia, em todas as ruas e expressões do povo; está no cotidiano, embora inúmeras vezes passe despercebido. Na cidade, habita uma mística devido a certa abertura, isto é, à existência de uma predisposição dos munícipes que foram criados na terra da hóstia que teria sido transmutada em sangue.

As pessoas do Cariri, e de forma específica as do Juazeiro do Norte, quase todas cresceram passando pela experiência de contatos místicos, de milagres ou de graças alcançadas. A devoção ao “santo” do Nordeste é tão grande que, na população, é recorrente dar aos filhos os nomes de Cícero ou Cícera.

A população do Juazeiro chega a 250.000 habitantes, segundo o Censo de 2010 - IBGE. Este povo foi gerado, nasceu e foi configurado com características próprias da terra do Padre Cícero: é povo de características sertaneja; ganhou formas e traços particulares. Por exemplo, em geral quando interrogado sobre sua origem, ele responde: “sou da terra do Padim Ciço”.

Para o homem que conhece a importância da terra e com ela se identifica, dizer que é filho de Juazeiro do Norte é um prestígio, uma vez que a cidade é hoje apontada com inúmeras referências, sejam elas industriais, educacionais, na saúde ou nos demais aspectos componentes do que se convencionou considerar progresso. Hoje é a sede metropolitana do Cariri.

A imponência da cidade, com suas inúmeras empresas, faz circular uma economia pujante na região, o que arrasta para si os olhares de curiosos que passam a refletir e atribuir tamanho progresso às bênçãos daquele que a fundou e lhe ensinou a caminhar sem temer o que viria pela frente. É fácil assim atribuir o desenvolvimento como uma manifestação do sagrado, como uma força mística que, emanada do Padre Cícero, permeia a terra por ele protegida. É fácil perceber elementos simbólicos do sagrado que se exteriorizam e materializam nos romeiros.

Em Juazeiro do Norte a fé do povo é algo tão exposto que se percebe o quanto se sente a necessidade de expressá-la. A cidade tem, hoje, aproximadamente, 1285³³ ruas, das quais inúmeras receberam nomes de santos. A rua principal, por exemplo, que pode

³³ A base citada não é mais atual, ela é de uma terceira edição, do ano de 2007. Hoje a cidade de Juazeiro do Norte está bem mais desenvolvida e teve um aumento considerável no número de ruas. O autor do livro, Juazeiro do Norte – Seu espaço físico, Mário Bem Filho, está encaminhando uma nova edição, de 2012, que atualizará o número publicado na edição de 2007.

ser considerada *coração do comércio*, é a São Pedro, referência ao apóstolo de quem a tradição afirma ter ele recebido, de Jesus, “as chaves do reino dos céus”. Coincidentemente é aquela a rua que abre as portas aos visitantes que podem deixar a cidade por outras ruas também importantes, tais como a São Paulo e a Padre Cícero. Se analisarmos com um olhar mais crítico, veremos que o nome do Padre Cícero estar entre os personagens bíblicos de grande importância para os cristãos, de maneira especial para os católicos.

O reconhecimento do “papel de santo” atribuído ao Padre Cícero, bem como a sua ousada tentativa de fazer do Juazeiro uma cidade boa para se viver fazia os populares a verem com bons olhos.

Tudo, na cidade do Juazeiro, remete à figura do Padre Cícero, o que é sentido naturalmente e pode ser observado nos traços de fé que se refletem nas portas das casas de comércio que expõem uma imagem no porte do patriarca, a ponto de ela roubar a atenção do povo romeiro que fita o olhar nas imagens do “Padim”.

Não é possível omitir ou deixar de expressar a existência desse comportamento religioso, bem mais antigo que o próprio povo do Juazeiro que aprendeu, ele mesmo, a beber nessa fonte conhecida como religiosidade popular. A propósito, veja-se o relato da doutora em Sociologia Renata Marinho Paz, no livro *Para onde sopra o vento*:

Arraigados no seio da população, as crenças e práticas religiosas realizadas e estimuladas pelos leigos, tais como promessas e benzeduras, além da promoção de novenas, procissões, romarias, etc. faziam parte do cotidiano das pessoas, integrando a vivência religiosa dos fiéis (...) “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” traduz genericamente a dinâmica deste catolicismo de raízes lusitanas, na medida em que beatos, ermitãos, irmandades, ordens terceiras e misericórdias atuavam como ordenadores e dinamizadores do catolicismo brasileiro, rezando, benzendo, curando, cuidando de capelas e santuários (...) influenciando as crenças, práticas e representações do povo (2011, p. 51).

Como não ser um povo herdeiro de traços fortes de uma religiosidade popular, se era nela que, antes, a própria população se agarrava para manter um contato maior com os elementos componentes do universo do sagrado.

A religiosidade popular em Juazeiro do Norte é visível no comportamento do homem, que dela se utiliza para tirar proveito, como, por exemplo, quando um filho de Juazeiro, sabendo da fé e da crença circulantes, faz uso da imagem do Padre Cícero na porta do seu comércio para atrair clientes. Ele sabe da importância daquela figura; porém, mesmo assim a utiliza como um atrativo a ser exercido para com aqueles que vivem ou expressam a mesma devoção.

A prática devocional e o respeito ao santo emana com uma força que é de certa forma assustadora. Isso exige um senso crítico para perceber mais além quando se anda pelas ruas de Juazeiro e se percebe materializada a força da devoção nas calçadas, através dos ambulantes, nas casas comerciais ou entre os vendedores que carregam consigo um símbolo sagrado que, para muitos, é o rosário da Mãe das Dores, ou um pingente com o nome ou imagem de um santo, ou até mesmo com uma pequena estátua de Padre Cícero que é levada no bolso como proteção de todo mal. A devoção caminha lado a lado com o comércio que, por sua vez, oxigenado por ela se mantém de pé. No Juazeiro do Norte, fé, comércio e devoção andam de mãos dadas.

A fé e a devoção são tão fortes na cidade, que é inconcebível entrar em uma casa e não encontrar o seu santuário³⁴ logo na sala principal; nele se torna mais que visível a imagem do Patriarca. Podem faltar imagens de outros santos, mas não as do Padre Cícero, da Mãe das Dores e de São Francisco. Seria como que uma ofensa não ter em casa a imagem ou um quadro do “santo fundador” do Juazeiro. Da mesma forma, devoto que é devoto não vê sair o velho ano e entrar o novo sem que renove a sua consagração³⁵ ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, em atos acompanhados de muitos benditos e louvações, e em cuja finalização têm suma importância os cânticos em honra do Padre Cícero, o primeiro a instigar no Juazeiro essa devoção.

As famílias vivem e fazem parte dessa experiência de fé. Juazeirense fiel às tradições locais visita o Horto onde se encontra a imagem do Padre Cícero; faz com ele suas promessas, usa devotamente a sua roupa preta – a cada dia vinte de cada mês, em referência ao dia do seu falecimento – e carrega consigo um rosário, por amor e devoção à Mãe das Dores, à qual o Padre Cícero era fervorosamente devotado.

3.2 *O espaço como dimensão do sagrado*

A criatura humana é um ser que se realiza e se sente feliz quando está em lugares almejados, que trazem consigo significados especiais ou que, de uma forma, marcam

³⁴ O santuário é um conjunto de imagens de santos aos quais se tem devoção, normalmente colocados na sala principal das casas, sobre uma mesa em forma de altar. Às vezes acompanhado de um oratório que é uma casinha de madeira onde se colocam as imagens dos santos.

³⁵ A palavra consagração significa separação. Ser consagrado é ser separado exclusivamente para Deus. É um processo através do qual a pessoa se desliga de tudo que não pertence ao Senhor. No caso específico de Juazeiro, os romeiros fazem essa consagração ao Sagrado Coração de Jesus e a Maria, todos os anos; a consagração é também conhecida como renovação.

algo em sua vida a ponto de os tornarem especiais para ela, ou, pode-se dizer de outro modo, em lugares que têm conotações de sacralidade: eles tornam-se, então, sinais de uma dimensão na qual o ser humano encontra a sua paz, ou até mesmo assombro, lugares de realização e de encontro consigo mesmo, lugares onde até mesmo os céticos encontram realizações. Tais lugares são considerados espaços sagrados por serem portadores de significados importantes para o homem.

Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não-religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os lugares “sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana (ELIADE, 2010c, p. 28).

O espaço também pode ser compreendido como um mundo feito pelo homem que o constitui na medida em que percebe sua importância e o seu significado.

O romeiro que visita a cidade de Juazeiro do Norte vive esse mundo, embora, muitas vezes, de forma inconsciente, sobretudo pelo fato de não ter uma estrutura intelectual que o faça conceituar tal dimensão. Sabe que Juazeiro é uma terra diferente, santa e abençoada pelo Padre Cícero. Os romeiros sabem que a geografia de Juazeiro difere das demais cidades que têm uma vida comum. Para os peregrinos, a terra do Padre Cícero comunica graça, milagres, bênçãos e proteção devido ao fato de aquele espaço ser também o do “santo do Nordeste” que não abandonou o seu povo.

Entrar na cidade do Juazeiro quando se vem chegando em romaria é participar de uma experiência diferente, plena de emoção para homens e mulheres que percorreram vários quilômetros para viver e expressar sua fé em visitas, missas e peregrinações na “Terra Santa”.

Esse espaço torna-se almejado pelo romeiro que reconhece a importância e sentido daquela terra na qual ele esperou estar durante os meses que antecedem a romaria. Os sonhos são alimentados dia após dia nas partilhas, muitas vezes até engraçadas, que se dão entre os que foram e que não foram à romaria passada. São lembranças que ganham e constituem vida para pessoas que, a cada mês, juntam seus “tostões” para obter a graça de voltar a pisar o “solo sagrado da terra prometida”.

Citam-se, aqui, trechos editados das entrevistas realizadas com vinte romeiros. Nelas se expressa o que significa, para eles, estar na terra de Juazeiro do Norte enquanto realidade geográfica concreta, que já não significa mais apenas uma quimera.

Nas entrevistas semiestruturadas aplicadas, a pergunta de número 2 estimulava a que o romeiro buscasse expressar o que significa estar no Juazeiro do Norte e pisar aquele chão.

A seguir, apresentam-se as respostas emitidas:

Significa, para mim, o céu onde eu quero chegar.
(Maria Madalena de Lima, 72 anos, residente em Sanharó, PE)

Para mim é como se eu estivesse pisando no que seria o céu.
(Rozineide Brás Batista, 46 anos, residente em Aracaju, SE)

Um lugar que me dá paz, alegria e amor.
(Tereza dos Santos, 84 anos, residente em Toledo, AL)

Muita coisa, acho que é uma terra muito boa para a gente.
(Luzinete de Almeida Silva, 37 anos, residente em Capoeira, PE)

Uma terra abençoada.
(José Ponciano Filho, 37 anos, residente em Conceição, PB)

Uma terra santa.
(Maria das Neves Benvenuto, 64 anos, residente em Jeremoabo, BA, já foi 28 vezes à cidade do Padre Cícero)

Ela é muito aconchegante, é uma terra abençoada.
(Marlene Coelho Cavalcante, 59 anos, residente em Paulista, PE)

Ela é muito especial e eu estou muito contente, pois está mudando minha vida. Estou fazendo uma visita, estou aqui na estátua do Padre Cícero, no Juazeiro, e estou muito contente, com o coração muito alegre. É a primeira vez que venho: tenho 63 anos e hoje estou fazendo minha primeira romaria.
(Custódia Sabino da Silva, 63 anos, residente em Santana dos Garrotes, PB)

Tudo. Significa uma benção. Quando chego aqui, eu me realizo.
(Ieda Mendes, 53 anos, residente no Recife, PE)

Significa uma realização das coisas grandes que Deus tem no mundo, e a sabedoria do homem. A cidade cresceu muito, depois desses vinte anos que estive aqui pela última vez. E Deus que é fiel, abençoa a todos aqueles que creem nele.
(Elza Maria Alves da Silva, 53 anos, residente em Jaboatão, PE. É uma romeira evangélica)

Muita coisa boa, muita paz, muitos milagres.
(Maria Helena Barbosa, 64 anos, natural de Afogados da Ingazeira, PE, reside em Campinas, SP)

Tudo de bom. Uma terra com pessoas educadas, terra que não maltrata ninguém.

(Anailde Maria da Silva, 70 anos, residente em José Bonifácio, SP)

Muita paz e alegria.

(Edvaldo João Alves, 46 anos, residente em Lajedo, PE, já foi mais de 11 vezes a Juazeiro)

É muito santa. Todos dizem que é uma terra muito santa.

(Maria de Fátima da Silva, 51 anos, residente em Buique, PE, já foi oito vezes ao Juazeiro)

Ela me dá muita saúde. Eu chego aqui doente e, quando saio, me sinto melhor. Onde eu moro tem dias que não tenho vontade de sair de casa, aí, quando preciso, eu ando de ônibus. Já aqui, eu ando muito, vou para qualquer lugar.

(Regina Maria da Conceição, 34 anos, residente em Parambu, CE, já participou de 46 romarias)

Terra santa, que Deus abençoa.

(Antônia Gomes de Oliveira, 75 anos, residente em Parambu, CE, já fez mais de 10 romarias para Juazeiro do Norte)

É uma terra santa, porque aqui, o Juazeiro, é a terra do Padre Cícero e de muitos padres que passaram e só fizeram bem ao povo de Deus, pregando a palavra de Deus, ensinando o caminho verdadeiro ao povo e aos romeiros. Então, é uma alegria imensa a gente vir para cá, porque aqui só se ensina o bem. Vir ao Juazeiro é realizar o sonho de viver essa realidade cristã.

(Reginaldo Vieira Cordeiro, 36 anos, residente em Lagoa dos Gatos, PE)

Missão.

(Maria do Socorro Rodrigues da Silva, 53 anos, residente em Bonito, PE)

Para mim significa que quando a gente chega aqui, quando pisa aqui, mesmo que se tenha muitos problemas lá fora, a gente esquece os problemas. Mesmo que seja necessário dormir no chão, no chão mesmo, ou no calçamento, a gente se sente bem.

(Maria José da Silva, 52 anos, residente em São Caetano, PE)

A benção do meu Deus, porque a gente fica feliz de estar aqui. E também a benção de meu 'padim Ciço'.

(Josefa Oliva Barbosa, 62 anos, residente em Lajedo, PE, já foi a sete romarias no Juazeiro)

Nas falas dos romeiros é visível a percepção de algo além do palpável no que se refere à cidade do Juazeiro. Em seus discursos, os romeiros dão ênfase a uma terra "diferente", ou seja, eles sentem que há, nela, algo de mágico ou santo. A terra expressa

um encanto diferente que existe naquele mundo criado pelo próprio romeiro, mundo onde o peregrino transcende a realidade ao expressar sua experiência.

O romeiro cria itinerários ao longo da peregrinação, cuja sequência segue o grau de importância de cada local a ser visitado, no qual se observa uma mística particular. O peregrino tem consciência de que tudo é obra das mãos de Deus, e também sabe que o Deus que tudo criou enfatiza algumas coisas, às quais parece ter dado um toque especial.

A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional “do mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um mundo sagrado. (ELIADE, 2010 c, p. 32).

O fenômeno religioso dá sua parcela de contribuição ao mundo do romeiro que se encanta e se envolve com algo que é novo e inusitado aos seus olhos, que marca o espaço onde se manifesta e gera outro mundo onde o sagrado ganha um valor particularizado.

3.3 Romeiros homens e mulheres peregrinas

Impossível seria pensar, hoje, a cidade de Juazeiro do Norte sem os romeiros e os romeiros sem Juazeiro. Torna-se visível como ambos se completam de forma que um mantém a outra de pé, sem que se possa negar que é no sujeito romeiro – homem, mulher ou jovem – que a cidade do *Padim* encontra forças e erige vida e história. Todavia, a imagem do romeiro não é bem vista por algumas pessoas que o veem como uma criatura exploradora que vem à cidade do “santo do Nordeste” para roubar a riqueza do local e as oportunidades de trabalho; alguns habitantes de Juazeiro pensam que o romeiro já vem com o intuito de ali estabelecer sua morada. Tal ideia é compartilhada por poucos, pois o tempo fez muitos perceberem que o romeiro é uma pessoa “simples”, que vem à terra viver e expressar sua fé no local que o Padre Cícero transformou de pequeno lugarejo em uma cidade-santuário de grande dimensão, destino preferencial de muitas romarias.

Toda trajetória de Juazeiro do Norte foi marcada por momentos difíceis, inclusive por parte da Igreja que não percebia com bons olhos as frequentes andanças na cidade, de homens e mulheres provenientes de outras localidades. Tal realidade também incomodava os coronéis e demais políticos que passaram a temer a presença de todo aquele contingente que aumentou o prestígio do Padre Cícero e ampliou o seu poder. Em lugarejo pequeno, um padre acolhia as lamúrias do povo e uma esperança surgia. Aquele

sacerdote alimentava os sonhos de muitos que chegavam. Tal acolhida gerou especulações de que ela se dava também a partir do interesse de formar um exército de homens capazes de dar a vida por Juazeiro.

Quando se fala de romeiros, a referência é a pessoas marcadas por experiências particulares com o sagrado. Criaturas que, de alguma forma, o vivenciaram, uma vez que foram envolvidas por um contato direto e/ou indireto com algo que lhes é inusitado. Como é o caso da fé no “santo do Juazeiro”, cuja plena adesão parte da experiência de algum “milagre” materializado segundo a ótica deles.

Para melhor entender a temática romeiro, veja-se o que diz a socióloga Maria Paula Jacinto Cordeiro, que estuda a questão do turismo religioso na cidade de Juazeiro do Norte:

No léxico, segundo Ferreira (1999), além de sinônimo de peregrinação, o termo romaria é utilizado para designar uma reunião de devotos que participam de uma festa religiosa, ou festa que se realiza em arraial. Inicialmente do latim a expressão “romaeu”, era usada para designar os que iam a Roma. Já o termo romeiro vem do grego “rhomaêas”, e foi inicialmente utilizado no império do Oriente aos peregrinos que iam a Terra Santa (2011, p. 73).

Visto o que fala a supracitada socióloga, é possível compreender que o romeiro é uma figura que se movimenta rumo a uma localidade cuja importância para aquele itinerante é a de buscar, em suas andanças, uma realização inserida no campo espiritual. O romeiro caminha em estradas de sonhos, embora não percorra roteiros sem fim; ao contrário, ele faz um percurso que tem seu sentido tanto no começar quanto no atingir a meta a que se propôs.

Para o romeiro, a caminhada a um santuário, a locais sacros ou a ambientes dos quais se pode dizer que neles o sagrado manifestou-se, se dá a partir do assombro provocado por um mistério que é tremendo e fascinante, ou como diz Eliade, a partir das hierofanias que envolvem o homem com a sua mágica e seu encanto. As hierofanias suscitam, no romeiro, assombro e admiração, ao ponto de surgir um interesse pelo que se revela que é capaz de conduzi-lo ao incômodo de algo que quer ser comunicado.

As romarias são tão antigas quanto os primeiros relatos bíblicos referentes ao povo de Israel que, guiado por Moises e seus descendentes, caminhou rumo à terra prometida. A atitude de sair de casa e se abandonar em paus de arara, em quilômetros que para alguns podem parecer intermináveis, com o intuito de percorrer as vias de Juazeiro e lá expressar e materializar sua fé através de orações e jaculatórias, ou na subida de

escadas, de joelho ou não, até a estátua de Padre Cícero é uma expressão de fé de homens e mulheres que tiveram, na sua particularidade, uma experiência com o sagrado.

Romeiros e romeiras são sujeitos movidos e imbuídos de fé no santo de devoção. Para eles, a gratidão ao santo que os ama (é o que eles pensam, que os santos os ama) e transforma esse amor em graças e milagres, implica a retribuição feita nas visitas empreendidas em cada romaria. Veja-se o relato de um historiador cearense que descreve traços e detalhes acerca das romarias:

Falar sobre o romeiro, a romeira no singular ou, mais acertadamente, sobre os romeiros e romeiras no plural é falar claramente de pessoas vivas, de acontecimentos humanos relevantes que se perdem nas curvas quase infinitas das estradas, cobertas tantas vezes pelo véu inexorável do tempo, como um constante desafio aos conceitos de modernidades, pós-modernidade, religião “oficial” (...) Sem dúvida, as romarias ou peregrinações são um dado fundamental na antropologia das religiões, no Ocidente ou no Oriente. Por todas as partes do mundo e em todas as épocas, elas se manifestaram como um momento forte da experiência religiosa coletiva e individual (GUIMARÃES, 2011, p. 17).

Esses homens e mulheres que peregrinam em terras que, para eles, são “santas”, lugares sacros repletos de significados místicos e de magia inexplicável, são criaturas felizes, independente das dores e angústias trazidas, ou não, para serem entregues ao santo de devoção durante a romaria.

As festas e o tempo santo são, para o peregrino, motivo de romaria e de muita alegria nas comunidades nas quais se costuma viajar em grupos, até com perspectivas penitenciais, expressando através de cânticos suas expectativas em relação à terra desejada. Trata-se de uma vivência que, para muitos, todos os anos se repete na mesma data. Adiante será abordado um tópico sobre a romaria da esperança e as centenas de devotos que marcham para o Juazeiro do Norte com o intuito de se unirem, em oração, às almas e, de maneira especial, à do Padre Cícero.

3.4 Romarias à terra do “santo do Nordeste”

Para alguns, talvez a compreensão de romarias se tenha dado a partir do enorme fluxo de carros, caravanas e demais movimentos com os quais se deparam em Juazeiro do Norte. A afluência de tantas figuras estranhas, transitando entre ruas, comércio e igrejas, sinaliza, para o povo de Juazeiro, que as romarias começaram. Saliencia-se que, atualmente, essa torrente de romeiros homens e mulheres devotos é bem maior no

período imediatamente posterior ao surgimento do boato acerca do “milagre da hóstia”, visto no primeiro capítulo desta dissertação.

A figura do Padre Cícero ficou cravada na memória dos habitantes do Juazeiro, assim como na dos romeiros que desenvolveram um carinho pelo “santo” e pelo seu lugar a ponto de ele se tornar um espaço que deve, preferencialmente, ser visitado todos os anos. Lá são renovadas as energias e a fé no padre que já foi canonizado nas convicções de muitos romeiros.

Com a morte do Padre Cícero Romão Batista, ocorrida em 20 de Julho de 1934, os romeiros ganharam um novo e mais íntimo significado para virem ao Juazeiro, devido ao fato de o Padre ter tido relação direta com o povo. Não era mais um santo longínquo de quem os romeiros estivessem acostumados apenas a ouvir falar; tratava-se de um “santo” com quem eles haviam estabelecido contato, tocado, falado e visto – como a intimidade permite perceber – em seu semblante, quando falava e ria, se ele expressava traços de contestação sobre algo que não aprovara. Um “santo” que fazia milagres pertinho do povo. Era assim que os romeiros entendiam o Padre Cícero. Para muitos, aliás, o Padre Cícero não morreu: ele subiu ao céu, como a Virgem Maria, para rogar a Deus por todo o povo, e à Mãe das Dores, por seus afilhados romeiros na terra. Essa forma de expressar é recorrente nos lábios dos romeiros.

O Padre Cícero se encarregou de dar vida à devoção à Mãe das Dores: alimentou no povo um carinho concretizado em orações, procissões, penitências e em inúmeras outras formas de expressar amor pela Mãe de Jesus. Esses sinais se perpetuam até os dias atuais. Os romeiros dividem-se em devoções aos santos e marcam os momentos que, no calendário gravado em suas mentes, são as datas fortes, as que se destacam entre as demais. Esse tempo, segundo tantas vezes citado por Mircea Eliade, reatualiza a própria experiência do passado vivido pelo Padre Cícero e pelos primeiros devotos que habitavam em Juazeiro. Veja-se o que diz o supracitado teórico sobre esse tempo que, para o romeiro, é forte:

Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no tempo mítico reatualizado pela própria festa. (...) É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. A cada festa periódica reencontra-se o mesmo tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século (2010 c, p. 63-64).

Os romeiros, cuja maioria é composta por pessoas de reduzido poder aquisitivo, usam do pouco recurso que têm, amealhado dia a dia, para direcioná-lo àquela romaria que lhes realiza porque nela percebem a importância de renovar as forças e louvar a Deus em forma de agradecimento por favorecimentos alcançados, sem deixar de levar para casa uma lembrança da terra, mesmo que seja apenas uma fita ou outro símbolo qualquer que denote um valor especial para o romeiro.

Os romeiros partem em direção a terras que hoje não mais parecerem tão distantes por causa da existência de meios de transportes que oferecerem mais rapidez e comodidade, encontram na terra do Juazeiro do Norte, durante todos os anos, diversificadas datas e festividades. Assim, se pode escolher a romaria e os festejos que mais interessam e coincidem com data mais viável, na qual é maior a possibilidade de participação. Partindo desse ângulo, é possível que uma romaria implique menos sacrifícios para romeiros idosos, mais vulneráveis a eventuais contratemplos e percalços.

O trabalho feito pelo Padre Cícero com os menos favorecidos e também com os homens de poder, deram base para que ganhassem alicerce as romarias que ainda haveriam de vir. O desenvolvimento se deu a passos largos; se comparado o que é hoje e que aconteceu em tão pouco tempo, Juazeiro pode tornar-se um referencial para romarias em todo Nordeste, tanto pelo viés do número expressivo de romeiros, quanto pela fidelidade deles para com as romarias da cidade. Essas expressões se tornaram tão vivas entre os nordestinos que muitos ainda deixam sua terra natal e partem para outros lugares em busca de melhoras e da paz que supõem encontrar. Esse transitar dos romeiros difunde sua fé por onde eles passam. São figuras que avivam a fé a cada passo, que consagram cada um de seus sonhos a Deus e ao santo de devoção. A busca contínua de viver as romarias faz com que elas sejam conhecidas e o romeiro, por sua vez, seja caracterizado a partir daquela que escolhe.

Hoje, a cidade de Juazeiro do Norte dispõe de quatro grandes romarias, cada uma com características específicas e uma participação expressiva de fiéis. Aqui, o autor propõe que se faça um pequeno passeio pelas romarias de Juazeiro, para se ter noção sobre o tipo de manifestação de fé que será encontrada.

3.4.1 Romaria de São Francisco

O Santuário de São Francisco das Chagas é um templo de grande dimensão, a ponto de comportar grande quantidade de romeiros bem como os transportes que os

trazem. A entrada dos motoristas nos arredores do santuário é marcada de um rico significado: eles demarcam o território e pedem a benção de Deus e de São Francisco dando três voltas no pátio simbolizando a Santíssima Trindade. Tal rito acontece nos momentos de chegada e se repete na hora da partida de volta para casa, quando mais uma vez se pede proteção e se agradece pelos dias de bênçãos e graças.

As voltas que são dadas circulando o santuário de São Francisco e demarcando o território, segundo Eliade, são riquíssimas de significado sagrado, o que será visto no tópico mais específico sobre o santuário.

O santuário de São Francisco recebe, anualmente, um número de romeiros que impressiona e, na romaria de outubro (05 de outubro é o dia de São Francisco) muitos e quase incontáveis são aqueles que visitam o santuário. Devotos de inúmeros lugares vêm à casa de São Francisco das Chagas para pagarem ou fazerem suas promessas a um santo que era de família estruturada financeiramente e se fez pobre a partir de uma experiência íntima com Deus. Os romeiros, especialmente do Nordeste, trazem consigo carinho e devoção para com São Francisco que, no Juazeiro, recebeu o enfático título “das chagas”, devido a outro santuário, conhecido como de São Francisco do Canindé, também localizado no estado do Ceará.

É notório, quando se anda pelas vias de Juazeiro do Norte, deparar-se com pessoas das mais variadas idades, trajando vestes de cor marrom, denominada hábito de São Francisco, que traz um torçal amarrado à cintura, como evidência de devoção ou de uma promessa que está sendo paga. É resposta do romeiro a uma fé que foi confirmada na dádiva do “milagre” alcançado por intermédio do santo de devoção a quem o pedido foi apresentado e que é agora devolvida, como gratidão, em romaria ao seu santuário localizado na terra onde faz mais milagres – o Juazeiro do meu Padim – segundo os romeiros.

Como em toda festa de santo, Juazeiro ganha seu tempo místico marcado por novenas, missas, confissões, procissões e devoções que já são de costume dos romeiros, cujo ápice é o dia 4 de outubro, quando a imagem de São Francisco sai no carro-andor, acompanhado de benditos, fogos e incontáveis “viva São Francisco das Chagas”. Esse, sim, é o cume, para o romeiro, de todo o peregrinar naquela romaria: ele sente sua vida renovada na fé, e fica com a certeza de que já pode voltar para casa, convicto de que cumpriu suas obrigações para com Deus e para com São Francisco.

3.4.2 Romaria de Nossa Senhora das Dores

A romaria a Nossa Senhora das Dores é, para o romeiro, uma manifestação de profunda fé e respeito à Virgem Dolorosa, por quem o Padre Cícero nutria admiração e respeito. É uma romaria que acontece no mês de setembro com uma procissão numerosa que atrai carroceiros, ciclistas, motociclistas, carros de passeio, ônibus e todo tipo de transporte, além dos que vão a pé. Seguindo a imagem adornada com flores que envolvem o andor da padroeira da cidade de Juazeiro do Norte que para, oficialmente, dando aos seus devotos, que não são poucos, a oportunidade de poderem expressar sua fé à Mãe de Jesus que teve o coração transpassado por tantas espadas. É uma das procissões bem características de Juazeiro, devido ao fato de o próprio Padre Cícero ter motivado os romeiros e os, então, habitantes do lugarejo a criarem uma devoção especial para com a mãe de Jesus, sob a invocação de Mãe das Dores.

A festa e procissão de Nossa Senhora das Dores é bem específica e concentrada no templo a ela dedicado: a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores. É festejada em especial data – 12 de setembro.

A Basílica Menor, no período da festa, concentra missas em vários horários para os romeiros, bem como inúmeras atividades paralelas que fazem com que eles fiquem envolvidos na programação da festa, e não dispersos a partir de inúmeros fatores que, expostos, os circundam.

É uma das romarias em que mais se pode perceber um povo sedento de beber da religiosidade do lugar e da dinâmica do sagrado que lhe faz sentir-se feliz por estar ali.

A romaria de Nossa Senhora das Dores tem alto índice de romeiros que algumas vezes se aproveitam das circunstanciais facilidades que se apresentam para que venham. Os políticos, candidatos no período eleitoral que se aproxima e se repete a cada dois anos, oferecem transportes gratuitos, objetivando angariar futuros votos em uma troca de favores.³⁶

Durante as pesquisas, foi descoberto que nessa romaria específica, no dia que antecede a festa de Nossa Senhora das Dores os romeiros organizam uma procissão de ônibus, carros, *topic*, caminhões e todo tipo de transporte, e adentram a cidade de Juazeiro pelas ruas principais, jogando bombons para o povo que, curiosamente, os

³⁶ Esta delicada questão, apesar de citada, por causa dos limites deste trabalho não será aqui examinada.

aguardam nas portas das calçadas, esquinas, praças etc.; através de buzinas, avisam ao povo que estão chegando. Essa característica é específica da romaria da Mãe das Dores: não foi percebida, durante a pesquisa, em nenhuma das outras romarias realizadas em Juazeiro do Norte.

3.4.3 Romaria de Nossa Senhora das Candeias

Os festejos e romarias a Nossa Senhora das Candeias, ou outros títulos como também é conhecida – Nossa Senhora da Apresentação, Nossa Senhora da Luz e Nossa Senhora da Purificação –, compõem mais uma das três fortes romarias existentes em Juazeiro do Norte. É realizada logo no início do ano, mais precisamente no mês de fevereiro dia 2. Preparada com muito esmero e beleza, os romeiros devotos se encantam com a procissão das luzes, pois os devotos a acompanham levando consigo candeieiros que formam um céu de chamas: a menor das brisas forma um espetáculo de chamas dançantes que parece tornar mais fervorosa a manifestação de fé dos romeiros.

Tem sua importância e apreço pelos romeiros devido a conhecimento que têm de que o Padre Cícero demonstrava carinho e devoção à Mãe das Luzes. Tal invocação é compreendida pelo povo como àquela que ilumina os passos dos fiéis devotos nos caminhos rumo ao céu.

3.4.4 Romaria de Finados ou da Esperança

Finados é um termo fixado na mentalidade de quase todo o povo como sinônimo de dor, perda, saudade e lembranças marcantes que fazem até os homens ditos mais fortes refletirem sobre realidades diferentes.

Todavia, para os romeiros do Padre Cícero, o vocábulo evoca uma data que, além das mais inúmeras experiências de dor, lembra que é tempo de ir ao Juazeiro do Norte fazer “visita de cova” ao túmulo do “padre santo do Nordeste”, cujos restos mortais estão sepultados na capela de Nossa Senhora do Socorro.

Torna-se, então, a maior de todas as romarias que acontecem em Juazeiro. A própria cidade fica pequena para comportar a chegada dos romeiros que embora oriundos de lugares diferentes, acorrem unidos por uma única motivação: ir onde o Pe. Cícero está enterrado e fazer-lhe uma visita de agradecimento ou pedido.

Essa romaria supera até mesmo a de Nossa Senhora das Dores, que se poderia considerar a “dona” do lugar. Para ela, em data, horário e local esperados, os romeiros trazem as intenções e os ex-votos guardados no decorrer dos meses à espera do dia de finados, quando se confessam aos pés do padre e voltam para casa mais que realizados.

Nessa romaria, as igrejas ficam superlotadas por serem anotadas, e em seguida lidas, as intenções dos fiéis falecidos cujos nomes são trazidos de suas cidades para serem proclamados, em alto e bom tom, nas igrejas da terra do Padre Cícero.

Milhares de velas são queimadas nos velários dos cemitérios e também nas próprias paróquias. Nesses locais, os fiéis visitantes das romarias apresentam suas preces e rogos, e veem seus pedidos serem levados ao céu na chama da vela cuja queima é rica de intenções e significados. As queimas das velas ganham interpretações mágicas; por exemplo, diz-se que quando uma vela queima por igual, significa que a alma a recebeu feliz e não está sofrendo. E o contrário é tido como verdadeiro, pois se acredita que quando a vela queima de maneira desigual e lacrimosa, significa que a alma está sofrendo e que o seu sofrimento se transporta para ser visível na vela.

A romaria da esperança, ou de finados, evidencia a existência de um mundo místico desenhado por atos litúrgicos acompanhados de cânticos propícios, velas, flores e altares enfeitados, que parecem ligar o mundo dos mortais ao das almas que recebem alívio quando seus nomes são proclamados nos púlpitos durante as missas celebradas.

Inúmeras igrejas fazem plantão para atender a acentuada demanda dos que querem colocar suas intenções na missa daquela tão importante ocasião anual. As principais igrejas em Juazeiro já estão acostumadas com a procura dos romeiros que, muitas vezes, trazem suas intenções já escritas em um pedaço de papel para serem anotadas nas barracas de intenções que são improvisadas nos pátios das igrejas.

Foto 08

Santuário de São Francisco das Chagas (1º de novembro de 2011)



Fonte: o autor

A romaria da esperança é diferente das demais romarias que envolvem procissões pelas ruas com cânticos e rogos que, de forma penitencial, fazem seus percursos envolvidos por preces e louvações. A de finados é uma romaria de visitas aos templos e ao túmulo do Padre Cícero. É uma forma de concretizar seus agradecimentos pelas graças alcançadas, em uma data mística na qual os mortos de todos os lugares recebem orações e se tornam gratos pelo alívio recebido, proveniente de tantos sufrágios.

3.5 Templos e encontros com o sagrado.

Os romeiros são personagens conscientes do que buscam em suas marchas às cidades que têm significado e sentido para a sua fé enquanto pessoas que, de alguma forma, têm ou tiveram experiência com uma realidade chamada sagrada, ou religiosa.

Esses peregrinos aventuram sua vida e sonhos em viagens que consagram ao Padre Cícero e a Mãe das Dores com o intuito de irem a “casa deles”, prestar-lhes homenagens e apresentar pedidos. Embora os itinerários possam durar muitas horas, às vezes elas chegam a passar depressa por causa do anseio de entrar na “terra santa”.

Ao chegar à terra, tanto para aqueles que já são experientes em romarias quanto para os que vão pela primeira vez, tudo ganha cores e novas tonalidades na vida. Em Juazeiro o fiel se abre à dinâmica das romarias e sincroniza com o ritmo das caravanas que trazem em seus planos itinerários fixados para as visitas aos pontos de maior importância. Algumas vezes tais roteiros são oferecidos pela própria igreja.

Várias paróquias estão no roteiro da fé: Nossa Senhora de Lourdes, São Miguel, Sagrado Coração de Jesus, Santuário de São Francisco, Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores. Elas criam, em suas estruturas de templo, vasta programação que objetiva oferecer ao romeiro variadas opções de escolha das atividades religiosas, direcionando para que tenha durante sua estada na romaria, tanto a noite quanto durante o dia, shows, encontros e palestras, realizados principalmente na Praça Padre Cícero onde se costuma aglomerar maior quantidade de romeiros.

É perceptível a luta pela atenção do romeiro, joia rara disputada pela Igreja e pelo comércio, que o vê como “moeda” de valor, impulsionadora da economia da cidade. Por um lado, há o comércio que explora o romeiro; da parte da Igreja a questão não é muito diferente: o comércio vive do que o romeiro deixa em seu caixa, e a Igreja, enquanto estrutura também mercadológica, se mantém firme a partir desse comércio. Todavia, ela

não tem um diferencial: expõe seus cofres para neles serem depositadas ofertas e donativos a serem posteriormente revertidos em melhores condições para que o romeiro encontre nos locais sacros estruturas de aconchego e higiene, de modo que possa sentir-se bem. Às vezes esse buscar ajuda através dos cofres espalhados, desperta, em alguns, o olhar crítico de quem chega a espantar-se com o que vê.

Pode-se perceber, por exemplo, na Casa dos romeiros, situada na Rua São José, local muito visitado, que ali se oferece espaço arejado para uma breve parada e um pouco de água; todavia, ele não deixa de ter seus cofres distribuídos por quase todos os cômodos. Em uma das visitas que fez, o autor presenciou um casal exclamar, em alto e bom tom: “Ave Maria! Mas tem cofres em todos os lugares dessa casa”. A expressão faz perceber que, muitas vezes, a Igreja exagera ao tentar tirar, de qualquer forma, ajudas, ainda que elas se destinem à manutenção do próprio local.

Abaixo se vê foto de uma cama que era usada pelo Padre Cícero, na qual os devotos tocam seus objetos a fim de os terem abençoados. Da mesma forma, ao lado da cama do “santo do Nordeste” encontra-se um cofre para nele os romeiros deixarem sua gratidão “espontânea” para a manutenção do Museu.

Foto 09

Museu do Padre Cícero: cama onde dormia o “santo do Nordeste”



Fonte: acervo do autor

Juazeiro do Norte não é o único lugar onde os cofres de ofertas são presenças reais nos templos ou lugares sacros. Em outros santuários brasileiros é comum encontrá-los em pontos estratégicos, nos quais o peregrino faz sua oração; quando olha para o

lado estará envolto por cofres dos mais diversos modelos, adequados ao estilo do templo e à realidade, como é o caso dos visualizados na foto abaixo, que ladeiam o caminho rumo à imagem de Nossa Senhora Aparecida, no Santuário de Aparecida, em São Paulo, em forma de uma pequena coluna dourada, assim como são da cor de ouro os detalhes que circundam a imagem da padroeira do Brasil.

Foto 10
Santuário de Aparecida (SP)

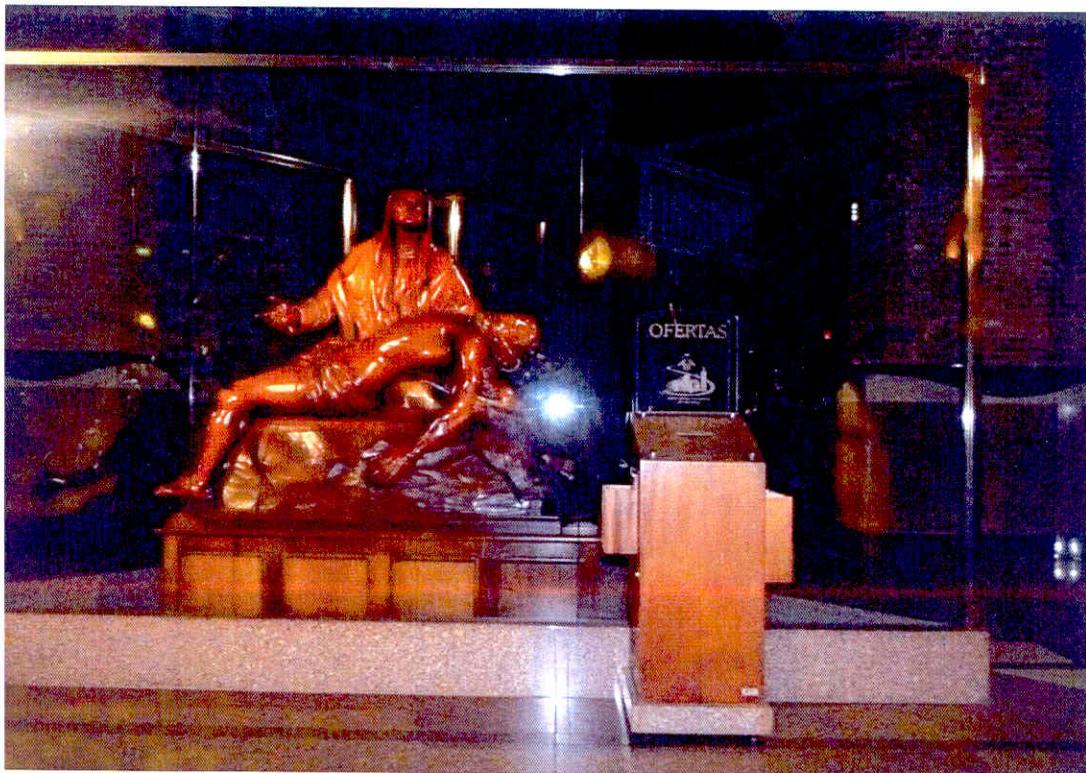


Fonte: o autor

Em todo o santuário de Nossa Senhora Aparecida são encontrados cofres espalhados pelo templo, buscando comover os fiéis a que deixem ofertas que são bem-vindas, uma vez que destinadas à manutenção de uma estrutura gigantesca capaz de acolher romeiros de todo o mundo, posto que aquele santuário acolhe fiéis dos mais variados países. Não se pode deixar de enfatizar que para manter de pé uma estrutura como a do santuário nacional de Aparecida se faz necessária uma quantia significativa de recursos que os administradores do santuário se mobilizam para conseguir, usando de todas as estratégias, ainda que no interior do próprio templo, lugar de oração e de encontro com Deus.

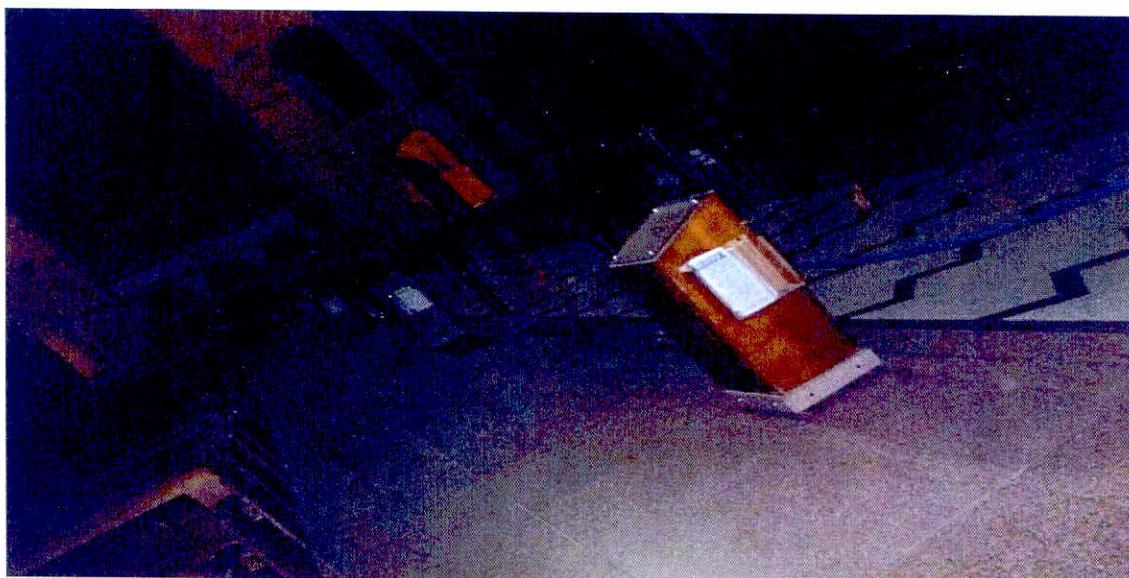
Outras fotos, a seguir, ilustram onde são encontrados mais cofres naquele santuário:

Foto 11
Cofre em frente à imagem de Nossa Senhora da Piedade



Fonte: acervo do autor

Foto 12
Acesso principal ao altar da Missa



Fonte: acervo do autor

O esforço é tamanho para tirar a sustentação do templo que até mesmo quiosques são colocados em toda a praça do santuário com o intuito de vender água em garrafas padronizadas para serem abençoadas no próprio santuário. O rendimento proveniente é convertido em ajuda.

Foto 13
Quiosque de venda de água localizado fora do templo



Fonte:

acervo do autor

Talvez o exagero seja o de não saber como angariar os recursos necessários e acabar tendo que “profanar” os templos e seus arredores extraindo as esmolas dosromeiros de uma forma não camuflada, que para muitos não passa despercebida. Como foi antes afirmada, essa estratégia parece universal, pelo menos no Brasil, pois ela não difere de um santuário pra outro, a exemplo do que foi evidenciado em relação ao Santuário de Aparecida, em São Paulo.

Veja-se, agora, outro exemplo, desta feita no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em Juazeiro do Norte, que é administrado pelos padres salesianos. Nele, são usados baús de tamanho intrigante para a estrutura do templo, o que corrobora com a indagação acerca da real necessidade de tudo isso. Observe-se:

Foto 14

Baú no Santuário do Sagrado Coração de Jesus – Juazeiro do Norte



Fonte: acervo do autor

A Basílica de Nossa Senhora das Dores e o Santuário de São Francisco também fazem uso desses artifícios com a finalidade de receber doações para os templos cujas estruturas são caras, tanto para a manutenção quanto para a realização de melhorias que resultem em maior bem-estar para os fiéis.

Todos esses lugares são referências para os romeiros que têm em mente ser o templo o local onde o homem peregrino consegue estar mais perto de Deus para apresentar suas preces e louvações. O templo, segundo Eliade, é a morada dos deuses, o local santo onde o romeiro caminha em direção à intimidade que o local proporciona. Tudo isso pode ser presenciado nas romarias quando são vistas pessoas ali sentadas somente por estarem buscando paz e energia. Veja-se o que fala Eliade:

Lembremos o essencial do problema: se o templo constitui uma *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do templo permite uma valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é resantificado

na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários (2010c, p. 56).

A estrutura dos templos, normalmente grandiosa e majestosa com seus altares e imagens de santos que ladeiam toda a igreja, faz o romeiro sentir que o ambiente é como um veículo que o transporta para a “Jerusalém celeste”, tão desejada pelo romeiro. O Juazeiro é, assim, entendido como uma “terra santa”, local onde Deus expressa o Seu querer, às claras, com o “Padim Ciço”. É terra abençoada onde “tudo” que se quer se consegue, e onde as ruas da cidade trazem o nome de santos, consagrando ainda mais a geografia daquele lugar onde as portentosas igrejas, através das missas e confissões que oferecem, induzem os romeiros a viverem a santidade. É essa a compreensão do romeiro na terra do Padre Cícero. Eliade comenta a figura da Jerusalém celeste assim como a da Basílica:

A Jerusalém celeste foi criada por Deus ao mesmo tempo que o Paraíso, portanto *in aeternum*. A cidade de Jerusalém não era senão a reprodução aproximativa do modelo transcendente: podia ser maculada pelo homem, mas seu modelo era incorruptível, porque não estava implicado no Tempo. (...) A basílica cristã, e mais tarde a catedral, retoma e prolonga todos esses simbolismos. Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste, e isto desde a antiguidade cristã; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste (2010c, p. 57).

A geografia do Juazeiro do Norte é sagrada para o romeiro. As igrejas e o cemitério, ou terra santa, são assim compreendidas por muitos. Tudo está ancorado em um ar de sagrado.

A igreja dá sua contribuição para esse mundo imaginário do romeiro, quando lhe oferece mundos encantados, plenos de significados e magia. Tal afirmação se pode comprovar na estrutura do Horto, quando se vê naquele espaço de terra, em cima de uma colina, um mundo mágico ou como diria Eliade, a *imago mundi*.

A estrutura do Horto impacta o romeiro à medida que o assusta e fascina, como no fenômeno de que fala Rudolf Otto. A portentosa imagem do Padre Cícero, fincada no alto da colina do Horto, e a sua distância em relação ao centro da cidade, favorecem a compreensão da caminhada realizada pelos peregrinos em direção ao local mais alto da cidade, onde se pode estar mais perto de Deus e ter, com a ajuda do Padre Cícero, muitas preces alcançadas.

Traços fortes da cultura bíblica podem ser vividos quando as pessoas se dirigem aos lugares sacros, muitos deles construídos nas partes mais elevadas da topografia dos terrenos para rezar e buscar momentos de intimidade com o divino. Esse entendimento

em relação às alturas como propiciadoras de um contato mais perto com o divino remete a um sinal de intimidade do homem que sobe ao encontro de um deus, que lhe fala e expõe seus planos. E isso é visto na cena entre Moisés e Deus, quando ele sobe ao Monte Sinai para um diálogo particular com um ente que desce do paraíso e vem às montanhas expressar o seu querer. Também a Igreja torna presente os relatos do próprio Jesus que subia a montanha para conversar com seu Pai e levava os discípulos para, junto com ele fazerem uma ponte de oração entre a terra e o céu. A Igreja Católica dá continuidade a essa imagem estimulando que os santuários sejam construídos nos lugares mais altos e isolados das cidades, de forma a serem favorecidos a atitude de silêncio e o transportar-se do mundo que a altitude torna mais próximo, para um novo mundo; essa transposição se dá naquele espaço sagrado erigido pelo homem, o que significa afirmar que quanto mais alto o homem estiver, mais perto de Deus estará.

Não tão distante como outros santuários, a imagem do Padre Cícero, fincada na terra do Juazeiro, é facilmente avistada; não há obstáculos interpondo-se ao seu alcance. Isso motiva inúmeros fiéis romeiros que preferem fazer o antigo percurso, subindo pela ladeira cuja história parece perenizar um ar sagrado banhado pelo suor de tantos peregrinos que durante anos fizeram aquele percurso até a imagem, animados pelas estruturas antigas das estações da Via Sacra expostas naquela ladeira. O percurso até a imagem comunica ao romeiro um itinerário de orações com terços recitados e súplicas repetidas até o cume da colina do Horto, onde muitos parecem entender que, através da sua imagem, é como se o próprio Padre Cícero, em espírito, de braços abertos, esperasse os romeiros que vêm para lhe visitar e receber sua benção.

Encontrar um local que não seja santo³⁷, em Juazeiro do Norte, seria ter que compreender esse local como algo fora da geografia da terra do Padre Cícero. Até o cemitério, muitas vezes considerado lugar sombrio e rejeitado, ali passa a ser lugar de oração, respeito e encontro com as almas dos antigos fiéis, os homens e mulheres que estabeleceram convívio mais próximo com o “Padim Ciço Romão” e beberem dos ensinamentos que, nas tardes, ele proferia da janela de sua casa quando não mais podia celebrar as missas.

O cemitério do Socorro não abriga mais corpos de pessoas cujas famílias não tenham, tradicionalmente, os seus túmulos, haja vista ele ter-se tornado pequeno para

³⁷ Para os romeiros toda a cidade de Juazeiro do Norte é santa devido ter sido fundada pelo Padre Cícero Romão Batista. Podemos afirmar vendo as próprias entrevistas dos romeiros que expressão claramente o que entendem pela terra do Padim.

comportar os sucessivos mortos da população numericamente significativa que hoje forma a cidade de Juazeiro do Norte.

A capela onde se encontram sepultados os restos mortais do Padrinho Cícero está interligada ao cemitério, o que “santifica” ainda mais o local, devido ao fato de ele ter sido conduzido ao seio da mãe terra no mesmo local em que descansam muitos dos seus afilhados.

A dinâmica do sagrado embala o dia a dia da vida da cidade do “Padim”, dando cores a um cenário que não se desmancha, mas, ao contrário, ganha roupas novas em um mundo real que não deixa de ter o seu lado encantado e os seus taumaturgos.

3.6 Templos: lugar convergente de simbologias e estratégias antropológicas.

O templo se torna o lugar da permuta de valores; no caso do leigo que procura a divindade para cumprir o prometido, por intermédio do produto adquirido através da promessa outrora verbalmente oficializada. A ideologia religiosa tem seu poder, haja vista se torna habito difícil de ser desconstruído, pois alimentada pelo preceito, é algo incutido na mente do crente, a partir dos rituais. O rito alimenta a crença, difunde a perpetuação do religioso_, que torna o leigo afeito e carente do mistério numinoso. O leigo age dentro do perímetro religioso oficial, denota certa subversão religiosa; pois sincrético, mesmo quando faz parte de determinado credo, constituído a saber, oficial.

Por exemplo, tomemos certas religiões como as do Egito, da Índia ou da antiguidade clássica, É uma barafunda obscura de cultos múltiplos, vaiáveis segundo as localidades, os templos, as gerações, as dinastias, as invasões etc. As superstições populares estão misturadas aos dogmas mais refinados. Nem o pensamento nem a atividade religiosa encontram-se igualmente distribuídos entre a massa, de fieis. conforme os homens, os meios, as circunstâncias, tanto as crenças como os ritos são percebidos de maneiras diferentes. Aqui encontramos padres, naquela parte monges, e, mais longe, leigos. (BOURDIEU, 2011, p. 41).

No âmbito religioso existe segregação, visto ser definida a função social de cada classe, e por isso, desde a administração do religioso, até o consumo da ideologia produzida pela cúpula institucional, posto ser difundida para a classe laica a partir da administração do culto, persuadindo a classe raramente afeita ao senso crítico. Ora, a religião como fora dito, não se configura como pura, todavia possui força motriz, que difundida no culto, torna o peregrino no seu ponto de vista, fiel aos princípios doutrinários.

Em Juazeiro do Norte a veneração ao Padre Cícero, sendo algo extraoficial, ou não canônico, se constitui como “subversão”, pois prescinde da legalidade eclesial. O peregrino não leva em conta o interdito eclesiológico, (por sinal raramente exposto pelo clero), pois o habito religioso, se torna oficial quando o peregrino adentra a cidade do Padre Cícero, faz do culto algo miraculoso. É claro que a Igreja se apropria do culto e não intervém; afinal, pois o simbolismo do crente, ou capital religioso, deixa rastro financeiro sensível. Existe certo monopólio do sagrado, sobretudo na romaria, pois a hierarquia romanizada se efetiva e tem seu valor pré-estabelecido, sobretudo funcional: bispo, padres, consagrados, comunidades religiosas e por fim romeiros, ou leigos.

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, ao duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre o sagrado e o profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma profanação objetiva (ou seja, a magia ou a feitiçaria como religião dominada), quer se trate da profanação intencional (a magia como anti-religião ou religião invertida). (BOURDIEU, 2011, p. 43).

A religião (católica) como sistema simbólico, tem poder representativo muito forte na mente do leigo crente, a saber, institucionalmente comprovada, pois prescreve o que é sacro e profano; todavia não consegue totalmente dissipar o costume sincrético do peregrino. Por isso, a Igreja em Juazeiro do Norte, mesmo numa circunscrição católica; a devoção ao próprio Padre Cícero, se torna subversiva, pois o culto não é legitimamente canônico. O leigo subverte as regras, pois pouco importa o Padre Cícero ser canonizado ou não, o fato de ser padre, dispensa a promulgação oficial de Roma. Ora, não há retaliação mais suntuosa ao culto popular ao Padre Cícero, por causa da dimensão utilitária que a crença produz. O capital simbólico é convertido em finanças, que suplanta a idolatria, torna o leigo útil, livre para cultivar sua crença, supostamente aceita.

Por todas estas razões, a religião esta predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe. em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização). (BOURDIEU, 2011, p. 47).

Por ser portadora da função de manipular o sagrado por meio da consagração do produto temporal, se reconstrói na sociedade a delimitação do que se torna lícito ou impróprio. O sagrado é materializado história, e tem seus representantes, institucionalmente aptos a administrar o numinoso, e apascentar a grei que lhes fora confiada. No caso das romarias, a sacralidade da cidade se entrelaça com o profano, que no ato da bênção oficial, não se distinguem, tampouco se repelem. Existem interesses políticos e partidários, imbricados e propositadamente velados em preces e rogos, que inculcados pelo leigo, se torna a tônica de uma espécie de padroado, em que o político e o padre se mistura em virtude da aceitação do leigo, que atribui a honradez do político ao seu elo com o sagrado.

Compreendido como algo divino, o sagrado existe antes que o homem, cuja essência transcende o mundo mortal. No tocante ao sagrado, enquanto elemento que pode ser manipulado ou manuseado, existem os agentes, ou “homens” do sagrado, que fazem a mediação do mortal com o imortal. Tais sujeitos foram escolhidos entre as demais pessoas para adentrar o campo divino tanto para levar algo daqui como para trazer alguma coisa de lá. E nesse campo de trabalho encontram-se os sacerdotes que, para o romeiro, têm atuação significativa por terem sido escolhidos do meio do próprio povo para servirem aos seus.

Se a religião cumpre funções sociais, tronando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. (BOURDIEU, 2011, p. 49).

O romeiro vê a figura do padre como um amigo de Deus, pessoa de tamanha credibilidade que também a ele apresenta seus pedidos ou rogos.

O sacerdote, que foi tirado do meio do povo, faz o romeiro lembrar-se do “Padim Ciço” que também nasceu entre eles e Deus o tirou do meio dos seus para que ele ajudasse a tornar o céu algo possível.

Raramente de batina preta, mas muito fácil de serem identificados por algum sinal³⁸, os homens do sagrado têm uma rotina normal como a de qualquer cidadão,

³⁸ É comum encontrar padres transitando pelas ruas de Juazeiro do Norte em período de romarias, embora poucos usem batina. Alguns são identificados pela forma de se expressar, por portarem um crucifixo preso ao pescoço ou por algo bem peculiar aos padres, que permitem que os romeiros, ao olhá-los, tenham a intuição de que aqueles homens são sacerdotes.

embora devam estar alerta e à disposição dos fiéis também nos domingos e dias santos, pois em sua agenda os dias de descanso diferem dos demais trabalhadores.

Os homens do sagrado estão ali, na comunidade, em contato direto com a massa de romeiros. Era assim o Padre Cícero que, na sua maneira simples de ser, parece ter exalado um perfume de um padre diferente que, segundo muitos, se perpetua até os dias de hoje. Sem deixar de constituir exagero e erro, ele chega a ser considerado por alguns romeiros como a quarta pessoa da Santíssima Trindade.

Ser capaz de perceber a humanidade do Padre Cícero implica poder compreender que tantos outros sacerdotes, tão humanos quanto ele, não estão isentos de também buscarem viver a dimensão da santidade. O romeiro que vem ao Juazeiro do Norte vê na pessoa do padre um santo em potencial, tanto quanto para ele o Padre Cícero é santo, um santo real que podia ser tocado. Em Juazeiro a pessoa do padre goza de prestígio, respeito e admiração por parte dos romeiros. Tal forma de considerá-lo foi construída como um desdobramento da forma como é visto o “santo do Nordeste”.

As indumentárias usadas pelos sacerdotes chamam a atenção do romeiro devido ao fato de elas serem portadoras de uma riqueza de detalhes e de muito brilho, o que faz de quem as usa a pessoa mais importante diante do romeiro que se veste com simplicidade. Tocar a veste do sacerdote ou lhe tomar a bênção é como poder tocar no “divino”: o romeiro direciona ao padre uma santidade que ele não percebe em si, embora seja considerado homem de Deus, homem de bênçãos, homem que apaga os pecados, que leva as suas preces a Deus. Visto pelos romeiros como muito íntimo do divino, muitas vezes não é vista primeiramente a condição humana do sacerdote, mas, sim, o que ele é a partir daquilo que lhe é mais fortemente configurado pelo altar: o padre é o homem do sagrado.

O romeiro não tem, costumeiramente, uma visão dualista do homem e do padre, ele não distingue a figura do homem, pois vê o padre que é homem. O sacerdócio reveste o homem de uma roupagem que não permite o romeiro ver primeiramente o homem que, assim, perde sua identidade civil e ganha, anteposto ao seu nome, o título de *padre*. É essa a ótica disseminada a respeito da figura do sacerdote.

A reverência prestada ao sacerdote pelos romeiros é incomensurável. Eles demonstram a necessidade de falar, tocar e de ser ouvido quando, de joelhos, faz suas confissões, cujo espaço é destacado durante as romarias. O falar, assim como o ouvir, traz alívio e realização para o romeiro que volta para sua casa com a convicção de ter dito ao homem de Deus tudo que lhe pesava no coração. Em troca, agora, leva consigo as

palavras daquele homem que, assim como fazia o “Padim”, escuta a voz de Deus e a interpreta com mais clareza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como enfoque a relação intrínseca estabelecida entre o sagrado e o profano na Cidade de Juazeiro do Norte. É bastante óbvia a utilização da figura taumaturga do Padre Cícero como ícone “sacro” ao qual muitas vezes se recorre como refúgio utilitário para sanar variadas dificuldades, sejam elas de ordem econômica, política, religiosa e/ou social. Em todos os aspectos da história de Juazeiro do Norte há um lugar reservado para a imagem do “padim”, cuja presença espiritual acompanha tanto o comércio formal – que o utiliza para atrair clientes – quanto os mercados sazonal e religioso, os três com o mesmo interesse: o lucro.

Neste fluxo de relações sócio-econômicas se entrelaça o religioso, que reproduzido propositadamente, atinge seu ofício, por meio da satisfação recíproca entre o produtor do bem simbólico; aquele que difunde e quem consome. Ora, a representação religiosa, se mantém por meio da linguagem impressa, tanto na fala do padre (oratória, homilia, conversa com os peregrinos), que persuade o interlocutor (romeiro), como nos objetos sacros, existentes nos templos, ou adquiridos no mercado sazonal, todavia bento pelo clérigo, aliás de valor perene; para o uso cotidiano, nos seus respectivos domicílios, tendo em vista interesses terrenos (curas, prosperidade, etc).

A dialética da romaria, a saber, é crivada pelo jogo de interesses, de rituais sacros, que corresponde à persuasão por intermédio do simbólico, que tem força indizível na mentalidade do peregrino. A ideologia retrata seu objetivo, na síntese lucrativa, que converge para o desfecho da estação romeira. O sacro, serve como suporte transcendental para equacionar o factual, no caso do capital, que depositado nos templos, serve de base imanente para ratificar o capital simbólico, transfigurado em bens econômico.

Neste parâmetro, Juazeiro do Norte além de ser símbolo de religiosidade, como “capital da fé”, também adquiriu os requintes de uma cidade cujo comércio é pródigo. A região do Cariri, que tem como perímetro desenvolvimentista a cidade de Juazeiro do Norte, atrai gente de todo o Cariri, do sertão central e de outros estados, que investem seus recursos em variadas atividades. O comércio depende da figura do Padre Cícero; aliás, ele é a arquitetura ideológica que sustenta a prosperidade econômica da região, o que entrelaça as dimensões do sagrado e do profano que, assim, acabam por ficar juntas e misturadas.

As estações romeiras obedecem a um calendário religioso, rigorosamente observado pela cidade que se prepara para receber os peregrinos. São épocas fartas em finanças, dado que a multidão dinamiza o comércio local, pois ela não chega à terra do Padre Cícero sem capital; afinal, quando do retorno a seus lugares de origem, pelo menos uma lembrança será conduzida para algum parente que não pode vir à romaria. É vultosa a quantia de dinheiro injetada na região, visto serem quatro festas por ano, sem esquecer que mesmo fora do calendário, nas chamadas épocas comuns, Juazeiro do Norte continua a receber peregrinos.

Os lugares católicos, como igrejas, santuários, Horto e sepulcro ficam repletos, de forma que uma aura espiritual parece deles tomar conta, tudo isso paralelamente à dinâmica econômica, pois a religiosidade visa também aferir lucros, uma vez que é patente o apelo para que ofertas sejam depositadas nos cofres dos lugares sagrados, tanto quanto os comércios formal e informal que pleiteiam vultosas quantias. A figura do Padre é regra jamais burlada na cidade, pois implica retorno econômico. Prova disso, é o fato de apesar de a eclesiologia católica não reconhecer o Padre Cícero como digno da honra dos altares, ele é utilizado como figura emblemática das romarias, nas quais é mencionado como símbolo maior de fé. O romeiro vem a Juazeiro do Norte não por causa da Igreja; mas pela mística advinda da figura do Padre Cícero, que inunda o imaginário popular e confere à cidade a condição de reduto sagrado, de lugar redentor no qual podem ser expiados os pecados cometidos em outros territórios brasileiros. O contato com a terra do Padre Cícero torna-se, para o romeiro fiel, simbolicamente uma inserção no universo celeste, ainda que em vida. Por sua vez, para o comércio local, significa espaço propício para o desenvolvimento econômico, através da venda de objetos sagrados, os mais variados; ao mesmo tempo, nos templos, penitências e ofertas são depositadas para manifestar o reconhecimento do fiel por graças conseguidas.

Não raro, os templos ficam cheios. Embora o calor do semiárido seja causticante, a estação romeira não subtrai o fluxo dos peregrinos. São visíveis as estratégias para extrair do romeiro o sentimento de uma gratidão que se materializa; nesse sentido atuam os acólitos das igrejas e santuários. O lucro inunda o comércio e, igualmente, se estende às igrejas. O sagrado, que flui no templo, ganha corpo em cada setor comercial, o que evidencia, na prática, o estabelecimento de uma interdependência cujo enlace se efetiva.

Esse mistério que, na estação das romarias, fecunda a cidade de Juazeiro do Norte ultrapassa qualquer tipo de especulação acadêmica, visto que a argúcia das análises

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- ANAIS do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele? / Dumoulin, A. Guimarães, A. T., Forti, M.C.P. (Ed.) 18 a 22 de julho em Juazeiro do Norte – CE, 2004.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 2010.
- ARAUJO, Maria de Lourdes de. **A Cidade do Padre Cícero: Trabalho e Fé.** Fortaleza: IMEPH, 2011.
- AQUINO, Felipe. **Ciência e fé em harmonia.** São Paulo: Cleófas, 2009.
- BARBOSA, Walter. **Padre Cícero: pessoas, fotos e fatos.** 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- BARRETO, Murilo de Sá. **Padre Cícero.** São Paulo: Loyola, 2003.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; APARECIDA, Neide de Sousa Lehfeld. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARROS, Luitigarde Oliveira Cavalcanti. **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro: autonomia político-administrativa.** Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012. vol. II.
- BARTHOLOMEU, Floro. **Juazeiro e o Padre Cícero: depoimento para a História.** Fortaleza: Edições URCA; Edições UFC, 2010.
- BEM FILHO, Mario. Juazeiro do Norte – **Seu Espaço Físico: bairro, loteamentos, escolas, praças, vias, igrejas, mapa urbano.** Juazeiro do Norte – Ceará: Editora ABC, 2007.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado.** São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre, 2011, **A economia das trocas simbólicas.** Organização e seleção Sergio Mixwli. 7. ed. São Paulo: Perspectiva. (Coleção estudos; 20).
- CAVALCANTE, Anair Holanda. **A construção de práticas e saberes em saúde dos romeiros do “Padim Ciço”.** Fortaleza: IMEPH, 2011.
- CASIMIRO, Antônio Renato Soares de. **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro: a questão religiosa.** Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012. vol. I.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense.** Fortaleza: IMEPH, 2011.
- CARTA PASTORAL. **Romarias e reconciliação.** Dom Fernando Panico. Crato, 2003.
- COMBLIM, José. **Padre Cícero de Juazeiro.** São Paulo: Paulus, 2011.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto; LIMA, Aloísio da Silva In: **TENDÊNCIAS: CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI.** Olhares e Saberes para compreender o fenômeno Padre Cícero; Vol. 2. N. 1. (Julho/2004) – Crato 2004.
- _____. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte.** Fortaleza: IMEPH, 2011.
- CRUZ, Eduardo. **A persistência dos deuses.** São Paulo: UNESP, 2004.
- DINIS, M. **Mistérios do Joazeiro.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: WMF Martins Ltda, 2010a.
- _____. **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Ltda, 2010b.
- _____. **Mitos, sonhos e mistérios: perspectivas do homem**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010c.
- _____. **História das crenças e das idéias religiosas**. Vol. I – Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010d.
- FEITOSA, Neri. **Padre Cícero e Juazeiro: textos reunidos**. Fortaleza: IMEPH, 2011
- FILORAMO, Giovanni. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 2007.
- FIGUEIREDO FILHO, Odílio. **Um juazeiro de expressão**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- GARCÍA BAZÁN, Francisco. **Aspectos incomuns do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “Santo” no Catolicismo Popular**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- GUIMARÃES, Fausto da Costa. **Memórias de um romeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso**. São Paulo: Attar Editorial, 2005.
- HUNT, E. K.; SHERMAN, H. **História do pensamento econômico**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2010.
- LIRA NETO. **Poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2010.
- LUIS, José. **O fenômeno religioso: símbolos, mitos e ritos das religiões**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MORALEDA, José. **As novas seitas hoje: novos movimentos religiosos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- NOBRE, Edianne. **O teatro de Deus: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- NOGUEIRA, Delane Lima. **Amália Xavier e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: registros sobre a constituição de uma cultura docente para a educação no campo**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PANICO, Dom Fernando. **PETIÇÃO OFICIAL ao Santo Padre Papa Bento XVI – Reabilitação Canônica de Padre Cícero Romão Baptista, 30/08/2006**.
- PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

- PINHEIRO, Irineu. **O Joaseiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- SALATIEL, Francisco de Alencar Barbosa. **O joaseiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar Editorial, 2007.
- SILVA, Mirelle Araújo da. **O lavrador: a função do jornal na formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio, discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Vozes; CID, 1996.
- SOUSA, Cássia Félix. **A casa dos milagres: Padre Cícero e os ex-votos**. Universidade Regional do Cariri – Crato, fevereiro de 2008. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em História.
- TERRIN, Aldo Natale. **Sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões**. São Paulo: Loyola, 1998.
- TENDÊNCIAS: CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. Olhares e Saberes para compreender o fenômeno Padre Cícero; Vol. 2. N. 1. (Julho/204) – Crato 2004.
- REVISTA ESPECIAL CENTENARIO DE JUAZEIRO – CEARÁ E MUNICIPIOS INFORMAÇÃO E POLITICA ANO XV – Nº 103 – JULHO 2011 JUAZEIRO DO NORTE CAPITAL DA FÉ E DO TRABALHO
- <http://pt.shvoong.com/law-and-politics/1711935-conceito-pol%C3%ADtica-em-arist%C3%B3teles/e>. Acesso em 17/04/2012.
- <http://blogdocrato.blogspot.com.br/2011/05/padre-cicero-o-filho-mais-ilustre-do.html>. Acessado em 12 de março de 2013 as 15hs e 07 minutos.
- http://www.juazeiro.ce.gov.br/secretaria/seplad/perfil_socioeconomico>. Acesso: 26 jun. 2011.
- <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1002358>. Acesso em 26.06.2011.
- <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1002358>. Acesso em 26.06.2011.
- <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=785572>. Acesso em 26.06.2011.
- <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=785572>. Acesso em 15.05.2010.
- <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=900234>. Acesso em 03.03.2013.
- <http://www.caririnoticia.com.br/2011/05/juazeiro-do-norte-ce-economia-em-expansao-grandes-empreendimentos-compoem-o-comercio-local.html>. Acesso em 26/09/2012.
- <http://www.significados.com.br/epifania/>. Acesso em 03.03.2013.
- http://www.suapesquisa.com/o_que_e/conurbacao.htm. Acesso em 03.03.2013.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1- Por que você vem ao Juazeiro do Norte?
 - 2- O que a cidade de Juazeiro do Norte, enquanto terra pisável, significa pra você?
 - 3- Quantas vezes por ano você vem ao Juazeiro do Norte?
 - 4- O que significa entrar em Juazeiro do Norte jogando bombons para o povo e dando aquelas voltas dentro do Santuário de São Francisco, buzinando o ônibus em toda altura?
 - 5- O que é que você entende por sagrado e por profano?
 - 6- Você poderia me dar um exemplo de algo sagrado e algo profano que você presenciou durante suas romarias?
 - 7- Quando você está passeando pelas ruas de Juazeiro do Norte, o que mais lhe chama atenção para entrar e comprar nas lojas da cidade?
 - 8- Como você se sente tratado pelos vendedores do comércio em Juazeiro do Norte?
 - 9- Em sua visão de romeiro, como você analisa o desenvolvimento de Juazeiro do Norte durante esses seus anos de romaria?
 - 10- Quando você está viajando de sua terra natal para Juazeiro do Norte, em pau de arara ou ônibus, o que sente e o que mais passa pela sua cabeça até chegar à terra do “Padim”?
-